

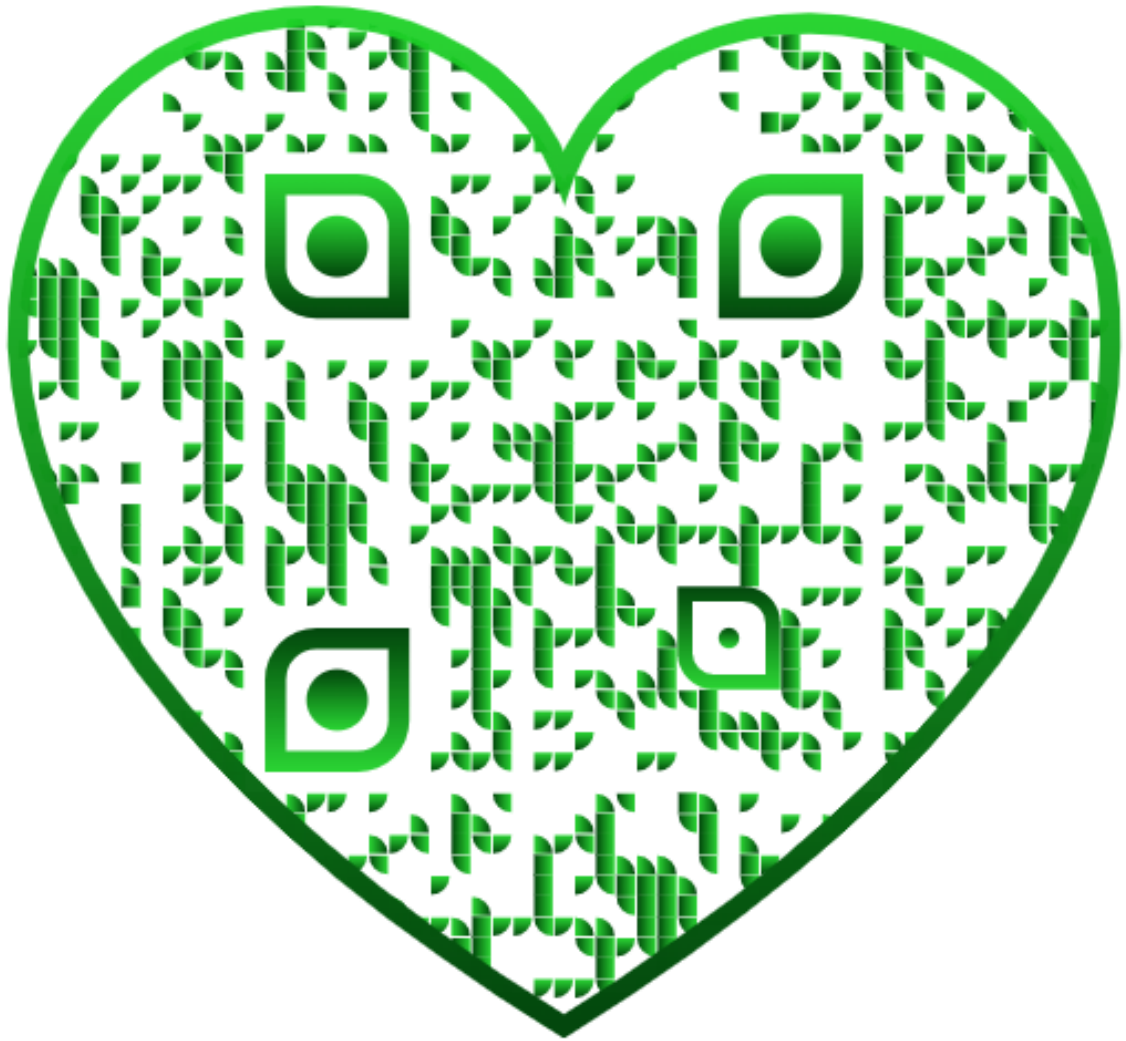


Autora bestseller de *Os Catadores de Conchas*

ROSAMUNDE
PILCHER

A Casa Vazia





DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

Rosamunde Pilcher

A casa vazia

7º edição

Tradução
A. B. Pinheiros Lemos



Digitalização, Revisão e Formatação: Vick

Copyright © 1973 by Rosamunde Pilcher

Título original: *The Empty House*

Capa: Leonardo Carvalho

Editoração eletrônica: Imagem Virtual

2005

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.**

Pilcher, Rosamunde, 1924-

P686c A casa vazia / Rosamunde Pilcher; tradução de A. B. Pinheiro

7- ed. de Lemos. - 7⁸ ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

208p.

Tradução de: The empty house

ISBN 85-286-0742-9

1. Romance escocês. I. Lemos, A. B. Pinheiro de (Alfredo Barcelos Pinheiro de), 1938- . II. Título.

CDD-828.99113

99-1583 CDU-820(411)-3

Todos os direitos reservados pela

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 - 1^o andar - São Cristóvão

20921-380 - Rio de Janeiro - RJ

Tel: (0XX21) 2585-2070 Fax: (0XX21) 2585-2087

Capítulo 1

Eram três horas de uma tarde de segunda-feira em julho, ensolarada e quente, o ar com a fragrância de feno, refrescado por uma brisa marinha que soprava do norte. Do alto da colina, onde a estrada fazia uma volta e passava sobre Carn Edvor, a terra descia suave em direção aos penhascos distantes. Era uma área agrícola, com faixas de tojos amarelos, interrompidas por afloramentos de granito, formando uma colcha de retalhos, com dezenas de pequenos campos. Isso mesmo, como uma colcha, pensou Virgínia, contemplando as pastagens, como pedaços de veludo verde, o dourado esverdeado do feno recém-cortado como cetim reluzente, o dourado um pouco rosado do trigo ainda no pé, como uma coisa macia e felpuda, para ser tocada e afagada.

Era tudo muito tranqüilo. Mas quando ela fechou os olhos, os sons da tarde de verão se intrometeram, destacados uns dos outros, clamando por sua atenção. O zumbido do vento, suave em seus ouvidos, ondulando as samambaias. Um carro subindo pela longa encosta, desde Porthkerris, mudou a marcha, aparecendo na estrada. Bem de longe vinha aquele agradável som do verão, o murmúrio de abelhas das colheitadeiras. Virgínia abriu os olhos e contou três máquinas, todas reduzidas pela distância ao tamanho de brinquedos, vermelhas e reluzentes, como os carrinhos que Nicholas empurrava pelo tapete de seu quarto.

O carro subindo pela estrada apareceu no alto da colina, chegando devagar; as ocupantes, inclusive a motorista, olhavam pelas janelas abertas a vista maravilhosa. Os rostos estavam vermelhos, queimados pelo sol, os óculos faiscavam, os braços se projetavam de blusas sem mangas. O carro parecia lotado. Ao passar pelo refúgio à beira da estrada em que Virgínia deixara seu carro, uma das mulheres no banco traseiro virou o rosto e avistou-a observando-as da encosta. Por uma fração de segundo seus olhos se encontraram. Logo o carro se afastou, depois contornou a curva seguinte e seguiu para Land's End.

Virgínia olhou para seu relógio. Três e quinze. Suspirou, levantou-se, limpou a poeira e fragmentos de samambaias de sua *jeans* branca, e desceu a encosta de volta ao seu carro. O banco de couro ficara muito quente com o calor do sol. Ela ligou o carro e começou a voltar para Porthkerris, imagens ao acaso aflorando em sua mente. De Nicholas e Cara, encarcerados no estranho quarto de crianças em Londres, levados a Kensington Gardens todos os dias por Nanny, a babá; ao Zoológico e ao Museu do Vestuário, além de filmes apropriados, pela avó. Deveria estar bem quente em Londres, o ar abafado, parado. Ela se

perguntou se teriam cortado os cabelos de Nicholas. Talvez devesse comprar para ele uma colheitadeira em miniatura e mandar com uma carta maternal, adequada e informativa:

Vi hoje três dessas máquinas trabalhando nos campos em Lanyon. Pensei em você e achei que gostaria de ganhar uma miniatura, para saber como funciona.

Uma carta que Lady Keile lia em voz alta, com a devida aprovação, porque Nicholas, preguiçoso da cabeça aos pés, não via motivos para perder tempo na tentativa de decifrar a letra da mãe se a avó sempre se mostrava disponível e disposta a ler tudo para ele. Virgínia pensou na outra carta, a que estava em seu coração.

Meu querido filho, sem você e sem Cara sinto que perdi a razão, perdi o rumo na vida. Pego o carro e saio para dar voltas pela região, porque não consigo pensar em nada mais para fazer. O carro me leva a lugares que conheci no passado. Fico olhando e me pergunto quem guia a enorme colheitadeira, fazendo os fardos de feno, quadrados e compactos, como embrulhos impecáveis.

As antigas casas de fazenda, com seus estábulos grandes e galpões anexos, sucediam-se pelos oito quilômetros da costa, como pedras não-lapidadas num colar irregular. Não dava para saber onde terminavam os campos de Penfolda e começava a fazenda vizinha. E as máquinas se encontravam tão distantes que era impossível adivinhar a identidade dos homens que as guiavam, ou dos vultos mínimos que caminhavam atrás, levantando os fardos com forcados, para deixá-los secando sobre estacas, ao sol de meados do verão.

Virgínia nem mesmo tinha certeza de que ele ainda vivia ali, se ainda cultivava os campos de Penfolda. Mas não podia imaginá-lo em qualquer outro lugar do mundo. Deixou a imaginação focalizar, como a lente de uma enorme câmera, a cena movimentada. Os vultos entraram em foco, imensos e nítidos. Lá estava ele, no comando da colheitadeira, as mangas da camisa arregaçadas, deixando à mostra os braços bronzeados, os cabelos despenteados pelo vento. E porque havia perigo em chegar muito perto, Virgínia tratou de presenteá-lo com uma esposa, imaginou-a andando pelos campos, carregando um cesto, com uma garrafa de chá, talvez um bolo de frutas para oferecer. Usava um vestido rosa de algodão e um avental azul. As pernas à mostra, compridas, eram bronzeadas.

Sra. Eustace Philips. Sr. e sra. Eustace Philips, de Penfolda.

O carro passou pela crista da colina. A baía e as praias brancas, com os promontórios distantes, estenderam-se à frente de Virgínia. Lá embaixo,

derramando-se em torno da taça azul que era o mar, ficavam as casas agrupadas e a torre da igreja normanda de Porthkerris.

A Wheal House, onde os Lingards moravam e Virgínia se hospedava, situava-se no outro lado de Porthkerris. Se ela fosse uma estranha, nova no distrito e visitando-o pela primeira vez, seguiria pela estrada principal, que levava direto à cidade e saía pelo outro lado. Com isso, ficaria irremediavelmente retida no tráfego que se arrastava, no meio de hordas de turistas a esmo derramando-se das calçadas estreitas, ou parados em esquinas estratégicas, tomando sorvete, escolhendo cartões-postais, admirando as vitrines cheias de peixes de latão, sereias de cerâmica e outros horrores considerados apropriados para *souvenirs*.

Mas Virgínia, por não ser mais uma estranha, saiu da estrada muito antes de as casas começarem a aparecer. Pegou o caminho estreito entre sebes altas, que subia sinuoso e passava por cima do morro atrás da cidade. Era o caminho mais distante para chegar em casa, jamais usava um atalho, mas que acabava voltando à estrada principal, através de um túnel de rododendros, a menos de cinquenta metros da entrada de Wheal House.

Um portão de barras brancas e um caminho tosco subia entre sebes de escalônias de flores róseas. A casa era neogeorgiana, com proporções agradáveis, um pórtico de frontão triangular sobre a porta da frente. O caminho passava entre gramados aparados e canteiros de flores, o ar impregnado com a fragrância dos goivos. No instante em que Virgínia parou o carro, à sombra da casa, soou uma cacofonia estridente de latidos. Dora, a velha *spaniel* de Alice Lingard, saiu pela porta da frente aberta, depois de levantar-se do chão encerado do vestíbulo em que deitara por ser frio.

Antes de entrar, Virgínia se abaixou para cumprimentá-la e afagá-la. Tirou os óculos escuros, porque a casa parecia imersa na escuridão, depois de toda a claridade do lado de fora.

No outro lado do vestíbulo, as portas de vidro estavam abertas para o pátio, virado para o sul e recebendo todo o sol, por isso mesmo um dos lugares prediletos de Alice, a não ser no auge do inverno. Hoje, por causa do calor, ela desenrolara os toldos de listras finas. As cadeiras de lona e a mesa baixa, preparada para o chá, exibiam sombras projetadas pelos toldos.

A correspondência da tarde estava na mesinha de centro do vestíbulo. Duas cartas para Virgínia, ambas com o carimbo postal de Londres. Colocando a bolsa e os óculos na mesinha, pegou as cartas. Uma de Lady Keile e a outra de... Cara. As letras em itálico, que ela aprendera a escrever na escola, eram meticulosas, familiares e adoráveis.

Sra. A. Keile,
a/c Sra. Lingard,
Wheal House,
Porthkerris Cornualha

* * *

Nenhum engano, nenhum erro de ortografia. Virgínia se perguntou se a filha conseguira preencher o endereço sozinha, ou se Nanny tivera de ajudá-la. Com as cartas na mão, ela atravessou o vestíbulo e saiu para o pátio, onde sua anfitriã, sentada e reclinada numa *chaise-longue*, graciosa, costurava um cordão de seda pela beira do quadrado de uma capa de veludo coral para almofada. Em seu colo, a cor parecia uma enorme pétala de rosa. Alice levantou os olhos.

— Ah, você voltou! Eu já me perguntava o que havia acontecido com você. Pensei que tinha ficado presa no congestionamento.

Alice Lingard era uma mulher alta e morena, próxima dos trinta e cinco anos, o corpo firme e sólido em contradição com os braços e pernas compridos e esguios. Era o que Virgínia sempre pensara de uma amiga de meia-idade... embora Alice não fosse de meia-idade, no sentido mais estrito do termo. Pertencia à geração intermediária entre Virgínia e sua mãe. Era uma velha amiga da família. Há muitos anos fora uma pequena dama de honra no casamento da mãe de Virgínia.

Alice também casara, há cerca de dezoito anos, com Tom Lingard, que na ocasião era um jovem prestes a assumir o comando da pequena empresa da família, Lingard Sons, especializada na fabricação de maquinaria pesada, na cidade próxima de Fourbourne. Sob a presidência de Tom, a firma se expandira e prosperara. Depois de várias operações bem-sucedidas de incorporação de outras companhias, controlava agora interesses que se estendiam de Bristol a St. Just, incluindo direitos de mineração, uma pequena empresa de transporte marítimo e a venda de máquinas agrícolas.

Nunca tiveram filhos, mas Alice desviara seus talentos domésticos naturais para a casa e o jardim. Ao longo dos anos, transformara o que fora antes apenas uma construção sem graça — e sem nada de imaginativo — numa casa encantadora, com um jardim que a todo instante era fotografado e comentado pelas editoras de jardinagem das revistas mais elegantes. Dez anos antes, quando Virgínia e sua mãe chegaram à Cornualha para passar a Páscoa com os Lingards, o trabalho apenas começara. Agora, como não visitara a Wheal House desde então, Virgínia mal reconhecera a propriedade. Tudo fora alterado, com a maior

sutileza, as linhas retas haviam se tornado curvas, os contornos e limites removidos de uma maneira mágica. Muitas árvores haviam crescido, projetando longas sombras nos gramados planos, que pareciam se estender muito além do que a vista podia alcançar. O antigo pomar fora convertido num jardim silvestre, com um emaranhado das roseiras mais fragrantes e antiquadas. Onde antes havia fileiras obedientes de pés de vagem e framboesiras, agora se erguiam magnólias de pétalas cremosas e azaléias de perfume inebriante, mais altas do que um homem podia alcançar.

Em termos domésticos, porém, o pátio era o projeto mais bem-sucedido de Alice, nem casa nem jardim, mas com o charme combinado de ambos. Gerânios derramavam-se de jardineiras, e uma treliça começara a ser escalada por uma clematite de flores purpúreas. Alice decidira pouco antes que também cultivaria algumas parreiras. Agora, vasculhava os cérebros dos amigos e obras de referência, à procura da melhor maneira de realizar seu novo projeto. Sua energia parecia inesgotável.

Virgínia puxou uma cadeira e arriou nela, surpresa ao descobrir como se sentia quente e cansada. Tirou as sandálias e, levantando os pés, colocou-os sobre um banquinho à sua frente.

— Não passei por Porthkerris.

— Não? Mas pensei que tivesse saído para ir ao correio.

— Só queria alguns selos. Posso comprá-los em outra ocasião. Havia tantas pessoas na cidade, tantos ônibus de turismo, tanta gente se comprimindo e suando, que me senti claustrofóbica e resolvi não parar. Segui em frente.

— Posso lhe emprestar os selos de que precisar — ofereceu Alice. — Deixe-me servir o chá.

Ela largou a costura e sentou na *chaise-longue* para pegar o bule. O vapor elevou-se da xícara delicada, fragrante, revigorante.

— Leite ou limão?

— Limão seria delicioso.

— E muito mais refrescante, em minha opinião, num dia quente.

Alice entregou a xícara a Virgínia e tornou a se recostar.

— Para onde você foi?

— Hem? Ahn... para o outro lado...

— Land's End?

— Não tão longe. Só fui até Lanyon. Parei o carro num abrigo e subi um pouco pela encosta. Sentei no meio das samambaias e fiquei contemplando a paisagem.

— O lugar é lindo — murmurou Alice, tornando a pegar a costura.

— Estão colhendo o feno nas fazendas.

— É a época.

— Nunca muda, não é? Estou falando de Lanyon. Não há casas novas, nem estradas novas, nem lojas diferentes, nenhum parque para *trailers*.

Virgínia tomou um gole do esaldante chá Lapsang Souchong. Depois, com todo cuidado, colocou a xícara e o pires no chão pavimentado, ao lado da cadeira.

— Alice, Eustace Philips ainda cuida de Penfolda? No mesmo instante, Alice parou de costurar, levantou a mão para tirar os óculos escuros e fitou Virgínia nos olhos. Havia um franzido de perplexidade entre as sobrancelhas escuras.

— O que você sabe sobre Eustace Philips? Como o conheceu?

— Sua memória está péssima, Alice. Foi você mesma quem me levou até lá... Você e Tom, que me levaram para um enorme churrasco nos penhascos, em Penfolda. Devia haver pelo menos trinta pessoas. Não sei quem organizou, mas grelhamos salsichas numa fogueira e tomamos cerveja de um barril. Ora, você não pode ter esquecido. Depois, a sra. Philips nos serviu um chá em sua cozinha.

— Agora que você explicou melhor, estou me lembrando. Fazia muito frio, mas foi maravilhoso. Ficamos observando a lua subir de trás de Boscovey Head. Posso recordar tudo. Mas quem foi que ofereceu a festa? Não pode ter sido Eustace, com toda certeza, pois ele andava sempre muito ocupado a ordenhar as vacas. Devem ter sido os Barnets... Ele era escultor e teve um estúdio em Porthkerris por dois ou três anos, antes de voltar a Londres. Sua mulher fazia cestos, cintos ou algo parecido. Eram bastante simples e informais. Tinham um monte de filhos, que nunca usavam sapatos. Viviam inventando as festas mais originais. Devem ter sido os Barnets... Mas que coisa extraordinária! Há anos que eu não pensava neles. E fomos todos para Penfolda.

Neste ponto, porém, a memória lhe faltou. Ela olhou para Virgínia com uma expressão aturdida.

— Ou será que não? Quem foi à festa?

— Mamãe não foi. Disse que não era o seu meio...

— E tinha toda razão.

— Mas você, Tom e eu comparecemos.

— Claro. Cobertos de agasalhos e meias. Não me lembro se usei um casaco de peles. Mas falávamos sobre Eustace. Quantos anos você tinha na ocasião, Virgínia? Dezesete? É curioso que tenha se lembrado de Eustace Philips, depois de todos esses anos.

— Não respondeu à minha pergunta. Ele ainda está em Penfolda?

— Como a fazenda pertenceu ao pai dele, ao avô e a outros antepassados, é só o que sei, você acha mesmo provável que Eustace pudesse pegar suas coisas

e ir embora?

— Tem razão. Observei os fazendeiros cortando o feno esta tarde e pensei que Eustace poderia estar guiando uma das colheitadeiras. Nunca mais o vi, Alice?

— Dificilmente. E não é porque não queremos, espero que compreenda. Mas Eustace é um fazendeiro trabalhador, e Tom vive sempre muito ocupado por ser um industrial. Por isso, seus caminhos não se cruzam com frequência. Às vezes eles se encontram numa caçada às lebres, ou na reunião do Boxing Day, a distribuição de presentes a empregados e servidores depois do Natal... essas coisas.

Virgínia tornou a pegar a xícara de chá e o pires, observando atentamente a rosa pintada no lado.

— Ele está casado — murmurou ela.

— Você diz isso como se estivesse enunciando um fato irrefutável.

— Não está?

— Não, não está. Jamais casou. Só Deus sabe por quê. Sempre o achei atraente, no estilo bronzeado de D. H. Lawrence. Deve ter havido muitas mulheres caídas por ele em Lanyon, mas Eustace resistiu a todas. Talvez prefira ficar sozinho.

A esposa de Eustace, imaginada com tanta rapidez, teve uma morte igualmente súbita, um fantasma soprado para o nada pelo vento frio da realidade. Agora, Virgínia contemplava a cozinha de Penfolda, sombria e desarrumada, com os restos da última refeição abandonados sobre a mesa, a pia cheia de louça, um cinzeiro transbordando de pontas de cigarro.

— Quem está cuidando dele?

— Não sei. A mãe dele morreu há cerca de dois anos, se não me engano... Não sei como está se virando. Quem sabe não tem uma empregada *sexy*? Ou uma amante doméstica? Não faço a menor idéia.

"E também não me importo nem um pouco", o tom de Alice insinuava. Ela acabara de costurar o cordão de seda. Deu então dois nós bem firmes, depois cortou a linha com um pequeno puxão.

— Está pronto. Não acha a cor divina? Mas está fazendo calor demais para costurar. — Alice largou tudo. — Ah, minha cara, acho que preciso me levantar para ver o que teremos no jantar. O que você diria a uma deliciosa lagosta fresca?

— Eu diria "muito prazer".

Alice levantou-se, projetando sua altura considerável ao lado de Virgínia.

— Viu suas cartas?

— Já estou com as duas.

Alice abaixou-se para recolher a bandeja.

— Vou deixá-la agora para ler as cartas em paz.

Como queria deixar a melhor carta para o final, Virgínia abriu primeiro a da sogra. O envelope era azul-escuro, forrado com um papel de seda azul-marinho. O papel de carta era espesso, e o endereço gravado em alto-relevo preto no alto.

Welton Gardens, 32, S.W. 8

Minha cara Virgínia:

Espero que esteja aproveitando ao máximo este tempo maravilhoso. E uma onda de calor e tanto. A temperatura passou ontem dos 32 graus. Imagino que está nadando na piscina de Alice. E uma grande alegria não ter de pegar o carro para ir à praia cada vez que quer dar um mergulho. As crianças estão muito bem e mandam seu amor. Nanny as leva para o parque todos os dias. Carregam tudo para o chá e comem lá mesmo. Fui com Cara à Harrods esta manhã, para comprar alguns vestidos novos. Ela está ficando cada vez mais alta, não cabe mais nos velhos. Um vestido é azul, com apliques de flores, o outro é rosa, com pequenos bordados. Tenho certeza de que você aprovaria. Amanhã as crianças vão a um chá na casa dos Manning-Prestons. Nanny aguarda ansiosa a oportunidade de uma boa conversa com a Nanny deles. Susan tem a idade apropriada para Cara. Seria ótimo se as duas se tornassem amigas. Transmita meus cumprimentos a Alice. Avise-me quando decidir voltar a Londres. Mas saiba que estamos indo muito bem aqui, pois não quero que interrompa suas férias por qualquer motivo. Você estava mesmo precisando.

Afetuosamente,

Dorothea Keile

Virgínia leu a carta duas vezes, dividida por emoções conflitantes. Duplos sentidos saltavam das entrelinhas das frases precisas, escritas com uma caligrafia meticulosa. Viu seus filhos no parque de Londres, cujos gramados se tornavam

amarelados pelo calor; viu-os exaustos e suados, perseguidos por cachorros. Viu o céu da manhã por cima dos telhados, quase branco de tanto calor, e uma menina pequena experimentando vestidos que não apreciava nem queria, mas educada demais para recusar. Viu a casa alta dos Manning-Prestons, no alto de uma ladeira, com o pátio pavimentado nos fundos, onde a sra. Manning-Preston costumava oferecer os seus famosos coquetéis. Cara e Susan seriam despachadas para brincar ali, enquanto as duas babás conversavam sobre pontos de tricô e como o novo pupilo de Nanny Briggs seria um terror. E viu Cara parada num canto, em silêncio, paralisada pela timidez, enquanto Susan Manning-Preston a tratava com o maior desdém... só porque Cara usava óculos, e por isso Susan a considerava uma idiota.

E "nós estamos indo muito bem aqui"... A declaração parecia completamente ambígua para Virgínia. A quem ela se referia como "nós"? Nanny e a avó? Ou também incluía as crianças, os *seus* filhos? Deixavam Cara dormir com o velho urso de pelúcia que Nanny jurava ser anti-higiênico? Lembravam sempre de deixar uma luz acesa, a fim de que Nicholas pudesse ir ao banheiro durante a noite? E sempre ficavam sozinhos, desorganizados, sujos, desmazelados, brincando nos cantos do jardim, empenhados em alguma brincadeira secreta e sem sentido, talvez com uma noz ou uma folha... e com toda a imaginação que existia em seus cérebros pequenos, tão espertos e desconcertantes?

Virgínia descobriu que suas mãos tremiam. Era uma tola ao permitir-se ficar naquele estado. Nanny cuidava das crianças desde que haviam nascido, conhecia todas as suas idiossincrasias... e ninguém melhor do que ela podia lidar com os súbitos acessos de raiva de Nicholas.

(Será que ele ainda teria aqueles ataques de raiva? Aos seis anos de idade, já não deveria ter deixado isso para trás? Que frustrações desencadeavam os ataques?)

E Nanny era gentil com Cara. Fazia roupas para as bonecas, tricotava echarpes e suéteres para os ursinhos de pelúcia com as sobras dos seus novelos de lã. E deixava Cara levar seu carrinho de boneca para o parque; sempre faziam a travessia junto do Albert Memorial. (Mas ela lia para Cara os livros que a menina amava? *Os Empréstadores* e *As Crianças do Trem*, cada palavra de *O Jardim Secreto*?) Nanny amava as crianças... ou apenas tomava conta delas?

Eram todas perguntas familiares, que ultimamente afloravam à cabeça de Virgínia com uma frequência cada vez maior. Mas que nunca tinham respostas. Mesmo sabendo que se esquivava de uma questão vital, ela tratava de reprimir a sua ansiedade, sempre inventando uma desculpa para si mesma. "Não posso pensar nisso agora, pois estou cansada demais. Talvez dentro de dois anos,

quando Nicholas entrar na escola, eu possa dizer à minha sogra que não preciso mais de Nanny; e direi a Nanny que é tempo de seguir em frente, procurar outra criança para cuidar. E talvez agora eu ande muito emotiva, não seria a companhia certa para as crianças. É melhor ficarem com Nanny. Afinal, ela vem cuidando de crianças há quarenta anos."

Como um sedativo conhecido, as desculpas esfarrapadas estavam sempre disponíveis, para embotar a consciência apreensiva de Virgínia. Ela guardou a carta no elegante envelope azul e pegou a outra, aliviada. Mas o alívio foi de curta duração. Cara tomara emprestado o papel de carta da avó, mas desta vez as frases não eram precisas, nem a caligrafia meticulosa. A tinta borrara o papel em alguns pontos, as linhas desciam para o lado, como se as palavras despençassem de uma maneira incontrolável.

Querida mãe

Espero que você esteja se divertindo. Espero que esteja fazendo um bom tempo aí. Faz calor em Londres. Tenho de ir e tomar um chá com Susan Maning Preston. Não sei do que a gente vai brincar. Ontem de noite Nicholas chorou e vovó deu uma pilula para ele tomar. Ele ficou todo vermelho. Um dos olhos de uma das minhas bonecas caiu e não consigo encontrar. Por favor você tem de me escrever logo e me avise quando vamos voltar para Kirkton.

Com amor de Cara

PS. Não esqueça de me escrever.

Virgínia dobrou a carta e guardou-a. Além do jardim, além do gramado, o azul da piscina de Alice faiscava como uma pedra preciosa. O ar fresco era povoado pelo canto dos passarinhos e a fragrância das flores. Ela podia ouvir no interior da casa a voz de Alice falando com a cozinheira, a sra. Jilkes, sem dúvida sobre a lagosta que comeriam ao jantar.

Sentia-se desamparada, totalmente deslocada. Pensou por um momento em pedir a Alice para trazer as crianças, mas no instante seguinte compreendeu que isso era impossível. A casa de Alice não fora projetada para crianças, sua vida não tinha lugar para cuidados infantis. Ela ficaria irritada quando Cara esquecesse de tirar as botas de borracha, ou quando visse Nicholas chutando sua

bola de futebol em seus amados canteiros de flores... ou "fazendo retratos" no papel de parede. Sem Nanny, com certeza ele se tornaria impossível. Sempre se mostrara duas vezes mais travesso quando Nanny não se encontrava por perto para vigiá-lo.

Sem Nanny... Eram essas as palavras mágicas. Sozinha. Ela precisava ficar com as crianças sozinha.

E, no entanto, o simples pensamento a enchia de medo. O que faria com as crianças? Para onde as levaria? Seus pensamentos sondaram ao redor, como sensores, à procura de idéias. Um hotel? Mas os hotéis por ali estariam lotados com os veranistas, além de serem muito caros. Ainda mais que Nicholas, num hotel, seria tão incontrollável quanto na Wheal House. Virgínia pensou em alugar um *trailer*, ou acampar com as crianças na praia, como a migração de verão dos *hippies*, que acendiam fogueiras com as madeiras que as ondas traziam e dormiam enroscados na areia fria.

Sempre havia Kirkton, é claro. Em algum momento, teria de voltar para lá. Mas todos os seus instintos recolhiam-se, assustados, à mera perspectiva de voltar à Escócia, à casa em que vivera com Anthony, ao lugar em que seus filhos haviam nascido, e que o consideravam seu lar. Pensando em Kirkton, Virgínia viu as sombras das árvores tremendo nas paredes claras, a luz fria do norte refletida nos tetos brancos, o som de seus passos subindo a escada encerada, sem carpete. Pensou nas noites claras do outono, quando os primeiros bandos de gansos selvagens sobrevoavam a propriedade. Lembrou o parque, na frente da casa, descendo numa suave inclinação até a margem do rio profundo, de rápida correnteza...

Não. Ainda não. Cara teria de esperar. Mais tarde, talvez, voltariam a Kirkton. Mas não agora. Por trás dela, alguém bateu uma porta. Com um sobressalto, Virgínia retornou à realidade, com a chegada de Tom Lingard, de volta do trabalho. Ouviu-o chamar Alice, depois largar a pasta na mesa do vestibulo e sair para o pátio, à procura da esposa.

— Olá, Virgínia. — Ele inclinou-se e beijou-a no alto da cabeça. — Sozinha aqui? Onde está Alice?

— Entrevistando uma lagosta na cozinha.

— Cartas das crianças? Tudo bem por lá? Isso é ótimo...

Uma das idiossincrasias de Tom era a de nunca se dar ao trabalho de esperar por uma resposta às suas perguntas. Virgínia às vezes especulava se não seria esse o segredo de seu grande sucesso nos negócios.

— O que vocês fizeram durante o dia inteiro? Ficaram deitadas ao sol? É assim que se faz. Mas que tal descer para nadar um pouco comigo? Vamos levar Alice também...

Tom se afastou, seus passos elásticos transbordando de energia. Entrou na casa e desceu pelo corredor que levava à cozinha, gritando pela esposa. E Virgínia, agradecida pela sugestão, levantou-se, pegou as cartas e entrou também. Obediente, subiu para seu quarto, a fim de pôr o biquíni.

Capítulo 2

Os advogados chamavam-se Smart, Chirgwin e Williams. Ou pelo menos eram esses os nomes na placa de latão ao lado da porta; uma placa polida há tanto tempo e com tanto vigor que as letras haviam perdido a sua nitidez, e agora mais difícil ainda de lê-las. Havia na porta uma aldraba de latão. A maçaneta também era de latão, lisa e lustrosa como a placa. Virgínia virou-a, abriu a porta e entrou num corredor estreito, de linóleo marrom polido, com uma tinta creme reluzente nas paredes. Ocorreu-lhe que alguma mulher trabalhadora devia estar dedicando muito esforço à limpeza do escritório.

Havia um guichê de vidro na extremidade, parecendo uma bilheteria antiga, com a palavra INFORMAÇÕES escrita por cima e um botão de campainha. Virgínia apertou a campainha, e a janela do guichê foi aberta no mesmo instante.

— Em que posso servi-la?

Surpresa, Virgínia disse à pessoa do outro lado do guichê que desejava falar com o sr. Williams. — Tem hora marcada?

— Tenho, sim. Sou a sra. Keile.

— Um momento, por favor.

O guichê foi fechado. Dali a pouco uma porta se abriu e a pessoa reapareceu, junto com um corpo bem-fornido e um par de pernas que desciam retas para sólidos sapatos de cordões.

— Se fizer a gentileza de me acompanhar, sra. Keile, o sr. Williams já vai recebê-la.

O prédio em que ficava o escritório dos advogados localizava-se no alto da colina à saída de Porthkerris. Mesmo assim, Virgínia foi apanhada de surpresa pela vista espetacular com que deparou assim que entrou na sala. A mesa do sr. Williams ficava no centro da sala, e ele se levantou no instante em que Virgínia entrou. Além do sr. Williams, uma vasta janela panorâmica emoldurava, como se fosse um quadro fascinante, todo o visual desordenado e encantador da parte antiga da cidade. Telhados de casas, ardósia desbotada, chaminés caiadas de branco, tudo descendo pela encosta, no maior tumulto, sem qualquer padrão ou ordem. Aqui uma porta azul, ali uma janela amarela; aqui um peitoril de janela brilhando com os gerânios, ali um varal com roupas secando, esvoaçantes como bandeiras desfraldadas, ou as folhas de uma árvore insuspeita e normalmente invisível. Além dos telhados e mais abaixo podia-se avistar a enseada, com a

maré cheia, cintilando ao sol. Os barcos ancorados balançavam na água, uma vela branca se aventurava além do abrigo do quebra-mar, seguindo para a linha reta do horizonte, onde os dois azuis se encontravam. O ar ressoava com os gritos estridentes das gaivotas, que formavam desenhos no céu, planando, as asas grandes esticadas. Enquanto Virgínia estava parada ali, os sinos da torre normanda repicaram, um carrilhão simples, e logo em seguida o relógio bateu onze horas.

— Bom-dia — cumprimentou o sr. Williams. Virgínia compreendeu que era a segunda vez que ele

dizia aquilo. Desviou sua atenção da paisagem e fez um esforço para focalizá-lo.

— Ah, bom-dia. Sou a sra. Keile. Eu... — Mas era impossível conter-se. — Como consegue trabalhar numa sala com esta vista incrível?

— É por isso que sento de costas para a janela...

— É muito emocionante.

— Tem razão... e uma visão única. Vários pintores já nos perguntaram se não podiam pintar a enseada desta janela. Pode-se ver toda a estrutura da cidade, e as cores são sempre diferentes, sempre belas. Exceto, é claro, num dia de chuva. Agora... — Ele mudou de atitude abruptamente, como se estivesse ansioso para se concentrar logo no trabalho e não desperdiçar mais tempo. — ... em que posso ajudá-la?

O advogado puxou uma cadeira para Virgínia. Ela sentou, fazendo um esforço para desviar os olhos da janela e se concentrar no assunto que viera tratar.

— Talvez eu tenha vindo procurar a pessoa errada, mas acontece que não consegui encontrar um único corretor imobiliário em toda a cidade. E também comprei o jornal local, à procura de uma casa para alugar. Mas parece que não há nenhuma. Foi então que deparei com seu nome na lista telefônica. Pensei que talvez pudesse me ajudar.

— Ajudá-la a encontrar uma casa?

O sr. Williams era jovem, bem moreno, os olhos francamente interessados na mulher atraente sentada à sua frente, no outro lado da mesa.

— Só para alugar...

— Por quanto tempo?

— Um mês... as aulas dos meus filhos vão recomeçar na primeira semana de setembro.

— Entendo. Não tratamos de negócios assim, mas posso perguntar à srta. Leddra se tem alguma coisa que possa sugerir. Mas não podemos esquecer que estamos na alta temporada, com a cidade transbordando de visitantes. Mesmo

que encontre alguma coisa, creio que terá de pagar um aluguel bastante elevado.

— Não me importo.

— Um momento, por favor...

Ele deixou a sala. Virgínia ouviu-o falar com a mulher que a recebera. Ela se levantou, foi até a janela e abriu-a. Riu quando uma gaivota furiosa alçou vôo do peitoril em que se empoleirara, soltando um grito estridente. O vento que soprava do mar era frio e revigorante. Uma lancha de passeio, cheia de passageiros, começava a atravessar a enseada. Subitamente, ela teve vontade de estar a bordo, sem qualquer responsabilidade, queimada de sol, usando um chapéu com BEIJE-ME escrito na copa, dominada por um riso incontrollável quando as primeiras ondas balançavam a embarcação. O sr. Williams voltou à sala.

— Pode esperar um momento? A srta. Leddra vai fazer-lhe algumas perguntas...

— Não tem problema. Virgínia retornou à cadeira.

— Está hospedada em Porthkerris? — perguntou o sr. Williams.

— Sim. Na casa de amigos. Os Lingards, na Wheal House.

A atitude anterior do advogado não fora formal nem familiar, mas agora ele se tornara quase deferente.

— Claro, claro... Uma propriedade encantadora.

— É verdade. Alice transformou a casa num lugar maravilhoso.

— Já tinha estado lá antes?

— Já, sim. Há cerca de dez anos. Mas desde então não voltei mais lá.

— Seus filhos estão aqui?

— Não. Ficaram em Londres com a avó. Mas quero trazê-los para passarem o mês aqui comigo, se for possível.

— Reside em Londres?

— Não. A minha sogra é que mora em Londres. Como o sr. Williams se mantivesse calado, esperando,

Virgínia acrescentou:

— Meu lar... isto é, nós moramos na Escócia.

Ele parecia deliciado. Virgínia não pôde entender por que o advogado se mostrava tão satisfeito por ela morar na Escócia.

— Que maravilha! Em que parte da Escócia?

— Perthshire.

— O lugar mais bonito de lá. Minha esposa e eu passamos férias ali, no verão passado. A paz que reina, as estradas vazias, o sossego... Como pode suportar vir para tão longe?

Quando Virgínia começou a abrir a boca para explicar, a conversa,

misericordiosamente, foi interrompida pela chegada da srta. Leddra, trazendo um maço de papéis.

— Aqui está, sr. Williams. Bosithick. E a carta do sr. Kernow, dizendo que estaria disposto a alugar, se pudéssemos arrumar um inquilino para agosto. Mas só pode ser um inquilino *conveniente*, sr. Williams. Ele insistiu nesse ponto.

O advogado pegou os papéis e sorriu para Virgínia.

— E uma inquilina conveniente, sra. Keile?

— Depende... do que está me oferecendo, não é mesmo?

— A propriedade não é bem em Porthkerris... obrigado, srta. Leddra... mas não fica muito longe... em Lanyon, para ser mais preciso.

— Lanyon!

Ela devia ter parecido consternada, pois o sr. Williams apressou-se em defender Lanyon.

— Mas é um lugar encantador, talvez o mais lindo trecho de costa que restou intacto em qualquer parte.

— Não falei que não gostava. Apenas fiquei surpresa.

— É mesmo? Por quê?

O advogado era atento e alerta, os olhos pequenos faiscando como os de uma ave de rapina.

— Não há nenhum motivo específico. Fale-me sobre a casa.

Ele atendeu-a. Era um chalé antigo, nem distinto nem bonito, mas com direito a alguma fama porque um escritor de sucesso vivera e trabalhara ali, na década de 1920.

— Qual? — perguntou Virgínia.

— Como assim?

— Qual escritor de sucesso?

— Ah, desculpe. Aubrey Crane. Não sabia que ele passou alguns anos nesta parte do mundo?

Virgínia não sabia. Mas Aubrey Crane fora um dos muitos autores que sua mãe não aprovava. Podia recordar a expressão fria da mãe, os lábios contraídos, sempre que os livros de Aubrey Crane eram mencionados; e podia lembrar também que eram devolvidos à biblioteca no mesmo instante, antes que a jovem Virgínia pudesse sequer dar uma olhada. Por algum motivo, isso parecia fazer com que o chalé chamado Bosithick se tornasse ainda mais desejável.

— Continue, por favor — pediu ela.

O sr. Williams continuou. Apesar de sua idade, Bosithick fora modernizado, até certo ponto. Contava agora com um banheiro, um lavabo e um fogão elétrico.

— A quem pertence? — perguntou Virgínia.

— O sr. Kernow é sobrinho da velha senhora que possuía a casa. Deixou para ele no testamento. Mas o sr. Kernow mora em Plymouth e só vem aqui nos feriados. Ele e a família tencionavam passar o verão em Bosithick, mas a esposa adoeceu e não pôde viajar. Como somos advogados do sr. Kernow, ele nos entregou o assunto. Mas deu instruções expressas para só alugarmos a casa se o inquilino for de confiança, alguém que cuidará bem de tudo.

— A casa é grande?

O sr. Williams deu uma olhada nos papéis.

— Deixe-me ver... uma cozinha, uma sala de estar, um banheiro e um salão no térreo, três quartos no segundo andar.

— Tem jardim?

— Não.

— Fica longe da estrada?

— A cerca de cem metros de uma estradinha rural, pelo que posso me lembrar.

— E eu poderia alugá-la imediatamente?

— Não tenho objeções. Mas deve vê-la primeiro.

— Claro, claro... Quando posso ir até lá?

— Hoje? Amanhã?

— Amanhã de manhã.

— Eu mesmo a levarei.

— Obrigada, sr. Williams.

Virgínia levantou-se e caminhou para a porta. O advogado quase correu para chegar lá e abri-la antes que ela a alcançasse.

— Só mais uma coisa, sra. Keile.

— O que é?

— Não me perguntou quanto é o aluguel.

Virgínia sorriu.

— Não, não perguntei, não é mesmo? Até amanhã, sr. Williams.

Virgínia não contou nada a Alice nem a Tom. Não queria ter de traduzir em palavras o que era, na melhor das hipóteses, apenas uma idéia vaga. Não queria ser atraída para uma discussão, talvez ser persuadida de que as crianças estariam melhor se continuassem em Londres, com a avó, ou que Alice podia ignorar a possível destruição que os dois causariam na Wheal House, insistindo para que ficassem ali. Quando Virgínia encontrasse um lugar onde todos poderiam se instalar, apresentaria a solução a Alice como um *fait accompli*. E depois talvez Alice a ajudasse a superar o maior de todos os obstáculos, que seria o de persuadir a avó a deixar as crianças virem para a Cornualha sem Nanny. A perspectiva dessa provação, a imaginação de Virgínia se arrepiava e

esquivava. Mas havia outros obstáculos, menores, a serem superados primeiro; esses, ela estava determinada a resolvê-los sozinha.

Alice era uma anfitriã perfeita. Quando Virgínia informou que sairia na manhã seguinte, nunca ocorreu a Alice perguntar o que ela tencionava fazer. Limitou-se a indagar:

— Voltará para o almoço?

— Acho que não... É melhor dizer não...

— Então voltaremos a nos ver na hora do chá. Poderemos dar um mergulho juntas depois.

— Grande idéia!

Virgínia deu um beijo em Alice e saiu; pegou seu carro e desceu a encosta para Porthkerris. Estacionou perto da estação e seguiu a pé até o escritório dos advogados, a fim de apanhar o sr. Williams.

— Lamento profundamente, sra. Keile, mas não poderei levá-la esta manhã a Bosithick. Uma antiga cliente nossa está vindo de Truro e devo estar aqui para recebê-la. Espero que compreenda. Mas aqui estão as chaves da casa. Também fiz um mapa detalhado para mostrar como encontrá-la.. . Creio que nada poderá sair errado. Importa-se de ir sozinha? Ou prefere que a srta. Leddra a acompanhe?

Virgínia imaginou a presença intimidativa da formidável srta. Leddra e assegurou ao sr. Williams que podia muito bem ir sozinha. Recebeu um molho de chaves, cada uma com uma etiqueta de madeira. Porta da Frente, Depósito de Carvão, Sala da Torre.

— Deve tomar cuidado com a estrada — recomendou o sr. Williams, enquanto se encaminhavam juntos para a porta. — A conservação é péssima. Não há espaço para manobrar diante do portão de Bosithick. Mas não tem problema. Basta seguir um pouco adiante pelo caminho. Vai encontrar um velho pátio e poderá fazer a manobra lá. Tenho certeza de que não haverá qualquer problema... Não pode imaginar como lamento não ser capaz de acompanhá-la, mas estarei à espera para saber o que achou da casa. Ah, mais uma coisa, sra. Keile... A casa está vazia há alguns meses. Tente não se deixar impressionar se estiver um pouco suja. Basta abrir algumas janelas e imaginá-la com um bom fogo aceso na lareira.

Um pouco desanimada por aqueles comentários na despedida, Virgínia voltou para o carro. As chaves da casa desconhecida pesavam como chumbo em sua bolsa. Subitamente, ansiava por companhia. Considerou até, por um momento de loucura, em voltar à Wheal House, fazer uma confissão sincera a Alice e persuadi-la a ir junto até Lanyon, para emprestar um pouco de apoio moral. Mas aquilo era absurdo. Afinal, era apenas um pequeno chalé para ser

visto, depois alugado, ou rejeitado. Qualquer tola... até mesmo ela... podia fazer isso.

O tempo ainda estava agradável e o tráfego continuava horrível. O carro se arrastava, numa longa fila, entrando pelas profundezas da cidade e saindo no outro lado. No alto da colina, onde a estrada bifurcava, o tráfego diminuiu um pouco. Virgínia pôde acelerar e ultrapassar os carros que andavam devagar. Enquanto passava pela charneca, o mar se projetando pelo outro lado, ela se reanimou. A estrada parecia uma fita cinzenta estendida sobre a encosta coberta de samambaias; à esquerda se destacava o grande afloramento rochoso de Carn Edvor, manchado de púrpura pelas urzes, enquanto à direita o terreno descia para o mar, a colcha de retalhos familiar de campos e fazendas, que ela contemplara e admirara apenas dois dias antes.

Fora informada pelo sr. Williams para se manter atenta a um aglomerado de pilriteiros inclinados pelo vento, à beira da estrada. Logo depois havia uma curva fechada e uma estreita estradinha rural que descia para o mar. Virgínia encontrou a estrada, não mais do que um caminho pedregoso, entre amoreiras silvestres. Ela engrenou a primeira e foi avançando com a maior cautela, tentando se desviar dos buracos e não pensar nos danos que os espinhos dos tojos infligiam na pintura do carro.

Não havia sinal de qualquer casa, até que ela dobrou em outra curva fechada e avistou-a de repente. Um muro de pedra, depois uma casa com frontão e telhado de ardósia. Virgínia parou o carro na estrada, pegou a bolsa e saltou. Um vento frio e salgado soprava do mar, impregnado com o cheiro dos tojos. Ela foi abrir o portão, mas as dobradiças estavam quebradas. Teve de levantá-lo para empurrar. Um caminho tosco descia para um lance de degraus de pedra e para a casa. Era comprida e baixa, com frontões no norte e sul. No lado norte, dando para o mar, fora acrescentado um cômodo extra, com uma torre quadrada por cima. A torre proporcionava à casa uma aparência estranhamente santificada, que Virgínia achou um pouco assustadora. Não havia nenhum jardim formal, mas no lado sul havia uma área com grama, não aparada, balançando ao vento, com dois postes inclinados, que outrora sustentaram um varal.

Ela desceu os degraus e seguiu por um caminho úmido que passava pelo lado da casa, até a porta da frente. Fora outrora pintada de vermelho-escuro e estava agora toda marcada de bolhas causadas pelo sol. Virgínia tirou a chave da bolsa, e enfiou-a na fechadura. Girou a chave e a maçaneta ao mesmo tempo. A porta virou para dentro no mesmo instante, sem fazer barulho. Ela viu um pequeno lance de escadas, um tapete puído sobre as tábuas do assoalho, recendendo a umidade, e... camundongos? Engoliu em seco, nervosa. Detestava camundongos. Mas agora que chegara até ali, não havia outra coisa a fazer senão

subir os dois degraus e passar, cautelosa, pelo limiar.

Não levou muito tempo para Virgínia examinar a parte velha da casa, dando uma olhada na cozinha pequena, com seu fogão inapropriado e a pia toda manchada; a sala de estar estava atravancada com sofás e cadeiras diferentes. Havia um aquecedor elétrico no chão da lareira antiga, imensa, como se fosse um animal selvagem na entrada de sua toca. Havia também frágeis cortinas de algodão penduradas nas janelas, encardidas, com sujeira de moscas. Um armário antigo estava cheio de xícaras, pratos e travessas de todos os tamanhos e formatos, nos mais diversos estados de uso.

Sem qualquer esperança, Virgínia subiu. Os quartos eram escuros, com janelas pequenas e inadequadas, e móveis pesados. Ela voltou à escada, subiu mais alguns degraus, até uma porta fechada. Abriu-a... e, depois da escuridão no resto da casa, a explosão de luz do norte, intensa e brilhante, envolveu-a no mesmo instante, e foi deslumbrante. Atordoada, ela avançou às cegas por uma espantosa sala. Era pequena, completamente quadrada, com três paredes com janelas, pairando acima do mar como a ponte de comando de um navio, com uma vista da costa estendendo-se por cerca de 25 quilômetros.

Um banco na janela, com estofamento desbotado, destacava-se no lado norte. Havia uma mesa lixada, sobre um velho tapete, no centro da sala, parecendo a proteção decorativa de um poço. Havia também uma escada em espiral de ferro batido, descendo para o "salão" descrito pelo sr. Williams.

Cautelosa, Virgínia desceu para uma sala dominada por uma enorme lareira *art nouveau*. Ao lado ficava o banheiro; e depois outra porta, que a levou de volta ao ponto em que começara: a sala de estar escura e depressiva.

Era uma casa extraordinária e terrível. Ela ficou ali, parada, esperando até tomar uma decisão, desdenhosa da fraqueza de seu coração. Para ganhar tempo, Virgínia tornou a subir para a sala da torre, sentou no banco da janela, abriu a bolsa para pegar um cigarro. O último. Teria de comprar outro maço. Acendeu-o e olhou para a mesa lixada, o tapete desbotado no chão. Refletiu que ali fora o escritório de Aubrey Crane, o lugar em que ele criara as lúbricas histórias de amor que Virgínia nunca fora encorajada a ler. Imaginou-o sentado ali, barbudo, com aqueles calções antigos presos nos joelhos, a aparência convencional contradizendo as paixões de seu coração rebelde. Talvez, durante o verão, ele escancarasse aquelas janelas, para deixar entrar todas as fragrâncias e sons do campo, o murmúrio do mar, o assovio do vento. Mas no inverno o frio seria terrível, ele teria se agasalhado com cobertores e teria escrito com dificuldade, os dedos com frieiras metidos em luvas de lã...

Uma mosca zumbia em algum lugar na sala, batendo contra a vidraça. Virgínia encostou a testa no vidro frio da janela e olhou o vazio sem se deter na

paisagem. Iniciou um dos intermináveis diálogos consigo mesma, como há anos era seu hábito.

Não posso vir para cá.

Por que não?

Detesto o lugar. É fantasmagórico e assustador. Tem uma atmosfera horrível.

É apenas a sua imaginação.

A casa é insuportável. Eu nunca poderia trazer as crianças para cá. Elas não têm condições de viver num lugar assim. Afinal, nem teriam onde brincar.

As crianças dispõem do mundo inteiro para brincar. Os campos, os penhascos e o mar.

Mas cuidar delas... lavar e passar roupa. Sem falar em cozinhar. Não tem geladeira. E como vou esquentar água?

Pensei que tudo que importava para você era ficar com as crianças, longe de Londres.

Elas estarão melhor em Londres, aos cuidados de Nanny, do que vivendo numa casa como esta.

Não era o que você pensava ontem.

Não posso trazê-las para cá. Nem saberia por onde começar. Não, se não estivesse sozinha...

Então, o que vai fazer?

Não sei. Conversar com Alice. Talvez já devesse ter falado com ela antes. Alice não tem filhos, mas vai compreender. Talvez conheça alguma outra casa também pequena. Ela vai compreender. E me ajudar. Terá de me ajudar.

Lá se vão todas aquelas suas determinadas resoluções, disse a própria voz de Virgínia, fria e sarcástica.

Irritada, ela largou o cigarro pela metade, esmagou-o com o salto, levantou-se e desceu. Pegou o molho de chaves e trancou a porta depois de sair. Voltou pelo caminho até o portão, passou para a estrada e o fechou. A casa observava-a, as janelas do quarto pequeno como olhos desdenhosos. Virgínia tratou de se desvencilhar daquele olhar e retornou à segurança do carro. Era meio-dia e quinze. Precisava de cigarro e não era esperada na Wheal House para o almoço. Por isso, ao voltar à estrada principal, não seguiu na direção de Porthkerris. Foi para o lado oposto. Percorreu menos de um quilômetro e meio até a aldeia de Lanyon, atravessou a estreita rua principal e foi parar na praça calçada com pedras redondas. De um lado era flanqueada pelo pórtico da igreja de torre quadrada e, no outro, por um pequeno *pub* pintado de branco, com o nome The Mermaid's Arms (Os Braços da Sereia).

Por causa do bom tempo, havia mesas e cadeiras fora do *pub*, junto com guarda-sóis de cores brilhantes e jardineiras com capuchinhas alaranjadas. Um homem e uma mulher em trajes de feriado, sentados a uma mesa, tomando cerveja, enquanto o filho pequeno brincava com um cachorrinho. Quando Virgínia se aproximou, eles a olharam com um sorriso de bom-dia. Ela retribuiu ao sorriso e passou pela porta, baixando a cabeça num gesto instintivo sob o lintel escuro.

A sala era revestida com painéis de madeira escura, teto baixo, mal iluminada pelas janelas pequenas, com cortinas de renda; o cheiro era agradável, fresco, um tanto mofado. Uns poucos vultos, escassamente visíveis na semi-escuridão, estavam sentados ao longo da parede, ou em torno de pequenas mesas cambaias. Por trás do balcão, emoldurado por fileiras de canecas penduradas, o *barman*, de camisa de mangas curtas e uma suéter xadrez, limpava copos com uma toalha de prato.

— ... não sei por que acontece assim, William... — dizia ele para um freguês empoleirado num banco alto do balcão com cara de desconsolado, cigarro na mão e uma caneca de cerveja à sua frente. — ... mas você espalha as latas de lixo e ninguém joga nada nelas...

— Ahn... — murmurou William, numa triste concordância, deixando cair a cinza do cigarro na cerveja.

— Espalharam por toda a estrada, mas o conselho municipal até agora não mandou esvaziá-las. E ainda por cima são tão feias, que estaríamos melhor sem elas. Afinal, nunca tivemos problemas antes...

Ele acabou de limpar o copo, colocou-o em cima do balcão com um gesto firme, e virou-se para atender Virgínia.

— Pois não, madame.

O *barman* era o corno típico, na aparência, na voz e no jeito. Um rosto vermelho, curtido pelo sol, olhos azuis, cabelos pretos.

Virgínia pediu cigarros.

— Só temos maços de vinte, serve? — Ele virou-se para pegar um maço na prateleira, tirou o invólucro com um movimento hábil da unha do polegar. — Um dia adorável, não acha? Está de férias aqui?

— Estou.

Há anos que Virgínia não entrava num *pub*. Na Escócia as mulheres nunca eram levadas a um *pub*. Esquecera o clima, a camaradagem aconchegante.

— Tem Coca? — ela perguntou. O homem foi tomado de surpresa.

— Tenho, sim. Sempre guardo Coca para as crianças. Vai querer?

— Por favor.

Ele pegou uma garrafa, abriu-a com todo cuidado, despejou o conteúdo num copo e o empurrou delicadamente por cima do balcão para Virgínia.

— Eu estava dizendo a William que a estrada para Porthkerris é uma desgraça...

Virgínia puxou um dos bancos altos e sentou-se para escutar, enquanto o *barman* continuava:

— ... com todo aquele lixo espalhado. Os visitantes parecem não saber o que fazer com o seu lixo. Era de se esperar que, vindo para um lugar tão adorável como este, tivessem bom senso, levando de volta em seus carros todos os papéis que trouxeram, em vez de espalhá-los pela estrada. Vivem falando sobre conservação e ecologia, mas o que fazem é absurdo...

Era óbvio que ele discorria sobre seu assunto predileto, a julgar pelos grunhidos de assentimento nas horas certas que partiam de todos os cantos do bar. Virgínia acendeu um cigarro. Lá fora, na praça ensolarada, um carro parou, o motor foi desligado, uma porta bateu. Ela ouviu uma voz de homem dizer "bom-dia". Passos cruzaram a porta, entrando no *pub* por trás dela.

— Escrevi para o deputado daqui do distrito, perguntando quem ele ia mandar para limpar as estradas daqui. Ele respondeu que isso era responsabilidade do conselho municipal. Então eu disse... — Por cima da cabeça de Virgínia, olhou para o recém-chegado. — Oi, tudo bem? É como um estranho aqui.

— Ainda falando sobre o lixo, Joe?

— Você me conhece, rapaz. Quando pego um assunto, não largo mais... que nem um *terricr* matando um rato. O que vai querer?

— Uma caneca de cerveja.

Joe virou-se para pegar a cerveja, enquanto o recém-chegado se adiantava para ficar entre Virgínia e o taciturno William. Ela reconhecera a voz no mesmo instante, assim que ele falara, como também identificara seus passos, ao cruzarem a porta do The Mermaid's Arms.

Virgínia tomou um gole do refrigerante e deixou o copo no balcão. De repente, o cigarro ficara com um gosto amargo. Ela o apagou e virou-se no banco. Viu a camisa azul, as mangas arregaçadas, deixando à mostra os antebraços morenos; depois, os olhos azuis, os cabelos castanhos curtos e desgrenhados, cortados rentes à cabeça. Como não havia nada para dizer, ela o cumprimentou:

— Olá, Eustace.

Surpreso, ele virou a cabeça. Sua expressão parecia a de um homem que levara um súbito soco no estômago, ficando atordoado, incapaz de qualquer reação. Virgínia apressou-se em acrescentar:

— Sou eu mesma.

O sorriso de Eustace aflorou, incrédulo, pesaroso, como se soubesse que fora forçado a bancar o tolo.

— Virgínia!

Ela tornou a murmurar, atordoada.

— Olá.

— O que está fazendo aqui?

Virgínia sentiu que todos os ouvidos no *pub* esperavam atentos por sua resposta. Ela procurou imprimir à voz um tom descontraído:

— Comprando cigarro. E tomando um refrigerante. — Não me referia a isso. Por que está aqui na Cornualha? Em Lanyon?

— Estou de férias. Hospedada com os Lingards, em Porthkerris.

— Há quanto tempo?

— Cerca de uma semana...

— E o que veio fazer aqui?

Antes que Virgínia tivesse tempo de responder, o *barman* empurrou a caneca de cerveja por cima do balcão. Eustace teve de se ocupar com a busca de dinheiro trocado no bolso da calça. Joe olhou para Virgínia com um novo interesse e perguntou:

— Velhos amigos?

— É, acho que posso considerá-lo assim.

— Não a vejo há dez anos — disse Eustace, empurrando as moedas por cima do balcão para Joe. Olhou para Virgínia. — O que está bebendo?

— Uma Coca.

— Vamos lá para fora. Podemos sentar ao sol. Virgínia seguiu-o, consciente dos olhares interessados

que os acompanhavam: a curiosidade insaciável. Lá fora, ao sol, ele colocou os óculos numa mesa de madeira. Sentaram lado a lado num banco, o sol banhando-lhes a cabeça e as costas, viradas para a parede branca do *pub*.

— Não se importa de ter vindo aqui para fora, não é? Se não viesse, não poderíamos dizer uma palavra sequer que não fosse transmitida em apenas meia hora por todo o condado.

— Concordo, aqui fora é melhor.

Meio de lado, ele sentou-se tão perto de Virgínia que ela podia ver a textura de sua pele curtida pelo tempo, a rede de pequenas rugas nos cantos dos olhos, assim como os primeiros sinais de geada nos abundantes cabelos castanhos.

— Conte-me — murmurou Eustace.

— Contar o quê?

— Ora, o que aconteceu com você. — Ele hesitou, mas logo acrescentou:
— Sei que se casou.

— Isso mesmo. Quase que logo depois.

— Então deve ter evitado a Temporada de Londres, que tanto temia.

— Foi o que aconteceu.

— E o baile de debutantes.

— Em vez disso, tive um casamento.

— Sra. Anthony Keile. Li a notícia no jornal. Como Virgínia nada dissesse, ele acrescentou:

— Onde mora agora?

— Na Escócia. Há uma casa na Escócia — Filhos?

— Dois. Um menino e uma menina.

— Que idade eles têm?

Eustace estava mesmo interessado. Ela lembrou como os cónicos adoravam crianças, e como a sra. Jilkes ficava sempre com os olhos úmidos ao falar de algum adorável sobrinho-neto.

— A menina tem oito anos e o menino seis.

— Estão com você agora?

— Não. Ficaram em Londres, com a avó.

— E seu marido? Está aqui com você? Para onde foi esta manhã? Jogar golfe?

Virgínia fitou-o nos olhos, aceitando pela primeira vez o fato de que uma tragédia pessoal é apenas isso: pessoal. Sua própria existência podia se desfazer em pedaços, mas isso não significava que o resto do mundo necessariamente soubesse... ou sequer se importasse. E isso valia para que Eustace mesmo tomasse conhecimento.

Ela pôs as mãos na borda da mesa, alinhando-as de forma meticulosa, como se fosse de extrema importância, antes de dizer:

— Anthony morreu.

Suas mãos pareciam de repente desfeitas, quase transparentes, os pulsos muito finos, as unhas no formato de amêndoas, pintadas de rosa-coral, tão frágeis quanto as pétalas. Virgínia desejou subitamente, com o maior fervor, que as mãos não fossem daquele jeito, e sim fortes, morenas e capazes, com terra entranhada, as unhas gastas de trabalhar no jardim e na horta, de descascar batatas e raspar cenouras. Podia sentir os olhos de Eustace avaliando-a. Não suportaria que ele sentisse pena.

— O que aconteceu, Virgínia?

— Ele morreu num acidente de carro. Afogado. — *Afogado?*

— Temos um rio lá em Kirkton... é onde vivemos na Escócia. O rio passa

entre a casa e a estrada. É preciso passar pela ponte. Ele voltava para casa, derrapou, ou calculou mal a curva. O carro quebrou a grade de madeira e caiu no rio. Chovera muito durante o mês, o rio estava cheio, então o carro afundou. Um mergulhador teve de entrar no rio... com um cabo. E a polícia usou um guincho para tirá-lo do fundo...

A voz de Virgínia foi ficando inaudível. Ele perguntou, com toda gentileza:

— Quando?

— Há três meses.

— Não faz muito tempo.

— Não, não faz. Mas havia muita coisa a ser feita, muito para providenciar. Não sei o que aconteceu com o tempo. E depois peguei um vírus... uma espécie de gripe muito forte. Não conseguia me recuperar. Minha sogra disse então que ficaria com as crianças em Londres, enquanto eu descansasse aqui, com Alice.

— Quando vai partir?

— Ainda não sei.

Eustace ficou calado. Depois de um longo momento, tomou toda a cerveja. Então, perguntou, enquanto colocava a caneca na mesa:

— Está de carro?

— Estou, sim. — Ela apontou. — O Triumph azul.

— Pois então acabe de beber e iremos para Penfolda. Virgínia virou a cabeça para fitá-lo.

— O que há de tão extraordinário nisso? — acrescentou ele. — É hora do almoço. Tenho pastéis de carne no forno. Aceita o convite?

— Ahn... está bem.

— Pois então vamos embora. Estou com meu Land-Rover. Você pode me seguir.

— Está certo. Eustace levantou-se. — Vamos agora.

Capítulo 3

Ela já estivera antes em Penfolda, apenas uma vez, mas fora na semi-escuridão de uma noite de primavera, bastante fria, há dez anos.

— Fomos convidados para uma festa — anunciou Alice durante o almoço naquele dia.

A mãe de Virgínia se mostrou interessada no mesmo instante. Era uma mulher sociável, com uma filha de dezessete anos para lançar na sociedade. Bastava mencionar uma festa para conquistar sua atenção.

— Mas isso é ótimo! Onde? Com quem?

Alice soltou uma risada. Era uma das poucas pessoas que podia rir de Rowena Parsons e escapar impune. Mas também Alice a conhecia há anos.

— Não deve ficar tão animada. Não é o seu tipo de festa.

— Minha cara Alice, não estou entendendo. Explique, por favor.

— E um casal chamado Barnet. Amos e Fenella Barnet. Talvez já tenha ouvido falar dele. É um escultor, muito moderno, muito *avant-garde*. Alugaram um dos velhos estúdios em Porthkerris. Têm vários filhos bem pouco convencionais.

Sem querer ouvir mais, Virgínia interveio:

— Por que não vamos?

Os Barnets pareciam ser os tipos de pessoas que ela vivia ansiosa em conhecer.

A sra. Parsons permitiu que um pequeno vinco se formasse entre as sobrancelhas alinhadas com perfeição.

— A festa será no estúdio?

Era evidente que ela desconfiava de bebidas adulteradas e cigarros de maconha.

— Não. Será em Lanyon, numa fazenda chamada Penfolda, uma espécie de churrasco nos penhascos. Com fogueira e salsichas fritas... — Alice percebeu que Virgínia estava ansiosa para ir. — Acho que poderá ser uma festa divertida.

— Parece-me horrível — murmurou a sra. Parsons. — Já imaginava que você não gostaria de ir. Mas Tom e eu podemos levar Virgínia.

A sra. Parsons focalizou o olhar frio da filha.

— Você *quer* ir a um churrasco? Virgínia deu de ombros.

— Pode ser divertido.

Ela aprendera, há muito tempo, que nunca dava certo demonstrar entusiasmo por qualquer coisa.

— Está bem. — A mãe serviu-se de outra fatia da torta de limão. — Se é sua idéia de diversão, e se Alice e Tom não se importam de levá-la... Mas não se esqueça de levar um agasalho. Vai fazer muito frio... até frio demais, eu diria, para um piquenique.

Ela acertara em cheio. Fazia mesmo frio. Um céu claro, num tom turquesa, com o promontório de Carn Edvor delineado escuro contra o céu a oeste. Um vento frio soprava do interior, agitando o ar. Ao deixar Porthkerris, subindo pela encosta, Virgínia olhou para trás e avistou as luzes da cidade, faiscando embaixo. As águas escuras da enseada exibiam reflexos dançantes. No outro lado da baía, no promontório distante, o farol irradiava seu sinal de advertência. Um clarão. Uma pausa. Um clarão. Uma pausa mais prolongada. Tome cuidado. Há perigo aqui.

A noite pela frente parecia repleta de possibilidades. Com uma súbita excitação, Virgínia virou-se e inclinou-se para a frente, apoiando o queixo sobre os braços cruzados no encosto do banco de Alice. O gesto não premeditado era desajeitado e espontâneo, um reflexo da animação natural que em geral era reprimida, sob a influência de uma mãe dominadora.

— Alice, onde fica o lugar para onde estamos indo?

— Penfolda é uma fazenda neste lado de Lanyon.

— Quem mora lá?

— A sra. Philips. Ela é viúva. Tem um filho, Eustace.

— O que ele faz?

— Trabalha na fazenda, é claro.

— São amigos dos Barnets?

— Devem ser. Muitos artistas vivem nesta parte do mundo. Mas nem imagino como eles se conheceram.

Tom interrompeu a conversa:

— Provavelmente em The Mermaid's.

— O que é The Mermaid's? — perguntou Virgínia. — The Mermaid's Arms, um *pub* em Lanyon. Na noite

de sábado, todo mundo e mais alguém vai tomar um drinque lá e conversar.

— Quem estará na festa?

— Sabemos tanto quanto você.

— Não tem *nenhuma* idéia?

— Hum... — Alice resolveu fazer um esforço. — Artistas plásticos e escritores, poetas e *hippies*, fazendeiros, talvez algumas pessoas chatas e

convencionais como nós.

Virgínia abraçou-a.

— Vocês não são chatos nem convencionais. São maravilhosos.

— Talvez não nos considere tão sensacionais assim quando a festa terminar. Você poderá detestar. Portanto, deixe para ranger os dentes e reservar o julgamento para mais tarde.

Virgínia recostou-se, na escuridão do carro, passando os braços em torno de seu corpo. *Não vou detestar.*

Faróis, vindo de todas as direções como vaga-lumes, convergiam para Penfolda. Podia-se avistar da estrada a casa da fazenda, ardendo em luz. Eles entraram na fila de carros de todos os tipos, descendo por um caminho estreito, os motores gemendo na marcha lenta. Lá embaixo foram orientados para um pátio da fazenda, convertido em estacionamento temporário. O ar transbordava de risos e vozes, com amigos saudando-se uns aos outros. Já havia um fluxo de pessoas passando por cima de um muro de pedra e atravessando os pastos, a caminho dos penhascos. Algumas levavam mantas enroladas, outras carregavam lanternas antigas, algumas — e Virgínia sentiu-se contente outra vez por sua mãe não ter ido — carregavam garrafas. Alguém então gritou:

— Tom! O que está fazendo aqui?

Tom e Alice ficaram para trás, esperando por seus amigos. Virgínia seguiu em frente, adorando a sensação de estar sozinha. Ao seu redor, o ar agradável e escuro recendia a turfa, algas-marinhas e fumaça de lenha. O céu ainda não perdera por completo a claridade, mas o mar era de um azul tão escuro que quase parecia preto. Ela passou por uma abertura no muro de pedra. Avistou lá embaixo, na extremidade do campo, as chamas douradas da fogueira, já cercada por lanternas e pelos contornos e vultos de cerca de trinta pessoas. Ao chegar mais perto, os rostos entraram em foco, iluminados pelas chamas, rindo e falando, todo mundo conhecendo todo mundo. Havia um barril de cerveja, apoiado num suporte de madeira, copos sendo enchidos até a borda a todo instante. Podia-se sentir o cheiro de batatas sendo assadas e de gordura derretida. Alguém trouxera uma guitarra. Começou a tocar, e pouco a pouco as pessoas se concentraram em torno, elevando as vozes indecisas na canção.

Há um navio

E navega pelo mar,

Tão carregado

Quanto pode agüentar.

Mas não tanto

Quanto o amor que tenho...

Um jovem, correndo para ultrapassar Virgínia, tropeçou no escuro e esbarrou nela.

— Desculpe.

Ele a segurou pelo braço, para firmar os dois. Ergueu sua lanterna, para iluminar o rosto dela.

— Quem é você?

— Virgínia.

— Virgínia de quê?

— Virgínia Parsons.

O rapaz tinha cabelos compridos e uma faixa em torno da testa, tipo um apache.

— Achei mesmo que era um rosto novo. Veio sozinha?

— Ahn... não. Vim com Alice e Tom... mas... — Ela olhou para trás. — Eu os perdi... estão por aí... em algum lugar...

— Sou Dominic Barnet.

— Então a festa é sua...

— Não. É de meu pai. Pelo menos ele pagou o barril de cerveja, o que faz com que a festa seja dele... e minha mãe comprou as salsichas. Vamos lá... vamos pegar alguma coisa para beber.

Ele a segurou pelo braço, com um aperto ainda mais firme, e conduziu-a para o círculo fervilhante e barulhento em torno da fogueira.

— Ei, papai, tem alguém aqui que ainda não bebeu nada!

Um homem enorme e barbudo, medieval na estranha iluminação, levantou-se da bica do barril.

— Pois agora vai beber!

Virgínia descobriu-se segurando uma enorme caneca de cerveja.

— E aqui tem uma salsicha.

O rapaz pegou uma salsicha de uma bandeja que passava e estendeu-a para Virgínia, espetada num palito. Virgínia pegou-a também. Já se preparava para iniciar uma polida conversa social quando Dominic avistou um rosto familiar, no outro lado da fogueira.

— Mariana! — gritou ele, ou algum nome parecido, e se afastou no mesmo instante.

Virgínia ficou sozinha outra vez. Esquadrinhou a escuridão, à procura dos Lingards, mas não conseguiu avistá-los. Como as pessoas estavam se sentando, ela resolveu sentar-se também, com uma enorme caneca de cerveja numa das mãos e a salsicha ainda quente na outra. O calor da fogueira esquentava seu

rosto. Já o vento em suas costas era frio, desmanchando-lhe os cabelos sobre o rosto. Ela tomou um gole da cerveja. Nunca bebera cerveja antes, e no mesmo instante sentiu vontade de espirrar. Não pôde se controlar. Uma voz divertida, por trás dela, exclamou:

— Saúde!

Ela se recuperou do espirro e murmurou:

— Obrigada.

Virou o rosto e deparou com um rapaz enorme, usando uma calça de algodão acanelada e botas de borracha, e um grosso suéter norueguês. Sorria para ela, a luz da fogueira proporcionando ao rosto moreno uma tonalidade cor de cobre.

— Foi a cerveja que me fez espirrar — murmurou Virgínia.

Ele agachou-se ao lado dela, tirou gentilmente a caneca de sua mão e depositou-a no chão entre os dois.

— Pode espirrar de novo e derramar a cerveja, o que seria um desperdício.

— Tem razão.

— Você deve ser amiga dos Barnets.

— Por que diz isso?

— Nunca a vi por aqui antes.

— Não sou amiga dos Barnets. Vim com os Lingards.

— Alice e Tom? Eles estão aqui?

— Em algum lugar por aí.

O jovem parecia tão satisfeito pelo fato dos Lingards estarem ali que Virgínia até pensara que ele se afastaria no mesmo instante, para procurá-los. Porém, em vez disso, ele se acomodou na relva ao seu lado, parecendo bastante satisfeito por permanecer em silêncio, apenas observando as outras pessoas na festa, com uma expressão divertida. Virgínia comeu a salsicha. Ao terminar, como o jovem continuasse calado, ela resolveu tentar puxar conversa de novo:

— É amigo dos Barnets?

— Hem? — Sua atenção interrompida, ele virou o rosto para fitá-la, os olhos azuis-claros sem piscarem. — Desculpe, mas o que foi mesmo que disse?

— Perguntei se era amigo dos Barnets. Ele riu.

— Devo mesmo ser, pois são meus campos que eles estão profanando.

— Então você deve ser Eustace Philips. O jovem pensou por um instante.

— Tem razão, sou sim.

Pouco depois, alguém o chamou. Algumas cabeças do seu rebanho Guernsey haviam se desgarrado num campo vizinho. Uma garota meio maluca, que bebera vinho demais, pensara estar sendo atacada por um touro e tivera um ataque histérico. Eustace foi resolver o problema. Dali a pouco Alice e Tom a

encontraram. Embora passasse o resto da noite a procurá-lo, Virgínia não conseguiu mais vê-lo.

A festa, no entanto, foi um sucesso delirante e memorável. Perto de meia-noite, com a cerveja acabada, as garrafas circulando de mão em mão, a comida esgotada, a fogueira com tanta lenha que as chamas se elevavam por seis ou sete metros, Alice sugeriu gentilmente que já estava na hora de voltarem para casa.

— Sua mãe ainda deve estar acordada esperando, pensando que você foi estuprada ou caiu no mar. Além disso, o frio está cada vez mais intenso, e Tom precisa estar no escritório às nove horas da manhã. O que você diz? Não se divertiu o suficiente?

— Muito — respondeu Virgínia, relutante em partir. Mas era hora de ir embora. Os três afastaram-se em silêncio da fogueira e do barulho, e subiram a encosta para a casa da fazenda.

Ela agora exibia apenas uma luz acesa, numa das janelas do primeiro andar. Mas uma lua cheia, branca como prata, navegava pelo céu, povoando a noite com sua luz prateada. Quando eles se aproximaram da casa, uma porta foi aberta. A claridade amarelada derramou-se pelas pedras do calçamento, enquanto uma voz atravessava a noite:

— Tom! Alice! Venham tomar um chá ou um café... alguma coisa para esquentá-los antes de partirem.

— Olá, Eustace. — Tom encaminhou-se para a casa. — Pensamos que já tivesse ido para a cama.

— Não vou ficar nos penhascos até o amanhecer, com toda certeza. Quer beber alguma coisa?

— Um uísque seria ótimo — respondeu Tom.

— E eu tomaria um chá — disse Alice. — Uma grande idéia! Estamos congelando! Mas não vamos dar muito trabalho?

— Mamãe ainda está acordada e gostaria de vê-los. Já pôs até a chaleira no fogo...

Todos entraram e se dirigiram para uma sala de teto baixo com painéis de madeira nas paredes, o chão de ardósia coberto por tapetes coloridos. A cabeça de Eustace Philips quase tocava nas vigas do teto. Alice desabotoou seu casaco.

— Já conhece Virgínia, Eustace? Ela está hospedada conosco na Wheal House.

— Claro... já nos cumprimentamos. — Ele mal olhava para Virgínia. — Vamos para a cozinha. É o lugar mais quente da casa. Mamãe, os Lingards estão aqui. Alice quer um chá. Tom vai tomar um uísque e...

Eustace fez uma pausa, olhando para Virgínia.

— O que quer beber?

— Tomarei um chá.

Alice e a sra. Philips já estavam ocupadas. A sra. Philips cuidava do bule e da chaleira, enquanto Alice pegava as xícaras e pires no armário pintado. Enquanto isso, conversavam sobre a festa dos Barnets. Riram muito da garota que pensara que a vaca era um touro. Os dois homens sentaram-se à mesa da cozinha, com dois copos, um sifão com soda e uma garrafa de *scotch*.

Virgínia sentou-se também, espremida entre o banco largo perto da janela e a cabeceira da mesa. Ficou escutando a conversa, sem prestar muita atenção, somente embalada pelo murmúrio agradável das vozes. Descobriu que sentia muito sono, no calor e conforto da cozinha de Penfolda, depois do frio intenso do lado de fora. Sentia-se também um pouco atordoada por causa da cerveja, pois não estava acostumada a beber.

Encolhida nas dobras do casaco, as mãos enfiadas nos bolsos, correu os olhos ao redor e concluiu que nunca estivera num lugar tão aconchegante e seguro. Havia vigas no teto, com velhos ganchos de ferro para pendurar pernis defumados, gerânios floridos no parapeito largo da janela, um fogão muito grande, onde a chaleira fervia, uma cadeira de junco, com um gato dormindo no assento, um calendário de vendedor de sementes, cortinas de algodão axadrezadas, além de um cheiro agradável de pão no forno.

A sra. Philips era tão baixinha quanto o filho era gigantesco; os cabelos, grisalhos e impecavelmente arrumada. Parecia que nunca parará de trabalhar desde o dia em que nascera e não admitiria ser de outra forma, enquanto se movimentava pela cozinha junto com Alice, ambas eficientes e rápidas, conversando sobre os Barnets, tão anti-convencionais. Virgínia desejou que sua mãe pudesse ser assim. Calma e bem-humorada, em uma cozinha grande e aconchegante, sempre com água fervendo na chaleira para fazer chá.

Pronto o chá, as duas também sentaram à mesa. A sra. Philips serviu uma xícara para Virgínia, que empertigou-se no banco, tirou as mãos dos bolsos e pegou-a, lembrando-se de dizer:

— Obrigada.

A sra. Philips riu.

— Você está com muito sono.

— É verdade.

Todos a fitaram. Virgínia mexeu o chá sem levantar os olhos por não querer deparar com aquele olhar tão azul e desconcertante da sra. Philips.

Mas logo chegou o momento de partirem. Após vestirem os casacos, eles pararam no pequeno vestibulo. Os Lingards e a sra. Philips já estavam na porta quando Eustace murmurou, por trás de Virgínia:

— Adeus.

— Ahn... — Ela virou-se, confusa. — Adeus. Virgínia começou a estender a mão. Talvez ele não

tivesse visto, porque não fez a mesma coisa.

— Obrigada por me receber. Eustace parecia divertido.

— O prazer foi meu. Mas terá de voltar em outra ocasião.

E durante toda a viagem de volta ela ficou pensando nas palavras de Eustace, como se fossem um presente maravilhoso que acabara de receber. Entretanto, nunca mais voltara a Penfolda.

E naquele dia, numa tarde espetacular de julho, estava voltando, depois de dez anos de ausência. Havia tordos nos arbustos de flores amarelas à beira da estrada, os tojos pareciam chamas de tão vermelhos, e as samambaias no alto dos penhascos tinham um brilho de esmeralda contra o mar de verão da cor de jacintos.

Ela ficara tão absorvida nos problemas do dia — pegando as chaves, procurando o chalé chamado Bosithick, e pensando em questões práticas, como geladeira e fogão, roupas de cama e louça — , que aquela deslumbrante manhã passara despercebida. Mas agora fazia parte do que acontecera inesperadamente. Virgínia recordou como, há muito tempo, a luz do farol piscava sobre o mar escuro, fazendo-a experimentar, sem qualquer razão aparente, um súbito excitamento, uma expectativa intensa e agradável.

Mas você não tem mais dezessete anos. E agora uma mulher de vinte e sete anos, independente, com dois filhos, um carro e uma casa na Escócia. A vida não lhe reserva mais surpresas desse tipo. Tudo está diferente agora. Nada permanece igual para sempre.

No alto do caminho que descia para Penfolda havia uma plataforma de madeira, para os latões de leite. O caminho descia íngreme e sinuoso entre muros de pedra. Pilriteiros inclinavam-se por cima dos muros, retorcidos pelos ventos do inverno. Virgínia seguiu a traseira do Land-Rover de Eustace, contornando o canto da casa. Foi nesse instante que dois *collies* apareceram, ambos com a pelagem preta e branca, latindo e fazendo tanta algazarra que as galinhas Leghorn marrons se afastaram em disparada, à procura de abrigo.

Eustace estacionara o Land-Rover à sombra do estábulo e já estava saltando, empurrando gentilmente os cachorros. Virgínia parou seu carro atrás e saltou também. No mesmo instante, os cachorros avançaram para ela, latindo e pulando ao seu redor, tentando pôr as patas em seus joelhos e esticando-se para lambe seu rosto.

— Fora... fora... seus malandros!

— Não me importo... — Virgínia afagou as cabeças afiladas, o pêlo macio.

— Como eles se chamam?

— Beaker e Ben. Beaker é esse e o outro é Ben... Fique quieto, menino! Eles sempre fazem isso...

A atitude de Eustace era agora vigorosa e jovial, como se tivesse decidido durante a viagem que aquela era a melhor maneira de evitar que o resto do dia se tornasse um velório para Anthony Keile. E Virgínia, que não queria absolutamente que isso acontecesse, aceitou a deixa agradecida. A ruidosa recepção dos cachorros ajudou a quebrar o gelo. Foi de um modo natural e descontraído que os dois seguiram juntos pelo caminho de pedra e entraram na casa.

Ela viu as vigas, o chão de ardósia, os tapetes. Tudo inalterado.

— Lembro-me de tudo aqui.

Havia um cheiro de pastéis de carne de dar água na boca. Eustace foi direto para a cozinha, e Virgínia seguiu-o. Ele pegou uma luva na passagem para o fogão, abaixou-se e abriu o forno.

— Não ficaram queimados, não é? — perguntou ela, ansiosa, enquanto o delicioso vapor subia.

— Não. Estão no ponto.

Eustace fechou a porta do forno e ergueu-se.

— Foi você quem fez?

— Eu? Você deve estar brincando.

— Quem fez então?

— A sra. Thomas, minha empregada... Aceita alguma coisa para beber?

Ele abriu a geladeira, pegando uma lata de cerveja na parte interna da porta.

— Não, obrigada. Eustace sorriu.

— Não tenho Coca.

— Não quero beber nada.

Enquanto conversavam, Virgínia olhou ao redor. Tinha medo de que alguma coisa naquela maravilhosa cozinha tivesse sido alterada, que Eustace tivesse mudado algo, trocado os móveis, pintado as paredes. Mas tudo continuava como ela se lembrava. A mesa junto do recuo da janela, os gerânios no peitoril, o armário com a louça colorida. Depois de tantos anos, continuava a ser o epítome de tudo que uma cozinha apropriada devia ser, o coração da casa.

Quando assumiram Kirkton e começaram a reformar tudo, do porão ao sótão, ela tentara fazer uma cozinha como a de Penfolda. Um lugar confortável e aconchegante, onde a família pudesse se reunir, tomar chá e conversar em torno de uma mesa.

— Quem quer ficar numa cozinha? — indagara Anthony, incapaz de

compreender.

— Todo mundo. A cozinha de uma casa de fazenda é como uma sala de estar.

— Pois eu não pretendo passar o tempo em nenhuma cozinha, pode ter certeza.

Ele encomendara móveis de aço inoxidável, balcões de fórmica e um chão quadriculado em branco e preto, que exibia todas as marcas e era difícil de limpar.

Então, Virgínia encostou-se na mesa e comentou, com profunda satisfação:

— Fiquei com medo de que alguma coisa tivesse mudado, mas tudo continua como antes.

— Por que eu mudaria?

— Não sei; não vejo motivo nenhum. Apenas fiquei com medo. Eustace, Alice me contou que sua mãe morreu... Sinto muito.

— Já faz dois anos. Ela sofreu uma queda. Depois pegou pneumonia.— Ele jogou a lata de cerveja vazia na lata de lixo e virou-se para avaliá-la, o corpo encostado na beira da pia. — E como vai a sua?

A voz não tinha qualquer inflexão; Virgínia não pôde perceber qualquer insinuação de sarcasmo ou aversão.

— Ela também morreu, Eustace. Ficou muito doente dois ou três anos depois que Anthony e eu casamos. Foi horrível, porque mamãe passou muito tempo sofrendo. Tive de me desdobrar, morando em Kirkton e indo sempre a Londres... Não podia passar o tempo todo com ela.

— E você era toda a família dela? Não havia mais ninguém?

— Isso mesmo. O que era parte do problema. Costumava visitá-la com muita frequência sempre que podia, mas no final tivemos de levá-la para a Escócia. Ela acabou internada numa casa de saúde em Relkirk, e lá morreu.

— Deve ter sido terrível.

— Foi mesmo. E ela era muito jovem. É estranho quando a mãe morre. Você nunca cresce de fato até que isso aconteça. — Virgínia fez uma pausa, depois corrigiu: — Ou, pelo menos, acho que é assim que as pessoas se sentem. Você já tinha crescido muito antes.

— Entendo o que está querendo dizer.

— Mas isso já passou. Não vamos mais falar de sofrimento. Fale-me de você... e da sra. Thomas. Alice Lingard comentou que você teria uma amante doméstica ou uma governanta sensual. Mal posso esperar para conhecê-la.

— Mas terá de esperar. Ela foi a Penzance visitar a irmã.

— Ela mora em Penfolda?

— Ocupa o chalé do outro lado da casa. Havia três chalés no passado,

antes de meu avô comprar a propriedade. Três famílias viviam aqui e cultivaram alguns acres. Provavelmente tinham meia dúzia de vacas para aproveitarem o leite; depois mandavam os filhos para as minas de estanho, a fim de evitar que a fome batesse em suas portas.

— Há dois dias passei por Lanyon e fui sentar-me no alto da encosta. Havia algumas colheitadeiras e vários homens colhendo o feno. Pensei que você fosse um deles.

— Provavelmente era mesmo.

— Também pensei que tinha casado.

— Não, não casei.

— Eu já sabia. Alice Lingard me contou que continuava solteiro.

Depois de terminar a cerveja, ele pegou garfos e facas numa gaveta. Começou a pôr a mesa, mas Virgínia o deteve.

— Está fazendo um dia muito bonito para ficar dentro de casa. Não podemos comer no jardim?

Eustace exibiu uma cara espantada, mas disse:

— Está certo.

Ele pegou um cesta para os garfos, facas, pratos, saleiro e pimenteira, e mais dois copos. Tirou os pastéis quentes do forno e os colocou numa travessa de porcelana com desenhos de flores. Saíram para o sol por uma porta lateral e seguiram para o jardim, pequeno e malcuidado. A grama precisava ser aparada, os canteiros transbordavam de flores de cores alegres, e a pouca distância lençóis e fronhas brancos estavam pendurados num varal, adejando à brisa que soprava.

Como Eustace não tinha móveis de jardim, sentaram-se na grama, cheia de margaridas e fúnguias, com as coisas do piquenique espalhadas ao redor.

Os pastéis eram enormes. Virgínia só comera metade do seu, sendo derrotada pelo restante, depois que Eustace, estendido de lado e apoiado no cotovelo, já comera todo o dele.

— Não consigo comer mais.

Ela entregou sua metade, que Eustace acabou por devorar, na maior tranquilidade. Com a boca cheia de pastel e batata, ele comentou:

— Se eu não estivesse com tanta fome, obrigaria você a comer tudo, para engordar um pouco.

— Não quero ficar gorda.

— Mas está magra demais. Sempre foi bem pequeninha, mas agora tenho a impressão de que uma rajada de vento mais forte vai fazê-la alçar vôo. Além disso, cortou os cabelos. Eram compridos, descendo pelas costas e esvoaçando ao vento.

Ele estendeu a mão e envolveu o pulso de Virgínia com o polegar e o

indicador, antes de acrescentar:

— Você quase não tem carne.

— Talvez seja por causa da gripe.

— Pensei que estaria enorme depois de tantos anos comendo mingau, arenque e aquele pastelão de coração, fígado e aveia que eles chamam de *haggis*.

— Você pensa que as pessoas na Escócia só comem isso?

— Foi o que me disseram.

Ele largou o pulso de Virgínia, acabou de comer e começou a recolher tudo, a fim de levar para a cozinha. Ela fez menção de ajudar, mas Eustace disse para continuar onde estava. Foi o que ela fez, estendendo-se na grama e olhando para o telhado cinzento do estábulo, as gaivotas empoleiradas nas árvores, as nuvens pequenas e brancas, augúrio de bom tempo, sopradas do mar, deslizando pelo céu de um azul incrível.

Eustace voltou, trazendo cigarros, maçãs verdes e uma garrafa térmica com chá. Virgínia permaneceu deitada, e ele arremessou uma maçã, que ela apanhou; sentou-se então perto dela novamente e destampou a garrafa térmica.

— Fale-me da Escócia.

Virgínia girou a maçã, fresca e lisa, em suas mãos.

— O que quer saber?

— O que seu marido fazia?

— Como assim?

— Ele tinha emprego?

— Não exatamente. Ou, pelo menos, não era um emprego fixo. Mas herdou a propriedade...

— Kirkton?

— Isso mesmo. Kirkton. Herdou de um tio. Com a casa-grande e cerca de mil acres de terra. Depois que reformamos a casa, a propriedade ocupava-lhe a maior parte do tempo. Havia um pomar, campos cultivados. Ele cuidava de tudo com rara atenção... Quer dizer, ele tinha um empregado, o sr. McGregor — que você chamaria de capataz — vivendo na fazenda. Era ele quem fazia a maior parte do trabalho, mas Anthony estava sempre ocupado... — Virgínia hesitou, para depois concluir, contrafeita: — ... E aquilo parecia capaz de preencher seus dias. Caçando cinco dias por semana durante a temporada, pescando e jogando golfe. Seguindo até o norte para caçadas às escondidas, viajando para St. Moritz por dois meses no inverno. Não adiantava tentar explicar um homem como Anthony

Keile para um homem como Eustace Philips. Os dois pertenciam a mundos diferentes.

— E como está Kirkton agora?

— Já disse: o capataz cuida de tudo.

— E a casa?

— Está vazia. Isto é, todos os móveis continuam no lugar, mas não tem ninguém morando nela.

— E vai voltar para essa casa vazia?

— Acho que sim. Não sei quando.

— E as crianças?

— Estão em Londres, com a mãe de Anthony.

— Por que não estão com você?

O tom da pergunta não era crítico, apenas curioso, como se ele apenas desejasse saber.

— Parecia uma boa idéia vir sozinha para cá. Alice Lingard escreveu para me convidar. Achei que seria melhor assim.

— Por que não trouxe as crianças também?

— Não sei... — Até para si mesma a voz parecia-lhe elaborada demais, pouco convincente. — Alice não tem filhos e sua casa não é apropriada para crianças... Tudo é especial, raro, fácil de quebrar. Sabe como é.

— Para ser franco, não sei, mas continue.

— Seja como for, Lady Keile gosta de ficar com as crianças...

— Lady Keile?

— A mãe de Anthony. E Nanny gosta de ficar lá, porque já trabalhou para Lady Keile. Foi a babá de Anthony quando ele era pequeno.

— Mas pensei que as crianças já eram grandes.

— Cara tem oito anos e Nicholas, seis.

— Mas por que as crianças precisam de uma babá? Você não pode cuidar delas?

Ao longo dos anos, Virgínia fizera-se essa mesma pergunta muitas e muitas vezes, sem encontrar resposta. Mas ouvi-la de Eustace, inesperada, deixou-a com um ressentimento impertinente.

— Como assim?

— Apenas o que eu disse.

— Cuido das crianças. Estou sempre com elas...

— Se acabaram de perder o pai, a pessoa com quem precisam estar, com toda certeza, é a mãe, não uma avó ou uma babá herdada. Vão pensar que foram abandonadas.

— Não vão pensar nada disso.

— Se tem tanta certeza, por que está tão embaraçada?

— Porque não gosto de sua interferência; de se meter a dar opiniões sobre

coisas que não conhece.

— Eu já a conheço.

— O que sabe a meu respeito?

— Conheço sua infinita capacidade para se deixar intimidar.

— E quem está me intimidando?

— Não sei com certeza... Mas, se quer um palpite, para mim seria sua sogra. Talvez ela tenha continuado do ponto em que sua mãe deixou.

Virgínia percebeu que, com algum espanto, Eustace, de uma maneira fria, começava a se tornar tão furioso quanto ela.

— Não se atreva a falar de minha mãe desse jeito!

— Mas é verdade, não é?

— Não, não é verdade.

— Pois então traga seus filhos para cá. É desumano deixá-los em Londres nas férias de verão com um tempo como esse, quando deveriam estar correndo livres pelo mar e pelos campos. Faça alguma coisa; telefone para sua sogra e diga a ela para pôr as crianças num trem. E se Alice Lingard não quer as crianças na Wheal House, porque tem medo que seus ornamentos sejam quebrados, então leve-as para um *pub*, alugue um chalé...

— É exatamente o que tenciono fazer. Não precisava que você me dissesse.

— Pois então comece a procurar. — Já comecei.

Ele ficou momentaneamente calado, o que permitiu a Virgínia pensar, com intensa satisfação: "Deixei-o perplexo, sem saber o que dizer." Mas Eustace logo se recuperou.

— Encontrou alguma coisa?

— Fui ver uma casa esta manhã, mas não dá para alugá-la.

— Onde?

— Aqui mesmo. Em Lanyon.

Eustace ficou esperando, e ela acrescentou, contrariada:

— Uma casa chamada Bosithick.

— Bosithick? — Ele parecia delirado. — Mas é uma casa maravilhosa!

— É uma casa horrível.

— Horrível? — Eustace não podia acreditar no que ouvia. — Está se referindo ao chalé no alto da colina em que Aubrey Crane morou? Aquele que os Kernows herdaram de sua velha tia?

— Esse mesmo. É uma casa insuportável e assustadora.

— Assustadora como? Mal-assombrada?

— Não sei explicar direito. Apenas assustadora. — Se for assombrada pelo fantasma de Aybrey Crane, talvez seja bastante divertido. Mamãe lembrava dele.

Dizia que era muito simpático. — Uma pausa, e ele acrescentou, no que pareceu a Virgínia um exemplo clássico de *non sequitur*: — E gostava muito de crianças.

— Não quero saber que tipo de homem ele era. Não vou alugar aquela casa.

— Por que não?

— Porque não quero.

— Dê-me três bons motivos... Virgínia perdeu a paciência.

— Ora, pelo amor de Deus...

Virgínia começou a se levantar, mas Eustace, com uma rapidez inesperada para um homem do seu tamanho, segurou-a pelo pulso e puxou-a de volta para a grama. Ela fitou seus olhos e viu que estavam frios como pedras.

— Três bons motivos — repetiu ele.

Virgínia baixou os olhos para a mão de Eustace em seu braço. Ele não fez menção de retirá-la.

— Não tem geladeira.

— Posso emprestar uma geladeira pequena. Motivo número dois.

— Já disse. É um lugar assustador. As crianças nunca viveram num lugar assim. Ficariam apavoradas.

— Não, se não forem desmioladas como a mãe. Motivo número três.

Desesperada, Virgínia tentou pensar num bom motivo, irrefutável, algo que convenceria Eustace de seu horror indefinível pela estranha casa da colina. Porém encontrou somente uma sucessão de pequenas desculpas, cada uma mais fraca do que a anterior.

— É muito pequena e suja. Não sei onde poderia lavar as roupas das crianças. Também não sei se tem um ferro de passar roupa ou um cortador de grama. Não tem jardim, mas apenas um terreno com plantas sem qualquer cuidado. Os móveis estão um horror... Eustace interrompeu-a:

— Esses não são motivos, Virgínia, e você sabe muito bem disso. Tudo isso são apenas desculpas.

— Desculpas para quê?

— Para não ter um confronto com sua sogra ou com a velha babá, ou mesmo com as duas. Desculpas para não fazer uma cena e afirmar para não trazer seus filhos como tem vontade de fazer.

A fúria de Virgínia contra ele ficou presa na garganta, originando um enorme caroço que a deixava incapaz de falar. Ela sentiu que o sangue lhe fluía para as faces, começou a tremer. Mas embora estivesse percebendo tudo aquilo, Eustace continuou, calmamente, repetindo todas as coisas horríveis que uma vizinha no fundo da cabeça de Virgínia vinha afirmando há anos. Só que ela nunca tivera a coragem moral de dispensar qualquer atenção.

— Não acredito que você se importe com seus filhos. Você não quer é se incomodar com eles. Você sempre teve quem lavasse e passasse suas roupas, e não vai ser agora que vai começar a fazer isso. É preguiçosa demais para levá-los a piqueniques ou ler livros para eles na hora de dormirem. Não tem nada a ver com Bosithick. Daria um jeito de encontrar coisas erradas em qualquer casa que visitasse. Qualquer desculpa serviria, desde que não tivesse de admitir para si mesma que não quer se dar ao trabalho de tomar conta de seus filhos.

Antes que a última palavra fosse pronunciada, Virgínia já estava de pé, desvencilhando o braço.

— Não é verdade! Nada disso é verdade! Quero ficar com meus filhos! Estou querendo trazê-los para cá desde que cheguei aqui!

— Pois então faça isso!

Eustace também se levantara. Gritavam um para o outro através de um metro de relva como se estivessem separados por um vasto deserto.

— É o que vou fazer. É exatamente o que vou fazer!

— Só acreditarei quando vir!

Virgínia virou-se e saiu correndo. Já estava no carro quando se lembrou da bolsa, que deixara na mesa da cozinha. A essa altura, com as lágrimas escorrendo, correu de volta à casa, a fim de pegar a bolsa antes que Eustace pudesse alcançá-la. Retornou ao carro, fez uma manobra meio perigosa no pequeno pátio, subiu o caminho acelerando, o cascalho solto voando na esteira das rodas traseiras.

— Virgínia!

Como os olhos cheios de lágrimas, avistou-o pelo retrovisor, parado bem distante. Pisou fundo no acelerador e saiu para a estrada, sem se dar ao trabalho de esperar para verificar se havia algum carro se aproximando. Por sorte, não havia. Mas ela não diminuiu a velocidade até chegar a Porthkerris, descer para a cidade e subir pelo outro lado. Estacionou o carro em local proibido, na frente do escritório dos advogados, enquanto entrava correndo.

Dessa vez não tocou a campainha, nem esperou pela srta. Leddra. Seguiu direto como um relâmpago, passando pela sala externa e abrindo a porta da sala do sr. Williams. Interrompeu bruscamente a reunião dele com a velha autocrática de Truro que viera fazer a sétima alteração em seu testamento. Tanto o sr. Williams quanto a mulher, silenciados pelo espanto, ficaram olhando para ela, boquiabertos. O advogado, recuperando-se primeiro, tratou de se levantar.

— Sra. Keile!

Mas antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, Virgínia jogou as chaves de Bosithick em cima da mesa e declarou:

— Ficarei com o chalé! A partir de hoje! E assim que meus filhos

chegarem, vou me mudar para lá!

Capítulo 4

— Sinto muito, Virgínia, mas acho que você está cometendo um erro lamentável — disse Alice. — E tem mais, é um erro clássico, cometido por muitas pessoas quando de repente se descobrem sozinhas no mundo. Você está agindo por impulso, não pensou nem um pouco a respeito... — Pensei muito.

— Mas as crianças estão bem, você sabe disso, seguras e felizes com Nanny e sua sogra. A vida que levam em Londres é uma extensão da vida em Kirkton, com todas as coisas que conhecem e que as ajuda a se sentirem seguras. Claro que, com a morte do pai, nada mais voltará a ser como antes para elas. Mas se tem de haver mudanças, pelo menos permita que aconteçam devagar, gradativamente. Dê tempo a Cara e a Nicholas para se acostumarem.

— Eles são meus filhos.

— Mas você nunca cuidou deles. Nunca ficou sozinha com eles, exceto nas raras ocasiões em que Nanny foi persuadida a tirar férias. Eles vão deixá-la esgotada... e, com toda sinceridade, Virgínia, não creio que no momento você esteja fisicamente bem para agüentar. Afinal, foi por isso que veio para cá, a fim de se recuperar daquela gripe horrível, ter um pouco de paz e sossego, dar tempo a si mesma de superar todas as coisas ruins que aconteceram. Não se prive disso. Vai precisar de todas as suas forças quando finalmente voltar a Kirkton, para retomar tudo e aprender a viver sem Anthony.

— Não vou para Kirkton, mas para Bosithick. Já paguei o aluguel da primeira semana.

A expressão de Alice deixou de ser paciente e tornou-se exasperada.

— Mas isso é um absurdo! Se você está tão ansiosa em ficar com as crianças, então traga-as para cá... mas, pelo amor de Deus, deixe Nanny vir também!

No dia anterior, a idéia ainda poderia ser tentadora. Mas agora Virgínia nem sequer permitiu-se considerá-la.

— Já tomei minha decisão.

— Mas por que não me falou antes? Por que não discutiu o assunto comigo?

— Não sei. Apenas era uma coisa que eu tinha de fazer sozinha.

— E onde fica Bosithick?

— Na estrada para Lanyon... Não se pode ver da estrada, mas lá tem uma espécie de torre...

— A casa em que Aubrey Crane morou? Mas o lugar é horrível, Virgínia! Não há nada ali além de charnecas, vento e penhascos! Você vai ficar totalmente isolada!

Virgínia tentou transformar tudo num gracejo.

— Nesse caso, você terá de nos visitar. Só para ter certeza de que as crianças e eu não estamos ficando lentamente loucos.

Mas Alice não riu. Virgínia, ao vê-la franzir o rosto e contrair a boca em desaprovação, ficou subitamente espantada com a semelhança com sua própria mãe. Era como se Alice não fosse mais uma contemporânea, sua amiga, mas que voltara uma geração antes e seu ar superior dizendo que a jovem Virgínia bancava a tola. Mas, talvez, no final das contas, o caso não fosse tão estranho assim. Ela conhecera Rowena Parsons muito antes de Virgínia nascer. O fato de não ter filhos para tratar significava que suas atitudes e opiniões permaneciam rigidamente inalteradas.

— Não gosto de interferir, Virgínia, e você sabe disso — declarou ela, depois de uma longa pausa. — Mas eu conheço você desde que nasceu e não posso ficar de braços cruzados vendo você cometer essa loucura.

— Por que é loucura trazer os filhos para passar as férias em sua companhia?

— Não é só isso, Virgínia, você sabe muito bem. Se tirá-los de Lady Keile e Nanny sem a aprovação delas, e duvido muito que as duas concordem, você vai gerar uma tremenda briga.

Virgínia sentiu-se desolada ao pensar a respeito.

— Eu sei disso.

— É bem provável que Nanny fique tão ressentida que pedirá demissão.

— Também sei disso...

— Sua sogra fará tudo que puder para impedi-la.

— Também concordo.

Alice fitou-a como se estivesse diante de uma estranha. Depois, subitamente, deu de ombros e soltou uma risada, do tipo resignado.

— Não consigo entender. O que a deixou de repente tão determinada?

Virgínia nada dissera sobre seu encontro com Eustace Philips e não tinha a menor intenção de falar a respeito.

— Nada... nada em particular.

— Deve ser o ar marinho — murmurou Alice. — É extraordinário o que ele faz com as pessoas.

Ela pegou um jornal do chão e começou a dobrá-lo, cuidadosamente.

— Quando vai a Londres?

— Amanhã.

— E Lady Keile?

— Telefonarei para ela esta noite. E peço que me desculpe, Alice. Você tem sido muito gentil comigo.

— Não tenho, não. Tenho sido crítica e desaprovadora. Mas, de certa forma, sempre penso em você como muito jovem e desamparada. Sinto-me responsável por você.

— Tenho vinte e sete anos. E não estou desamparada. Sou responsável por mim mesma.

Nanny atendeu o telefone.

— Alô?

— Nanny?

— Isso mesmo.

— Aqui é a sra. Keile.

— Ah, sim... Quer falar com Lady Keile?

— Ela está aí?

— Só um momento que já vou chamá-la.

— Nanny...

— Pois não?

— Como estão as crianças?

— Muito bem. Estão se divertindo bastante. Acabaram de ir para a cama.

O comentário foi acrescentado às pressas, para o caso de Virgínia pedir para falar com os filhos.

— Está muito quente aí?

— O tempo está ótimo. Espere um instante, vou chamar Lady Keile.

Ouviram-se os sons de Nanny desligando o telefone, de seus passos atravessando o *hall*, e de sua voz a distância:

— Lady Keile.

Virgínia esperou. *Se eu fosse uma mulher que gostasse de beber estaria neste momento com um copo na mão. Um copo grande, cheio de uísque.* Mas ela não era acostumada a beber e sentia um peso enorme no estômago, na expectativa de um desastre.

Ouviram-se mais passos, firmes, precisos, inconfundíveis. O fone foi levantado de novo.

— Virgínia?

— Sim, sou eu.

A situação tornava-se ainda mais complicada pelo fato de que Virgínia nunca soubera como tratar a sogra. "Pode me chamar de mãe", sugerira ela, gentilmente, logo depois que Virgínia e Anthony haviam se casado. Mas, por algum motivo, isso parecera inadmissível. E "Lady Keile" era pior ainda.

Virgínia optara pelo meio-termo, só se correspondendo por cartão-postal ou telegrama, usando sempre "você" como fazia com todas as pessoas.

— É um prazer ouvi-la, minha querida. Como tem passado?

— Estou muito bem...

— E o tempo? Soube que há uma onda de calor por aí.

— É verdade, uma coisa incrível. Escute...

— Como está Alice?

— Também vai muito bem...

— As crianças foram nadar hoje. Os Turners têm uma linda piscina em seu jardim e convidaram Cara e Nicholas para passarem a tarde lá. É uma pena que já tenham ido se deitar. Por que não telefonou antes?

— Tenho uma coisa para lhe dizer.

— Sim. Estou ouvindo.

Virgínia apertou o fone com toda a força, até sentir as articulações doerem.

— Encontrei um pequeno chalé perto daqui, próximo do mar. Pensei que seria ótimo se as crianças viessem para cá, a fim de passarmos o resto das férias juntos.

Ela fez uma pausa, esperando por comentários, mas houve apenas o silêncio.

— O que eu quero dizer é que o tempo aqui está tão bonito que me sinto culpada por desfrutar tudo sozinha... e seria ótimo para as crianças respirarem um pouco do ar marinho antes de voltarmos para a Escócia e as aulas recomeçarem.

— Um chalé? — murmurou Lady Keile. — Mas você não estava hospedada na casa de Alice Lingard?

— E continuo. Estou ligando da Wheal House neste momento. Mas aluguei um chalé.

— Não estou entendendo.

— Quero que as crianças venham para cá e passem o resto das férias comigo. Viajarei de trem amanhã para buscá-las.

— Mas que tipo de chalé?

— Apenas um chalé... um chalé para férias.

— Bem, se é isso o que você quer...

Virgínia começou a soltar um suspiro de alívio, mas Lady Keile logo acrescentou:

— Mas vai ser duro para Nanny. Não é sempre que ela tem oportunidade de vir a Londres para rever as amigas.

O alívio desapareceu no mesmo instante. Virgínia teve de retomar o ataque.

— Nanny não precisa vir.

Lady Keile mostrou-se ainda mais confusa.

— Desculpe, mas a ligação não está muito boa. Pensei ter ouvido que Nanny não precisa ir.

— É isso mesmo. Posso cuidar das crianças. De qualquer forma, não há espaço para Nanny. Não tem um quarto só para ela, nem uma sala para as crianças... e o chalé é muito isolado, ela detestaria...

— Está querendo dizer que tenciona *afastar* as crianças de Nanny?

— Isso mesmo.

— Mas ela vai ficar transtornada!

— Também acho, mas...

— Virgínia... — A voz de Lady Keile era agora aflita, um tanto perturbada.

— Não podemos conversar sobre isso por telefone, Virgínia.

Virgínia imaginou Nanny no patamar lá em cima, ouvindo só a parte de Lady Keile na conversa.

— Nem precisamos. Estarei em Londres amanhã. Chegarei aí por volta das cinco horas. Então poderemos conversar.

— Será melhor assim. Lady Keile desligou.

Na manhã seguinte, Virgínia foi a Penzance, deixou o carro no estacionamento da estação e pegou o trem para Londres. Era outra manhã quente, sem nuvens. Ela não tivera tempo de reservar um lugar. Apesar de chamar um carregador e de lhe dar uma gorjeta generosa, ele só conseguiu arranjar um banco vazio num vagão que já estava desconfortavelmente lotado. Os outros passageiros estavam voltando para casa no final de suas férias anuais, mal-humorados e desconsolados por terem de voltar ao trabalho, além de estarem contrariados por deixarem o mar e as praias num dia tão lindo.

Havia uma família no compartimento — pai, mãe e duas crianças. O bebê dormia no colo da mãe, suado. Mas enquanto o sol subia pelo céu azul e o trem seguia ruidoso para o norte, através do calor tremeluzente do meio-dia de pleno verão, a criança mais velha foi se tornando mais e mais irrequieta. Choramingava, resmungava, nunca ficava parada, além de roçar as sandálias sujas no vestido de Virgínia cada vez que queria olhar pela janela. Em determinado momento, a fim de manter a criança quieta, o pai comprou um suco de laranja. Mas assim que a garrafa foi aberta, o trem deu um solavanco e todo o conteúdo derramou-se pela frente do vestido de Virgínia.

No mesmo instante a criança levou um tapa da mãe, bastante nervosa, e começou a gritar. O bebê acordou e acrescentou seus uivos aos berros do irmão. O pai resmungou:

— Veja o que você fez!

Ele sacudiu o menino como corretivo. Virgínia, tentando se enxugar com lenços de papel, disse que não tinha importância, fora apenas um acidente.

Ao final de um berreiro prolongado, o menino aquietou-se em soluços entrecortados. Uma mamadeira surgiu de algum lugar e foi levada à boca do bebê. Depois de sugar por algum tempo, o bebê parou, sentou no colo da mãe e golfou.

Virgínia acendeu um cigarro, olhando fixamente pela janela, e rezou: "Meu Deus, não deixe que Cara e Nicholas jamais fiquem assim. Não permita que se comportem desse jeito numa viagem de trem, ou ficarei completamente louca."

Londres estava quente e abafada, e a grande caverna que era a estação de Paddington estava barulhenta e tumultuada, com multidões apressadas. Assim que saltou do trem, Virgínia, carregando a mala, sentindo-se suja e amarrotada no vestido pegajoso e manchado, atravessou toda a plataforma até a bilheteria. Como um agente secreto providenciando sua rota de fuga, ela comprou passagens e reservou três lugares no trem Riviera, para a manhã seguinte. Só depois foi para o ponto de táxi, esperou na fila, até conseguir pegar um carro.

— Melton Gardens, trinta e dois, em Kensington, por favor.

— Está bem.

O motorista seguiu por Sussex Gardens, atravessando o parque. O gramado marrom estava cheio de famílias fazendo piquenique, crianças com pouca roupa, casais abraçados à sombra das árvores. Na Brompton Road, as jardineiras nas janelas brilhavam com as flores desabrochadas, as vitrines das lojas exibindo roupas "Para Férias". A primeira leva da multidão da hora do *rush*, um fluxo incessante de gente, estava sendo sugada para a estação do metrô, em Knightsbridge.

O táxi entrou na sequência de praças tranquilas que ficavam além da Kensington High Street, avançou devagar por ruas estreitas com carros estacionados nos dois lados, até virar na esquina de Melton Gardens. Virgínia disse, então, ao motorista:

— Vou descer próximo àquela casa com a caixa de correspondência que parece uma pilastra.

O táxi parou. Virgínia saltou, pôs a mala na calçada, e abriu a bolsa para pagar a corrida.

— Muito obrigado — disse o motorista, ao receber o dinheiro, enquanto levantava o taxímetro.

Virgínia pegou a mala e virou-se para a casa. No mesmo instante a porta pintada de preto se abriu e sua sogra apareceu, esperando por ela.

Era uma mulher alta e esguia, muito atraente. Mesmo naquele dia abafado, parecia refrescada e impecável, sem qualquer amarrotado no vestido de linho e

sem um fio de cabelo fora do lugar.

Virgínia subiu os degraus.

— Não sei como adivinhou que eu havia chegado.

— Eu estava olhando pela janela da sala de estar. Vi quando o táxi parou.

A expressão de Lady Keile era afável e risonha, porém implacável, tipo a matrona de um asilo de lunáticos recebendo uma nova paciente. Beijaram-se nas faces.

— A viagem foi muito ruim?

Assim que Virgínia entrou, a porta fechou-se atrás delas. O vestíbulo fresco e claro recendia a cera de abelha e rosas. No outro lado havia degraus que desciam para uma porta de vidro lateral. Mais além ficava o jardim, com uma castanheira e o balanço das crianças.

— A pior que se pode imaginar. Estou me sentindo imunda. Uma criança insuportável entornou uma garrafa de suco de laranja no meu vestido. — A casa estava quieta. — Onde estão as crianças?

Lady Keile começou a subir na frente a escada para a sala de estar.

— Saíram com Nanny. Achei que seria melhor assim. Não devem demorar. Meia hora no máximo. Deve ser tempo suficiente para se resolver toda essa confusão.

Virgínia, subindo atrás dela, não disse nada. Lady Keile chegou ao topo da escada, atravessou o pequeno patamar e entrou na sala de estar. Virgínia continuou seguindo-a. Apesar de toda a sua ansiedade, ela ficou impressionada, como sempre, pela beleza eterna da sala, as proporções perfeitas das compridas janelas de frente para a rua, abertas nesse dia, as delicadas cortinas de renda tremulando. Havia espelhos compridos, enchendo a sala com luz refletida, multiplicando as imagens dos móveis antigos e bem encerados, armários altos com pratos Meissen em azul e branco, além das flores com que Lady Keile sempre se cercava. As duas pararam e fitaram-se através do tapete claro. Lady Keile disse:

— Vamos nos sentar e ficar à vontade. Ela acomodou-se numa poltrona de assento largo, as costas empertigadas. Virgínia também sentou-se, na beira do sofá, esforçando-se para não se sentir como uma empregada doméstica sendo entrevistada para um emprego.

— De início, devo lhe dizer que não há confusão nenhuma para resolver — declarou a jovem.

— Pensei ter entendido mal o que você me disse pelo telefone ontem à noite.

— Não, não entendeu mal. Decidi há dois dias que quero ter as crianças comigo. Cheguei à conclusão de que é um absurdo eu ficar na Cornualha e

deixar as crianças em Londres, ainda mais durante as férias de verão. Por isso, procurei um advogado, que me indicou um pequeno chalé. Já paguei o aluguel e peguei as chaves. Posso me instalar no chalé imediatamente.

— Alice Lingard sabe disso?

— Claro que sabe. Na ocasião, ela até se ofereceu para hospedar as crianças na Wheal House, mas eu já havia assumido um compromisso e não podia voltar atrás.

— Mas *tem certeza*, Virgínia, de que quer ficar com as crianças sem Nanny?

— Tenho, sim.

— Mas nunca vai conseguir.

— Preciso tentar.

— O que está querendo, no fundo, é ficar sozinha com as crianças.

— Isso mesmo.

— E tem certeza de que não está sendo um pouco... egoísta?

— *Egoísta?*

— Exatamente, egoísta. Não está pensando nas crianças, não é mesmo? Só em você mesma.

— Talvez eu esteja pensando em mim, mas também penso nas crianças.

— Não pode estar pensando nelas, se tenciona afastá-las de Nanny.

— Já conversou com ela?

— Tinha de falar, é claro. Nanny precisava ter uma noção do que eu imaginava que você queria fazer. Mas eu esperava ser capaz de fazê-la mudar de idéia.

— O que ela disse?

— Não falou muita coisa. Mas percebi que ficou bastante aborrecida.

— Posso imaginar.

— Precisa pensar em Nanny, Virgínia. As crianças são a vida dela. Você tem que levar isso em consideração.

— Mesmo com a melhor boa vontade do mundo, não vejo como ela entra nisso.

— Claro que Nanny entra... Entra em tudo que fazemos. Afinal, ela é parte da família, desde que Anthony era pequeno... e não podemos esquecer da maneira como ela cuidou de suas crianças, dedicou-se ao máximo, deu sua vida por elas. E você diz que não sabe como ela entra nisso?

— Ela não foi minha babá — declarou Virgínia. — Não cuidou de mim quando eu era pequena. Não pode esperar que eu sinta a mesma coisa que você por ela.

— Está me dizendo que não sente nenhuma lealdade por Nanny? Depois

de deixá-la criar seus filhos? Depois de viver praticamente com ela em Kirkton por oito anos? Devo dizer que você me enganou. Sempre pensei que havia um ambiente feliz entre vocês.

— Se havia um ambiente feliz era por minha causa. Porque sempre cedi às exigências de Nanny em cada coisinha, só para manter a paz. Porque se não podia fazer como queria, ela ficava num mau humor que durava dias e dias, até que eu não podia mais suportar.

— Sempre imaginei que você era a dona de sua própria casa.

— Pois se enganava. Eu não era. E mesmo que tomasse coragem para brigar com Nanny, pedindo a ela para ir embora, Anthony nunca teria admitido. Ele achava Nanny o máximo.

Lady Keile empalideceu um pouco à menção do nome de seu filho. Manteve os ombros conscientemente empinados, as mãos cruzadas no colo. A voz saiu gelada:

— E suponho que isso não precisa mais ser levado em consideração.

Virgínia arrependeu-se no mesmo instante.

— Não quis dizer isso. Sabe que não foi essa a minha intenção. Mas estou sozinha agora. As crianças são tudo que tenho. Talvez eu esteja sendo egoísta, mas preciso delas. E preciso delas ao meu lado, desesperadamente. Tenho sentido saudade demais desde que viajei.

Lá fora, no outro lado da rua, um carro parou, um homem começou a discutir; uma mulher respondeu com voz estridente, irritada. Como se o barulho fosse mais do que podia suportar, Lady Keile levantou-se e foi fechar a janela.

— Também sentirei saudade das crianças.

Se algum dia tivéssemos sido íntimas, pensou Virgínia, eu poderia levantar agora e ir abraçá-la, oferecendo o conforto pelo qual ela tanto anseia. Mas não era possível. Existira afeição entre as duas, até respeito. Mas nunca amor, nunca familiaridade.

— Tenho certeza disso. Tem sido maravilhosa para as crianças e para mim. Sinto muito.

A sogra virou-se da janela, incisiva outra vez, a emoção sob controle.

— Acho que seria uma boa idéia tomarmos um chá agora — sugeriu ela, encaminhando-se para a corda da campainha, ao lado da lareira.

As crianças voltaram às cinco e meia. A porta da frente foi aberta e fechada, suas vozes subiram do vestibulo. Virgínia largou sua xícara de chá e ficou imóvel. Lady Keile esperou até que os passos atravessassem o patamar diante da sala de estar, a caminho dos aposentos das crianças lá em cima. Só então se levantou, atravessou a sala e abriu a porta.

— Cara e Nicholas.

— Olá, vovó.

— Há alguém aqui que deseja vê-los.

— Quem?

— Uma adorável surpresa. Entrem para descobrir. Mais tarde, depois que as crianças subiram para tomar

banho, depois que a própria Virgínia tomou banho e pôs um vestido de seda, e antes que soasse o gongo para o jantar, ela subiu para conversar com Nanny.

Encontrou-a sozinha, arrumando a sala das crianças, depois do jantar, antes de se acomodar para sua programação noturna com a televisão.

Não que a sala precisasse ser arrumada, mas Nanny não era capaz de relaxar enquanto a última almofada não estivesse afofada e ajeitada no sofá, todos os brinquedos guardados, as roupas sujas removidas e as limpas separadas para a manhã seguinte. Nanny sempre fora assim, apreciando o padrão ordenado de sua rotina rigorosa. E sempre tivera a mesma aparência, uma mulher antiquada e meticulosa, com mais de sessenta anos agora, sem qualquer vestígio de fio branco entre os cabelos escuros, que ela usava penteados para trás e presos num coque. Parecia não ter idade, o tipo de pessoa que continuaria a ser, inalterada, até que de repente se tornaria uma velha, ficaria senil e morreria.

Ela levantou os olhos abruptamente quando Virgínia entrou no aposento, apressando-se em desviá-los com a mesma rapidez.

— Olá, Nanny.

— Boa-noite.

Sua atitude foi fria. Virgínia fechou a porta e foi sentar-se no braço do sofá. Havia apenas uma maneira de lidar com Nanny de mau humor: ir direto ao ponto.

— Sinto muito, Nanny.

— Não sei do que está falando.

— Estou falando sobre as crianças irem embora comigo. Partiremos para a Cornualha amanhã de manhã. Reservei lugares no trem.

Nanny dobrou a toalha quadriculada, ponta contra ponta, meticulosamente.

— Lady Keile disse que havia falado com você — acrescentou Virgínia.

— Ela mencionou alguma idéia absurda... mas era difícil acreditar que eu estivesse ouvindo direito.

— Está zangada porque vou levar as crianças ou porque não vai também?

— Quem está zangada? Ninguém está zangada, tenho certeza...

— Então acha que é uma boa idéia?

— Não, não acho. Mas, de um jeito ou de outro, o que eu penso parece não ter mais importância.

Nanny abriu uma gaveta da mesa e guardou a toalha. Bateu a gaveta com um pouco de força, o que deixou transparecer no mesmo instante sua raiva incontida. Mas o rosto permaneceu impassível.

— Sabe muito bem que tudo o que você pensa tem importância. Tem feito muito pelas crianças. Não deve pensar que sou mal-agradecida. Acontece, apenas, que elas não são mais bebês.

— E o que isso significa, se me permite perguntar? — Apenas que posso cuidar delas agora.

Nanny afastou-se da mesa. Então, pela primeira vez, seus olhos encontraram os de Virgínia. E enquanto se olhavam, Virgínia viu um leve rubor de raiva subir pelo pescoço de Nanny, espalhar-se pelo rosto e alcançar a linha dos cabelos.

— Vai me dar o aviso prévio? — perguntou ela.

— Não, não era essa a minha intenção. Mas, talvez, agora que começamos a discutir o assunto, seja a melhor coisa. Para o seu bem... e o de todo mundo. Talvez seja o melhor para você.

— E por que seria o melhor para mim? Dediquei-me a esta família durante toda a minha vida. Cuidei de Anthony desde o início. Não havia motivo para eu ir até a Escócia cuidar de seus filhos. Não queria deixar Londres, mas Lady Keile me pediu. Como era a família, decidi atendê-la, um autêntico sacrifício... e é esse o agradecimento que recebo...

Virgínia interrompeu gentilmente, quando Nanny fez uma pausa para respirar.

— Será melhor para você por causa disso, Nanny. Não acha que é melhor uma separação sem brigas, talvez arrumar um novo bebê para cuidar, outra família? Afinal, sempre disse que um aposento de criança precisava ter um bebê pequeno... e Nicholas já está com seis anos.

— Nunca pensei que viveria para ver esse dia...

— E se não quer fazer isso, por que não conversa com Lady Keile? Talvez possa chegar a um acordo com ela. Vocês duas sempre se deram bem. Como gosta de Londres, onde vivem suas amigas, talvez...

— Não preciso que me ofereça qualquer sugestão, muito obrigada... renunciei aos melhores anos de minha vida... para cuidar das crianças... nunca esperei agradecimentos... nunca teria acontecido se o pobre Anthony... se Anthony estivesse vivo...

Nanny continuou, interminável. Virgínia sentou-se e escutou, deixou que a outra descarregasse tudo. Disse a si mesma que era o mínimo que podia fazer. Estava tudo acabado, feito e consumado; seria livre agora. Nada mais importava. Esperar, polidamente, que Nanny terminasse não era mais que um cumprimento,

uma demonstração de respeito, prestada pela vencedora à vencida, ao final de uma batalha sangrenta, mas honrosa.

Depois, ela foi desejar boa-noite às crianças. Nicholas já adormecera, mas Cara continuava absorvida em seu livro. Quando a mãe entrou no quarto, ela virou o rosto devagar, hesitando em desviar os olhos da página ou olhar para a mãe. Virgínia sentou na beira da cama.

— O que está lendo agora? Cara mostrou o livro.

— *Os Caçadores de Tesouros*.

— Lembro desse livro. Onde o encontrou?

— Na estante aqui.

Com todo cuidado, Cara ajeitou na página o marcador que ela mesma fizera, fechou o livro e o deixou na mesinha-de-cabeceira.

— Estava conversando com Nanny?

— Estava.

— Ela passou o dia inteiro esquisita.

— É mesmo, Cara?

— Está havendo algum problema?

É difícil ser tão perceptiva e sensível ao ambiente doméstico quando se tem apenas oito anos de idade. Ainda mais quando se é tímida e não muito bonita, precisando usar óculos redondos de aros de aço que a fazem parecer uma coruja.

— Não há nenhum problema. Apenas uma coisa diferente. E nova.

— Como assim?

— Amanhã de manhã, quando eu voltar de trem para a Cornualha, você e Nicholas irão comigo. Acha que vai gostar?

— Está querendo dizer... — o rosto de Cara se iluminou.. . — que vamos ficar com tia Alice?

— Não. Ficaremos numa casa só para nós. Uma casa pequena e engraçada chamada Bosithick. E nós três vamos arrumar toda a casa, cozinhar...

— Nanny não vai?

— Não. Nanny ficará aqui.

Houve um silêncio prolongado, até que Virgínia perguntou:

— Você se importa?

— Não, não me importo. Mas acho que ela vai se importar. Era por isso que estava tão esquisita.

— Não é fácil para Nanny. Você e Nicholas foram cuidados por ela desde que nasceram. Mas, de certa forma, acho que estão ficando crescidos para Nanny... da mesma forma como crescem e ficam grandes demais para casacos e vestidos. Ambos já têm idade suficiente para cuidarem de si mesmos.

— Está querendo dizer que Nanny não vai mais morar com a gente?

— Isso mesmo.

— Onde ela vai morar?

— Talvez ela encontre outro bebê para cuidar. Ou pode ficar morando com a vovó.

— Ela gosta de morar em Londres. Foi o que me disse. Acha que é muito melhor do que a Escócia.

— Então ficará satisfeita.

Cara pensou a respeito por um momento, depois perguntou:

— Quando vamos para a Cornualha? — Já falei. Amanhã de manhã, de trem.

— Quando vamos sair daqui? Cara gostava de tudo explicado.

— Por volta de nove e meia. Pegaremos um táxi até a estação.

— E quando voltaremos para Kirkton?

— Assim que as férias terminarem. Quando vocês retornarem à escola.

Cara permaneceu em silêncio. Era impossível adivinhar o que ela estava pensando. Virgínia acrescentou:

— Bem, agora é hora de dormir... teremos um longo dia amanhã.

Ela inclinou-se, tirou os óculos da filha com todo cuidado e deu-lhe um beijo de boa-noite. Mas, ao caminhar para a porta, Cara chamou-a:

— Mamãe... Virgínia virou-se.

— O que é? — Você veio.

Virgínia franziu o rosto, sem entender.

— Você veio — repetiu Cara. — Pedi que me escrevesse, mas em vez disso você veio nos buscar.

Virgínia lembrou-se da carta de Cara, o catalisador que dera início a tudo. E sorriu.

— Tem razão, eu vim. Achei que seria melhor.

Saiu do quarto e desceu a escada para suportar, como provação, um jantar silencioso em companhia de Lady Keile.

Capítulo 5

Virgínia acordou devagar, com um senso de realização a que não estava acostumada. Sentia-se determinada e forte, duas sensações tão estranhas que valia a pena permanecer na cama por mais algum tempo, quieta, só para saboreá-las. Recostada em travesseiros na cama extra de Lady Keile, que oferecia um conforto incomparável, com lençóis de linho de bainha aberta e cobertas macias, ela contemplou os primeiros raios de sol de outra magnífica manhã de verão infiltrando-se em longos filetes dourados pelos galhos frondosos da castanheira. As coisas ruins haviam acabado, os obstáculos temidos haviam sido superados. Dentro de duas horas, ela e os dois filhos estariam partindo. Virgínia disse a si mesma que nunca mais, depois da noite passada, teria medo de enfrentar qualquer coisa; sempre saberia que nenhum problema era insuperável, nenhum problema era difícil demais. Deixou que sua imaginação se projetasse cautelosa pelas semanas à frente, para os perigos de lidar, sozinha com Cara e Nicholas, com o desconforto e a inconveniência da pequena casa que alugara de forma tão intempestiva. Ainda assim, sua boa disposição permaneceu inalterada. Virará uma esquina em sua vida. Dali por diante, tudo seria diferente.

Eram sete e meia da manhã. Virgínia levantou-se, feliz com o tempo bom, o canto dos passarinhos, o zumbido agradável e distante do tráfego. Tomou um banho, vestiu-se, fez a mala, arrumou a cama e desceu.

Nanny e as crianças sempre tomavam o café da manhã na sala de cima, enquanto o de Lady Keile era levado para seu quarto numa bandeja. Mas aquela era uma casa de perfeita ordem, e Virgínia encontrou seu café pronto, no prato térmico da sala de jantar, com um único lugar posto à cabeceira da mesa comprida.

Ela tomou duas xícaras de café puro quentíssimo, depois comeu torrada com geléia de frutas cítricas. Em seguida, pegou a chave que estava em cima da mesa no vestíbulo e saiu pela porta da frente para as ruas, àquela hora tranqüilas. Foi a pé até a pequena e antiquada mercearia em que Lady Keile fazia compras. Comprou provisões suficientes para os momentos iniciais em Bosithick. Pão e manteiga, *bacon* e ovos, café e chocolate, latas de feijão-branco cozido com banha, melaço e condimentos, que ela sabia que Nicholas adorava, mas Nanny nunca aprovara, e sopa de tomate, biscoitos de chocolate. Teria de procurar leite e legumes quando chegassem lá. Pensaria em comprar carne e peixe mais tarde. Pagou as compras. O merceeiro arrumou tudo numa caixa de papelão bastante

resistente. Virgínia voltou para Melton Gardens carregando o embrulho nos braços.

Encontrou as crianças e Lady Keile no andar térreo; não havia qualquer sinal de Nanny Entretanto, as malas pequenas, arrumadas de forma impecável, já estavam alinhadas no vestíbulo. Virgínia pôs o embrulho com as compras em cima.

— Olá, mamãe.

— Olá, crianças.

Ela beijou os dois. Estavam limpos e arrumados, preparados para a viagem. Cara usava um vestido azul de algodão, e Nicholas vestia um *short* e camisa listrada, os cabelos escuros há pouco penteados e assentados teimosamente por uma escova.

— Aonde você foi? — perguntou ele.

— Fui comprar alguns mantimentos porque talvez não tenhamos tempo para fazer compras quando chegarmos a Penzance, e seria terrível se não tivéssemos nada para comer.

— Eu não sabia que íamos viajar de trem até acordar esta manhã e Cara me contar.

— Desculpe não ter-lhe contado antes. Você estava dormindo quando fui lhe falar e não quis incomodá-lo.

— Preferia que tivesse me acordado. Eu só soube no café da manhã.

O ressentimento de Nicholas era evidente. Virgínia sorriu para ele, depois fitou a sogra. Lady Keile estava pálida e tensa. Afora isso, exibia uma aparência controlada, como sempre, no comando da situação. Virgínia imaginou que talvez nem ela tivesse dormido.

— Deve telefonar agora para pedir um táxi — aconselhou Lady Keile. — Não vai querer correr o risco de perder o trem. É sempre melhor chegar mais cedo. O número do serviço de táxis está ao lado do telefone.

Virgínia foi fazer a ligação, desejando lembrar-se disso antes. O relógio no vestíbulo marcava nove e quinze. O táxi chegou em dez minutos.

— Meninos, estamos prontos para partir.

— Mas precisamos nos despedir de Nanny! — protestou Cara.

— Claro — concordou Virgínia. — Onde ela está?

— Em nosso quarto.

Cara começou a caminhar para a escada, mas Virgínia a deteve.

— Não!

A menina virou-se, espantada com o tom inesperado da voz da mãe.

— Mas *temos* de nos despedir!

— E vão se despedir. Nanny descera para ver vocês. Vou avisá-la de que já

vamos embora. Fiquem aqui e levem suas coisas para o carro.

Ela encontrou Nanny ocupada, com uma expressão determinada, em alguma tarefa inteiramente desnecessária.

— Nanny, nós já vamos. — Ah, sim...

— As crianças querem se despedir. Silêncio.

Na noite passada Virgínia sentira pena dela, e, de uma estranha maneira, até a respeitara. Mas agora, tudo o que queria fazer era segurá-la pelos ombros e sacudi-la, até sua estúpida cabeça cair.

— Isso é um absurdo, Nanny. Você não pode deixar que tudo termine assim. Desça logo para se despedir das crianças.

Era a primeira ordem expressa que ela dava a Nanny. A primeira, pensou Virgínia, e a última. Como Cara, Nanny ficou obviamente espantada. Por um momento, tentou ganhar tempo, a boca se mexeu, parecendo que tentaria inventar alguma desculpa. Virgínia fitou-a nos olhos e manteve uma expressão firme e decidida. Nanny tentou enfrentá-la, mas, derrotada, baixou os olhos. Finalmente triunfara.

— Está bem, madame.

Ela seguiu Virgínia até o vestíbulo, onde as crianças correram para abraçá-la e beijá-la, como se Nanny fosse a única pessoa no mundo que amavam. Depois, com essa demonstração de afeição cumprida, elas desceram apressadas para o táxi, que estava à espera.

— Adeus — disse Virgínia para a sogra. Nada mais foi dito. Trocaram beijos, apenas os rostos se inclinando e os lábios estalando no ar. — Adeus, Nanny.

Mas Nanny já subira a escada, tirando um lenço do bolso e assoando o nariz. Apenas suas pernas eram visíveis, no patamar lá em cima. No instante seguinte ela desapareceu no corredor.

Virgínia nem precisava temer pelo comportamento das crianças. A novidade da viagem de trem não as excitara; ao contrário, deixara-as caladas. Não era com freqüência que viajavam em férias, e nunca tinham ido para a praia. Quando seguiam para Londres, a fim de ficarem com a avó, pegavam o trem noturno já de pijama, dormindo durante todo o percurso.

Agora olhavam fixamente pela janela para os campos que desfilavam lá fora como se nunca tivessem visto nada assim, como se não conhecessem vacas ou pequenas cidades. Depois de algum tempo, quando o encanto da paisagem se desgastou, Nicholas abriu o presente que Virgínia comprara para ele em Paddington. Sorriu na maior satisfação ao admirar o pequeno trator vermelho.

— É como o de Kirkton — comentou ele. — O sr. McGregor tinha um Massey Ferguson igual a este.

Nicholas girou as rodas, emitiu ruídos de trator no fundo da garganta, e começou a subir e descer com o brinquedo pelo estofamento áspero do vagão da British Railway.

Mas Cara nem sequer abriu sua revista de quadrinhos. Ficou dobrada em seu colo. Ela continuou a olhar pela janela, a testa saliente encostada no vidro, os olhos atentos por trás dos óculos, sem perderem nada de vista.

Foram almoçar ao meio-dia e meia. Foi outra aventura, cambaleando pelos corredores, atravessando as assustadoras ligações que separavam os vagões. As crianças ficaram fascinadas com o vagão-restaurante, as mesas e as lâmpadas pequenas, o garçom paciente, a sensação de serem adultos e importantes ao receberem um cardápio para escolher.

— O que a madame vai escolher? — perguntou o garçom.

Cara ficou vermelha, soltando risinhos embaraçados, ao compreender que o garçom falava com ela. Precisou de ajuda para pedir uma sopa de tomate e peixe frito, e para decidir o problema de momento se devia tomar um sorvete branco ou um rosa.

Enquanto observava os rostos dos filhos, Virgínia pensou: "O que é novo e emocionante para eles, também é novo e emocionante para mim. As ocorrências mais triviais, mais corriqueiras vão se tornar especiais porque passei a vê-las através dos olhos de Cara. E se Nicholas me fizer perguntas que eu não puder responder, terei de procurar as informações necessárias, para brilhar nas conversas."

A idéia era divertida. Ela riu subitamente. Cara fitou-a, surpresa, depois riu também, sem saber qual era a piada, mas feliz em partilhá-la com a mãe.

* * *

— Quando foi que viajou pela primeira vez neste trem para a Cornualha?
— perguntou Cara.

— Quando eu tinha dezessete anos. Há dez anos.

— Nunca foi lá quando era pequena, assim da minha idade?

— Não. Nessa ocasião, costumava ir para a casa de uma tia em Sussex.

Já era de tarde agora, e eles ocupavam o compartimento sozinhos. Nicholas, encantado com a aventura do corredor, optara por ficar por lá. Podia ser visto com as pernas bem abertas, tentando ajustar o pequeno peso ao balanço do trem.

— Conte tudo.

— Sobre o quê? Sobre Sussex?

— Não. Sobre sua primeira viagem à Cornualha.

— Simplesmente fomos. Minha mãe e eu, para nos hospedarmos com Alice e Tom Lingard. Eu acabara de sair da escola, e Alice escreveu para nos convidar. Mamãe achou que seria ótimo viajar em férias.

— Foram férias de verão?

— Não. De Páscoa. Na primavera. Os narcisos estavam em flor, as primulas desabrochavam ao longo dos trilhos.

— Fazia calor?

— Não. Mas havia sol e era muito mais quente do que na Escócia. Nunca temos uma primavera apropriada na Escócia, não é mesmo? Um dia é inverno, mas no dia seguinte todas as folhas aparecem nas árvores e já é verão. Na Cornualha, a primavera é uma longa temporada... é por isso que eles podem cultivar todas aquelas lindas flores e mandar para vender em Covent Garden.

— Você nadou?

— Não. O mar estava gelado.

— E na piscina de tia Alice?

— Ela não tinha uma piscina naquele tempo.

— Vamos entrar na piscina de tia Alice?

— Claro.

— E no mar também?

— Claro. Encontraremos lá uma praia tranqüila para nadar.

— Eu... não sei nadar direito.

— É mais fácil do que numa piscina. O sal ajuda o corpo a flutuar.

— Mas as ondas não ficam batendo na nossa cara?

— Um pouco. Mas isso faz parte da diversão.

Cara considerou a perspectiva. Não gostava de ficar com o rosto molhado. Sem os óculos, todas as coisas ficavam embaçadas, e não podia nadar de óculos.

— O que mais você fazia?

— Costumávamos sair de carro para fazer compras. E, se fazia calor, sentávamos no jardim. Alice chamava as amigas para o chá, recebia outras pessoas para o jantar. E às vezes saíamos para caminhadas. Há lugares maravilhosos para se passear. Subindo a encosta, por trás da casa, ou descendo para Porthkerris. As ruas são todas íngremes e estreitas... tão estreitas que mal se consegue passar de carro. Havia muitos gatos vadios. O porto era lindo, com os barcos pesqueiros ancorados, os velhos sentados, tomando sol. Quando a maré estava cheia, os barcos ficavam balançando, e a água era de um azul profundo. Quando a maré baixava, a gente via a areia dourada, e os barcos inclinados de lado.

— E não caíam?

— Acho que não.

— Por quê?

— Não sei.

* * *

Houve um dia especial, um dia de abril com vento e sol. A maré estava alta, Virgínia podia se lembrar do cheiro de maresia, misturado com os cheiros evocativos de viagens pelo mar, alcatrão e tinta fresca.

No abrigo do quebra-mar, a água estava alta, lisa, clara, transparente e profunda. Mas, além da enseada as ondas se agitavam; o oceano era escuro, mas de ondas com cristas brancas. No outro lado da baía, o mar arremetia contra os rochedos na base do farol, a espuma branca elevando-se quase tão alto quanto a torre.

Uma semana transcorrera desde a noite do churrasco em Lanyon. Para variar, Virgínia estava sozinha. Alice fora de carro a Penzance para uma reunião de algum comitê, Tom Lingard estava em Plymouth, a sra. Jilkes, a cozinheira, tirara a tarde de folga e partira com um enorme chapéu para visitar a esposa de seu primo, e a sra. Parsons comparecera a seu encontro semanal com a cabeleireira.

— Terá de se divertir sozinha — disse ela a Virgínia durante o almoço.

— Não se preocupe.

— O que vai fazer?

— Ainda não sei. Arrumarei alguma coisa.

Na casa vazia, com a tarde vazia estendendo-se à sua frente, como uma dádiva, Virgínia considerou diversas possibilidades. Mas o dia maravilhoso era bonito demais para ser desperdiçado. Ela saiu e começou a andar. Os pés a levaram pela trilha estreita que descia para os penhascos. Seguiu até a foice branca e estreita que era a praia. No verão, a praia estaria apinhada de tendas coloridas e estandes para a venda de sorvete a veranistas barulhentos, com seus guarda-sóis e bolas de praia. Em abril, no entanto, os visitantes ainda não haviam começado a chegar. A areia era limpa, lavada pelas tempestades de inverno. Seus passos deixaram uma linha de pegadas tão precisas quanto pequenos pontos numa costura.

Na outra extremidade da praia havia um caminho que subia pela encosta. Virgínia logo descobriu-se perdida num labirinto de ruas estreitas, dando voltas entre casas desbotadas pelo sol. Deparou com escadas de pedras e vielas ignoradas, seguindo-as, até que de repente virou uma esquina e se encontrou na beira do cais. Sob um sol deslumbrante, avistou barcos pintados de cores fortes, a água de um verde maravilhoso. As gaivotas gritavam e davam voltas no ar, as

asas grandes como velas brancas contra o azul. Por toda parte havia atividade e alvoroço, com a faxina regular da primavera. As fachadas das lojas eram caiadas de branco, as janelas lavadas, cordas enroladas, conveses esfregados, redes remendadas.

Na beira do cais, um ambulante esperançoso postara sua carrocinha de sorvete, de um branco reluzente, com um letreiro sedutor: "Fred Hoskings, Sorvete Córnic, o Melhor Feito em Casa". Virgínia sentiu uma súbita vontade de tomar um, e desejou ter trazido algum dinheiro. Sentar-se ao sol, tomando um sorvete, num dia como aquele, parecia-lhe de repente o máximo do luxo. Quanto mais ela pensava a respeito, mais desejável parecia. Tratou de revistar todos os bolsos, na esperança de encontrar alguma moeda esquecida. Mas não achou nenhuma.

Virgínia sentou-se num poste de amarração, olhando desconsolada para o convés de um barco pesqueiro, onde um rapaz com um avental manchado de sal fazia um chá num fogareiro de álcool. Ela tentava não pensar no sorvete quando, como em resposta a uma prece, uma voz disse às suas costas:

— Olá.

Ela olhou para trás, afastando os cabelos do rosto. Viu-o parado ali, meio curvado contra o vento, com um pacote debaixo do braço, usando uma suéter azul de gola rulê, que o fazia parecer um marujo. Virgínia levantou-se.

— Olá.

— Achei que era você, mas não tive certeza — disse Eustace Philips. — O que está fazendo aqui?

— Nada. Isto é, saí para um passeio e resolvi parar e admirar os barcos.

— Está um dia lindo. — Também acho.

Os olhos azuis de Eustace tinham um brilho divertido.

— Onde está Alice Lingard?

— Foi a Penzance... a uma reunião de um comitê...

— Quer dizer que está sozinha aqui?

— Estou.

Virgínia usava tênis azuis, *jeans* azuis e suéter branca. Sentia-se angustiosamente convencida de que sua ingenuidade era visível não apenas nas roupas, mas também por não saber o que dizer numa conversa social. Ela olhou para o pacote, e perguntou:

— O que você está fazendo aqui?

— Vim comprar uma nova lona para cobrir a lenha. O vento da noite passada rasgou a antiga.

— Já deve estar voltando.

— Não imediatamente. E você?

— Não estou fazendo nada. Apenas explorando a cidade.

— Não a conhecia?

— Nunca me aventurei a esse ponto.

— Pois então venha comigo. Eu lhe mostrarei o resto. Começaram a andar pelo cais, sem pressa, os passos

lentos, emparelhados. Eustace viu a carrocinha e parou para conversar.

— Olá, Fred.

O ambulante, de casaco branco engomado, parecendo o árbitro de uma partida de críquete, virou-se para fitá-lo. Um sorriso espalhou-se pelo rosto bronzeado e enrugado.

— Olá, Eustace. Como tem passado?

— Muito bem. E você?

— Vou levando. Não é com frequência que vemos você por aqui. Como vão as coisas em Lanyon?

— Trabalhando muito. — Eustace inclinou a cabeça para a carrocinha. — Começou cedo. Ainda não há ninguém para comprar sorvete.

— Sempre digo que o passarinho que madruga é o que pega mais minhocas.

Eustace olhou para Virgínia.

— Quer um sorvete?

Ela não podia pensar em qualquer pessoa que tivesse lhe oferecido tão depressa o que mais queria no momento.

— Eu adoraria, mas não trouxe dinheiro. Eustace sorriu.

— O maior sorvete que você tiver, Fred — disse ele, estendendo a mão para o bolso de trás da calça.

Ele levou-a por toda a extensão do cais, subiram por ruas calçadas com pedras cuja existência Virgínia jamais suspeitara, atravessaram praças pequenas e surpreendentes, onde as casas tinham portas amarelas e jardineiras nas janelas, passaram por pequenos pátios com roupas penduradas em varais, por lances de degraus de pedra em que gatos deitavam ao sol, fazendo suas abluções. Acabaram saindo na praia, no lado norte, de frente para o vento, as ondas compridas rolando num verde-jade, com o sol por trás, o ar cheio da espuma branca soprada pelo vento.

— Quando eu era menino— disse Eustace, elevando a voz acima do vento —, costumava vir para cá com uma prancha de surfe. Era de madeira, feita por meu tio, com um rosto pintado na curva. Mas agora eles usam a tal prancha Malibu, de fibra de vidro, e surfam durante o ano inteiro, inverno e verão.

— Não é frio demais?

— Os surfistas usam traje de mergulho. Chegaram a um dique, fazendo

uma curva contra o vento, com um banco de madeira embutido nesse ponto. Eustace sentou-se no banco, concluindo aparentemente que já haviam andado demais. Ficou de costas para o dique, o rosto virado para o sol, as pernas compridas esticadas à sua frente.

Virgínia, terminando seu enorme sorvete, sentou-se ao seu lado. Eustace ficou observando-a. Quando ela acabou, limpando os dedos em sua calça *jeans*, Eustace perguntou:

— Gostou do sorvete?

Ele estava sério, mas os olhos sorriam para Virgínia. Ela não se importou.

— Estava delicioso. O melhor sorvete que já tomei. Você deveria ter tomado um também.

— Sou muito velho e muito grande para andar pelas ruas lambendo um sorvetão desses.

— Nunca serei muito grande nem muito velha.

— Quantos anos você tem?

— Dezesete, quase dezoito. — Já acabou a escola?

— Já, sim. No verão passado.

— O que faz agora?

— Nada.

— Vai para a universidade?

Virgínia sentiu-se lisonjeada por ele achá-la tão inteligente.

— Acho que não.

— O que vai fazer então?

Virgínia desejou que ele não tivesse perguntado.

— Acho que mais cedo ou mais tarde, talvez no próximo inverno, aprenderei a cozinhar, estudarei taquigrafia e datilografia, ou alguma coisa detestavelmente parecida. Mas minha mãe está obcecada em passar o verão em Londres, ir a todas as festas, conhecer as pessoas certas, e lançar-se no turbilhão social.

— Creio que é o que se chama "Fazer a Temporada" — comentou Eustace.

O tom de sua voz deixava patente que ele não pensava muito bem da perspectiva.

— Sinto calafrios só de pensar.

— É difícil de acreditar que nos dias de hoje ainda haja pessoas que se preocupem com isso.

— Sei que é incrível, mas é verdade. E minha mãe é uma dessas pessoas. Já se encontrou com algumas das outras mães e promoveram chás horríveis. Ela até reservou uma data para o meu baile, mas farei tudo que puder para dissuadi-la. Você pode imaginar alguma coisa pior do que um baile de debutantes?

— Não, não posso... mas também não tenho mais dozes dezessete anos.
Virgínia fez uma careta para ele. Eustace acrescentou:
— Se detesta a idéia, por que não finca o pé e diz à sua mãe que prefere ter uma passagem de ida e volta à Austrália, ou algo parecido?
— Já fiz isso. Ou pelo menos tentei. Mas você não conhece minha mãe. Ela nunca escuta nada que eu digo. Insiste que é muito *importante* eu conhecer todas as pessoas certas, ser convidada para todas as festas certas, e ser vista nos lugares certos.
— Pode tentar atrair seu pai para seu lado.
— Não tenho pai... ou pelo menos até agora nunca o vi. Eles se divorciaram quando eu era bebê.
— Ahn... — Uma pausa, e Eustace acrescentou, sem muita convicção: — Anime-se... quem sabe... você pode até gostar.
— Vou detestar cada momento.
— Como pode saber?
— Porque não sei o que fazer em festas. Fico calada na presença de estranhos, não consigo pensar em nada para dizer aos rapazes.
— Mas está pensando numa porção de coisas para me dizer — ressaltou Eustace.
— Você é diferente. — Diferente como?
— É mais velho... quero dizer, não é tão jovem. Eustace desatou a rir, e Virgínia sentiu-se embaraçada.
— O que eu quis dizer é que não é muito jovem, que já deve ter passado dos vinte e um ou vinte e dois anos. — Como Eustace continuasse rindo, ela franziu o rosto e acrescentou: — Que idade você tem?
— Vinte e oito anos. Faço vinte e nove no próximo aniversário.
— Você tem sorte. Eu gostaria de estar com vinte e oito anos.
— Se você tivesse — observou Eustace —, provavelmente não estaria aqui agora.
Subitamente, tudo ficou escuro e frio. Virgínia estremeceu. Levantou os olhos e viu que o sol desaparecera por trás de uma enorme nuvem cinzenta, a vanguarda de uma massa de nuvens escuras que o vento soprava do oeste.
— Aproveitamos a melhor parte do dia. Vai chover ainda esta noite. — Eustace olhou para o relógio. — Já são quase quatro horas; já é hora de voltarmos para casa. Como você vai voltar?
— Andando, eu acho.
— Quer uma carona? — Você tem carro?
— Um Land-Rover, estacionado no outro lado da igreja.
— Levar-me não vai ser contramão para você?

— Não. Posso voltar para Lanyon pelas charnecas. — Bem, se não se incomoda...

Virgínia permaneceu em silêncio no retorno para Wheal House. Mas era um silêncio natural, sociável, tão confortável quanto um sapato velho. Nada tinha a ver com timidez ou incapacidade de pensar em qualquer coisa para dizer. Ela não podia se lembrar de outra ocasião em que se sentisse tão à vontade com alguém... e muito menos com um homem que conhecera há tão pouco tempo. O Land-Rover era velho, os bancos gastos e empoeirados. Havia fragmentos de palha espalhados pelo chão e um leve cheiro de estrume. Virgínia, porém, não achou nem um pouco desagradável... ao contrário, até que gostou, porque fazia parte de Penfolda. Compreendeu que queria, acima de todas as coisas, voltar para lá. Ver a fazenda e os campos à luz do dia, inspecionar o gado e conhecer tudo, talvez conhecer o resto da casa e ser convidada a tomar um chá naquela invejável cozinha. Ser aceita, porém, era o que mais queria.

Subiram a encosta que saía da cidade, onde as casas da antiga área residencial haviam sido convertidas em hotéis, os jardins virando estacionamento ou varanda envidraçada. Havia solários e palmeiras, melancólicas contra o céu cinzento, canteiros de flores nas ruas, plantados com fileiras retas de narcisos.

Lá no alto, bem acima do mar, a rua nivelava. Eustace mudou a marcha e acelerou.

— Quando voltará para Londres?

— Não sei direito. Dentro de uma semana, por aí.

— Quer ir de novo a Penfolda?

Era a segunda vez naquele dia que ele oferecia o que Virgínia mais ansiava. Ela se perguntou se Eustace não seria capaz de ler seus pensamentos.

— Eu adoraria.

— Minha mãe gostou muito de você. Não é com frequência que ela vê um rosto novo. Ficaria feliz se você tomasse um chá com ela.

— Eu gostaria muito.

— Como iria até Lanyon? — perguntou Eustace, sem desviar os olhos da estrada.

— Posso pegar o carro de Alice. Tenho certeza de que ela me emprestaria se eu pedisse. Tomaria muito cuidado.

— Sabe guiar?

— Claro. Caso contrário, não pediria o carro emprestado.

Virgínia sorriu para ele. Não porque sua intenção fosse de deboche, mas porque de repente se sentia muito bem.

— Já sei o que fazer — declarou Eustace, com seu jeito incisivo. —

Falarei com minha mãe, descobrirei qual é o dia melhor para ela e lhe telefonarei. Está bom assim?

Ela se imaginou esperando pelo telefonema, a campainha tocando, a voz de Eustace na linha. Quase o abraçou de tanta felicidade.

— Está ótimo.

— Qual é o número?

— Porthkerris, três, dois, cinco.

— Não vou esquecer.

Chegaram à propriedade. Eustace passou pelo portão branco da Wheal House e subiu pelo caminho entre as sebes de escalônias.

— Aqui estamos! — Ele parou o carro, com um ranger dos pneus, espalhando cascalho. — Entregue em casa, sã e salva, a tempo para o chá.

— Muito obrigada.

Eustace inclinou-se sobre o volante, sorrindo.

— Não foi nada.

— Obrigada por tudo, inclusive o sorvete.

— O prazer foi meu.

Ele inclinou-se e abriu a porta para Virgínia. Ela saltou sobre o cascalho. Nesse instante a porta da frente foi aberta e a sra. Parsons apareceu, usando um *tailleur* vermelho de lã e uma blusa branca de seda, abotoada até o pescoço.

— Virgínia!

Ela virou-se. A mãe avançava pelo cascalho, imaculada como sempre. Os cabelos, curtos e escuros, agitavam-se ao vento. Obviamente, não haviam sido cuidados naquela tarde.

— Mamãe!

— Onde você esteve? O sorriso era cordial e interessado.

— Pensei que tivesse ido ao cabeleireiro. — A moça que costuma me atender está de cama, resfriada. Ofereceram outra, é claro, só que era a moça que passa quase que o dia inteiro varrendo o chão. Agradei, mas recusei. — Ainda sorrindo, ela olhou para o lugar em que Eustace esperava. — E quem é seu amigo?

— Ahn... é Eustace Philips...

Ele decidira saltar. Contornara o Land-Rover pela frente, esperando para ser apresentado. E Virgínia, odiando a si mesma, contemplou-o através dos olhos da mãe: os ombros largos e poderosos, por baixo da japona de marinheiro, o rosto queimado do sol, as mãos fortes e calosas. A sra. Parsons deu um passo à frente, graciosa.

— Como vai?

— Muito bem, obrigado.

Eustace fitou-a nos olhos, com expressão firme. Ela começou a estender a mão para um aperto, mas Eustace não percebeu ou preferiu ignorar. A sra. Parsons baixou a mão para o lado do corpo. A atitude dele tornou-a uma fração mais fria, mas de maneira sutil.

— Onde conheceu Virgínia?

A pergunta era inofensiva, o tom até jovial. Eustace encostou-se no Land-Rover e cruzou os braços.

— Moro em Lanyon, na fazenda Penfolda...

— Ah, sim, o churrasco. Já soube de tudo. E foi ótimo terem se encontrado hoje de novo.

— Por acaso — declarou Eustace, em tom firme.

— Mas isso faz com que seja ainda mais maravilhoso! — A sra. Parsons sorriu. — Acabamos de fazer o chá, sr. Philips. Não quer nos acompanhar?

Eustace fez que não com a cabeça. Seus olhos não se desviaram um momento sequer do rosto da mãe de Virgínia.

— Tenho setenta vacas esperando para serem ordenhadas. É melhor eu voltar...

— Claro, claro... Eu não o afastaria de seu trabalho. O tom era o da dona da casa dispensando o jardineiro, mas ela continuou sorrindo.

— Nem eu deixaria. Eustace voltou para o carro.

— Adeus, Virgínia.

— Adeus — murmurou Virgínia. — E obrigada por me trazer em casa.

— Eu lhe telefonarei qualquer dia desses.

— Ficarei esperando.

Ele deu um último aceno de cabeça, depois ligou o Land-Rover, engrenou e partiu, sem olhar para trás. Desceu pelo caminho e desapareceu, deixando Virgínia e a mãe ali paradas, olhando para a nuvem de poeira.

— Mas que coisa! — exclamou a sra. Parsons, rindo, mas obviamente irritada.

Virgínia não disse nada. Parecia não haver o menor sentido em falar qualquer coisa.

— Que rapaz rude! Devo dizer que aqui se encontram todos os tipos. Para que ele vai lhe telefonar?

O tom de voz insinuava que Eustace Philips não passava de uma piada, uma piada que ela e Virgínia partilhavam.

— Ele sugeriu que talvez eu pudesse ir a Lanyon para tomar chá com a mãe dele.

— Não é incrível? A mais pura presunção rural! Começou a chover fino. A

sra. Parsons olhou para o céu nublado, estremeceu e acrescentou:

— O que estamos fazendo aqui, paradas ao vento? Vamos entrar. O chá nos espera.

Virgínia não pensou outra vez no tremor. Mas, na manhã seguinte, a mãe queixou-se de indisposição. Estava resfriada, dissera ela, o estômago embrulhado, e ficaria em casa. Como o tempo estava ruim, ninguém questionou sua decisão. Alice acendeu a lareira na sala de estar. A sra. Parsons reclinou-se no sofá, com uma manta sobre os joelhos.

— Vou ficar muito bem — disse ela a Virgínia. — Você e Alice devem ir. Não precisam se preocupar comigo.

— Como assim? Devemos ir para onde?

— Para Falmouth. O almoço em Pendrane.

Como Virgínia permanecesse impassível, a mãe acrescentou:

— Ora, querida, não fique tão surpresa. A sra. Menheniot nos convidou há séculos. Está querendo nos mostrar seu jardim.

— Ninguém me disse nada.

Virgínia não queria ir. Levaria o dia inteiro para ir e voltar de Falmouth, e ainda teria de aturar o almoço e a visita a um jardim completamente desinteressante. Preferia permanecer em casa, sentada ao lado do telefone, esperando Eustace ligar.

— Pois estou dizendo agora. Terá de mudar de roupa. Não pode ir para o almoço *de jeans*. Por que não usa aquela linda blusa azul que comprei para você? E o *kilt* de tartã? Tenho certeza de que a sra. Menheniot adoraria seu *kilt*.

Se sua mãe fosse mais tolerante e compreensiva, Virgínia pediria que prestasse atenção ao telefone e anotasse o recado. Mas a sra. Parsons não gostava de Eustace. Achava-o rude e mal-educado. O comentário sorridente sobre a *presunção rural* fora o carimbo oficial de sua antipatia por ele. Desde a partida de Eustace que seu nome não fora mencionado. Durante o jantar, na noite passada, Virgínia tentara mais de uma vez contar a Alice e Tom sobre seu encontro casual, mas a mãe sempre dominara a conversa, interrompendo se necessário, desviando-a para assuntos mais convenientes. Enquanto trocava de roupa, Virgínia pensou no que devia fazer.

Ao final, vestida com o *kilt* e uma suéter amarela, com os cabelos escuros escovados e brilhantes, ela foi até a cozinha para falar com a sra. Jilkes. Tratava-se de uma nova amiga. Numa tarde de chuva, ela ensinara Virgínia a fazer um bolo chamado *scone*, ao mesmo tempo em que a regalava com inúmeras informações voluntárias sobre a saúde e longevidade de seus numerosos conhecidos.

— Olá, Virgínia.

Ela estava fazendo doces. Virgínia pegou um e pôs na boca, distraída.

— Não comece a comer agora! Se continuar, seu estômago não vai ter espaço para o almoço.

— Eu gostaria de não ter de ir. Sra. Jilkes, se alguém telefonar para mim, pode anotar o recado?

A sra. Jilkes revirou os olhos.

— Esperando um telefonema, hein? Por acaso é de algum rapaz?

Virgínia corou.

— Ahn... é, sim. Pode esperar essa ligação para mim?

— Não se preocupe, meu bem. Ei, a sra. Lingard está chamando... é hora de partir. Pode deixar que ficarei de olho em sua mãe. Levarei o almoço para ela numa bandeja.

Não voltaram para casa antes das cinco e meia da tarde. Assim que chegaram, Alice foi para a sala de estar, a fim de perguntar pela saúde de Rowena Parsons e relatar tudo que haviam visto e ouvido. Virgínia encaminhou-se para a escada. Mas no instante em que a porta da sala de estar foi fechada, ela virou-se e correu para a cozinha.

— Sra. Jilkes!

— Já voltou, meu bem?

— Alguém telefonou?

— Houve duas ou três ligações, mas sua mãe atendeu.

— Mamãe?

— Isso mesmo. Ela mandou colocar o telefone na sala de estar. Terá de perguntar a ela se há algum recado.

Virgínia deixou a cozinha, atravessou o corredor e o vestíbulo, e entrou na sala de estar. Por cima da cabeça de Alice Lingard, seus olhos se encontraram com os da mãe. Ela sustentou o olhar frio de Rowena Parsons. Depois, a sra. Parsons sorriu.

— Querida! Estou ouvindo tudo o que aconteceu. Não foi divertido?

— Foi, sim.

Ela esperou, oferecendo à mãe a oportunidade de informar que havia um recado telefônico.

— Só tem isso para dizer? Mais nada? O sobrinho da sra. Menheniot estava presente, não estava?

— Sim.

A imagem do jovem sem queixo já se tornara tão banal que Virgínia mal podia se lembrar de seu rosto. Talvez Eustace ligasse no dia seguinte. Não podia ter telefonado hoje. Virgínia conhecia a mãe. Sabia que a sra. Parsons, por mais

que desaprovasse, seria meticulosa em suas obrigações sociais, transmitindo todas os recados telefônicos. As mães eram assim mesmo. Tinham de ser. Porque se não vivessem de acordo com o código de comportamento que pregavam, então perdiam todo o direito à confiança dos filhos. E sem confiança não podia haver afeição. E sem afeição não haveria nada.

Choveu no dia seguinte. Virgínia passou a manhã inteira sentada diante do fogo na sala, fingindo ler um livro. Voava para atender ao telefone cada vez que tocava. Nunca era para ela; nunca era Eustace.

Depois do almoço, a mãe pediu-lhe para ir à farmácia em Porthkerris, a fim de aviar uma receita. Virgínia disse que não queria ir.

— Está chovendo demais.

— Uma chuvinha de nada não vai fazer mal nenhum. E o exercício será ótimo. Passou a manhã inteira sentada dentro de casa, lendo aquele livro tolo.

— Não é um livro tolo.

— Seja como for, ficou lendo o tempo todo. Ponha botas de borracha e uma capa que nem vai notar a chuva.

Não adiantava discutir. Virgínia assumiu uma expressão resignada e foi pegar a capa. Descendo a rua para a cidade, pelas calçadas molhadas e cinzentas, entre o pinga-pinga das árvores, ela tentou confrontar a possibilidade inconcebível de que Eustace nunca telefonasse.

Ele dissera que ligaria, é verdade, mas tudo parecia depender de sua mãe, para ela ficar livre. Virgínia ainda teria de pedir o carro emprestado e guiar até Lanyon.

Talvez a sra. Philips tivesse mudado de idéia. Talvez tivesse declarado: "Ora, Eustace, não tenho tempo a perder com chás. O que deu na sua cabeça ao dizer que ela podia vir até aqui?"

Talvez Eustace tivesse mudado de idéia sobre Virgínia depois de conhecê-la a mãe. Já ouvira falar que quando se quer saber que tipo de esposa uma garota será, basta olhar para a mãe dela. Talvez Eustace tivesse olhado e decidido que não gostara do que vira. Virgínia lembrou do desafio nos olhos azuis de Eustace, o final da conversa, tão hostil.

Eu não o afastaria de seu trabalho. Nem eu deixaria.

Talvez ele tivesse esquecido o número do telefone. Talvez mudasse de idéia. Ou talvez— e isso era assustador — Virgínia tivesse interpretado da maneira errada sua cordialidade, descarregara seus problemas e despertara a compaixão de Eustace. Talvez tivesse sido apenas isso. Ele sentira pena de Virgínia.

Mas ele disse que ligaria.

Depois de aviar a receita, ela se dispôs a voltar para casa. Ainda chovia.

Havia uma cabine telefônica na frente da farmácia, no outro lado da rua. Estava vazia. Não levaria mais do que um momento para encontrar o número de Eustace e discar. Ela trouxera sua bolsa, tinha moedas para pagar a ligação. *Sou eu, Virgínia*, diria ela, em tom jovial, como se fosse uma brincadeira. *Pensei que ia me telefonar!*

Ela quase atravessou a rua, mas hesitou na beira da calçada, tentando encontrar coragem para tomar a iniciativa, numa situação além de seu controle.

Imaginou a conversa.

— Eustace?

— Pois não?

— Aqui é Virgínia.

— Virgínia Parsons.

— Ah, sim, Virgínia Parsons. O que você deseja? Mas, a essa altura, a coragem virou as costas e fugiu.

Virgínia não atravessou a rua para a cabine telefônica. Em vez disso, subiu a ladeira, com a chuva caindo no rosto, as pílulas da mãe no bolso da capa.

Ao passar pela porta da frente da Wheal House, ouviu o telefone tocar. Quando conseguiu tirar as botas, a campainha já cessara. No momento em que entrou na sala de estar, a mãe repunha o fone no gancho.

A sra. Parsons levantou os olhos para a filha ofegante.

— O que aconteceu?

— Eu... pensei que era para mim.

— Não era. Número errado. Trouxe minhas pílulas, querida?

— Trouxe — murmurou Virgínia, desolada.

— Foi muito gentil. E a caminhada lhe fez bem. Dá para ver. Está com as faces rosadas novamente.

A sra. Parsons anunciou no dia seguinte, inesperadamente, que precisavam voltar a Londres. Alice ficou espantada.

— Mas pensei que ficaria aqui pelo menos por mais uma semana, Rowena!

— Bem que gostaríamos, minha cara, mas teremos um verão muito movimentado pela frente. Precisamos providenciar um monte de coisas. Não podemos continuar nos divertindo aqui, sem fazer nada, por mais uma semana. Bem que eu adoraria, mas é impossível.

— Fique pelo menos até o fim da semana.

Isso mesmo, fique até o fim da semana, rezou Virgínia. *Por favor, por favor, fique até o fim da semana*. Mas foi tudo em vão.

— Seria ótimo, mas temos de partir... Infelizmente, o mais tardar até sexta-

feira. Terei de reservar as passagens de trem.

— É uma pena, mas se não há outro jeito...

— É isso mesmo, minha cara, não há outro jeito.

Faça com que ele se lembre. Faça com que telefone. Não haveria tempo para ir a Penfolda, mas eu poderia pelo menos me despedir. Eu saberia, assim, que ele queria mesmo me ver de novo... talvez pudesse lhe escrever, dar meu endereço.

— Querida, comece a arrumar suas coisas. Não deixe nada para trás. Seria muito desagradável para a pobre Alice ter de nos enviar qualquer coisa. Já guardou sua capa?

Esta noite. Ele vai ligar esta noite. Dirá que sente muito não ter telefonado antes, mas precisou viajar. Andei tão ocupado que não me sobrou um único momento de folga. Fiquei doente.

— Virgínia! Venha assinar o livro de visitantes! Aqui, por baixo da minha assinatura. Ah, minha cara Alice, que férias maravilhosas você nos proporcionou! Uma profunda satisfação. Ambas adoramos... não é mesmo, Virgínia? Não nos agrada nem um pouco a idéia de partir.

E elas foram embora. Alice levou-as à estação, esperou que entrassem no vagão de primeira classe, os assentos dos cantos do compartimento, já reservados, o carregador deferente por causa da bagagem dispendiosa da sra. Parsons.

— Sei que voltará em breve — disse Alice, quando Virgínia inclinou-se na janela para beijá-la.

— Claro.

— Adoramos a sua companhia.

Era sua última chance. *Avise a Eustace que tive de partir. Diga adeus a ele por mim.* O apito soou, estridente, e o trem começou a se mover. *Ligue para ele assim que chegar em casa.*

— Adeus, Virgínia.

ROSAMUNDE PILCHER

Transmita meu amor. Diga a ele que o amo.

Em Truro, sua angústia se tornara tão evidente, com fungadelas e soluços, e lágrimas escorrendo pelas faces, que a mãe não pôde mais ignorar.

— Oh, querida... — A sra. Parsons baixou o jornal. — O que aconteceu?

— Nada...

Virgínia olhava para a janela, sem ver nada, por causa dos olhos inchados de tanto chorar.

— Mas tem de haver alguma coisa. — Ela estendeu a mão e pousou-a

gentilmente no joelho de Virgínia. — Foi aquele rapaz?

— Que rapaz?

— O rapaz do Land-Rover, Eustace Philips? Ele partiu seu coração?

Virgínia, chorando, não foi capaz de responder. A mãe continuou, tranqüilizadora e gentil:

— Eu não me sentiria tão infeliz. Provavelmente é a primeira vez que você está sendo magoada por um homem, mas posso lhe assegurar que não será a última. Os homens são criaturas egoístas.

— Eustace não era assim.

— Não era?

— Era gentil, o único de quem já gostei. — Ela assoou o nariz, ruidosa, e fitou a mãe. — Não gostou dele, não é?

A sra. Parsons ficou momentaneamente confusa com aquela franqueza inesperada.

— Ahn... digamos que eu nunca apreciei muito o seu tipo.

— Não gostou por ele ser fazendeiro?

— Eu nunca disse isso.

— Não, mas é o que pensa. Só gosta de homens fracos e sem queixo, como o sobrinho da sra. Menheniot.

— Não conheci o sobrinho da sra. Menheniot.

— Sei que não, mas tenho certeza de que gostaria dele.

A sra. Parsons demorou um pouco para responder.

— Esqueça-o, Virgínia. Cada moça precisa sofrer por amor antes de conhecer o homem certo para se casar. E este verão será muito divertido para nós duas. Seria uma pena estragá-lo, ansiando por uma coisa que provavelmente nunca existiu.

— Tem razão.

Virgínia enxugou os olhos e guardou o lenço úmido no bolso.

— É assim que uma boa menina faz. Agora, chega de lágrimas.

E satisfeita por ter derramado óleo nas águas turbulentas, a sra. Parsons recostou-se no banco e tornou a levantar o jornal. Mas dali a pouco, inquieta, perturbada com alguma coisa, ela baixou o jornal e verificou que Virgínia a observava, sem piscar, uma expressão nos olhos escuros que a mãe nunca vira antes.

— O que foi?

— Ele disse que telefonaria. Prometeu que telefonaria.

— E daí?

— Ele telefonou? Sei que você não gostava dele. Atendeu o telefonema e não me disse?

A mãe não hesitou por um instante sequer.

— Mas que injustiça, querida! Claro que não! Certamente não pensou que eu...?

— Não, não pensei nada — murmurou Virgínia, a última esperança morrendo.

Ela se virou e encostou a testa no vidro sujo da janela do trem. Os campos da Cornualha, junto com tudo que acontecera ali, foram relegados para sempre ao passado.

Isso foi em abril. Em maio, Virgínia tornou a se encontrar com uma antiga colega de escola, que a convidou para passar o fim de semana em sua casa de campo.

— É o meu aniversário, querida. Vai ser sensacional. Mamãe diz que posso convidar quem eu quiser. É bem provável que você tenha de dormir no sótão, mas não vai se importar, não é? Somos uma família bastante desorganizada.

Virgínia, encarando tudo com algum ceticismo, aceitou o convite.

— Como chego lá?

— Poderia pegar um trem, e alguém a esperaria na estação. Mas seria muito chato. Tenho uma idéia melhor. Meu primo deve ir à festa. Ele tem carro e vou pedir para ele lhe dar uma carona. Vou saber se ainda há espaço no carro dele. Talvez você tenha de se espremer com a bagagem, ou de sentar em cima da alavanca da mudança, mas qualquer coisa é melhor do que enfrentar a multidão em Waterloo...

Para surpresa de Virgínia, sua amiga acertou tudo. O carro era um Mercedes esporte, azul-escuro. Depois que a bagagem de Virgínia foi guardada na mala já abarrotada, ela foi convidada a sentar no banco da frente, entre o primo e a namorada. O primo era alto e louro, de pernas compridas. Vestia um terno cinza, e, na cabeça, usava um chapéu Trilby marrom inclinado para a frente.

Seu nome era Anthony Keile.

Capítulo 6

Cansada da viagem, e com todos os problemas de Bosithick ainda para enfrentar, Virgínia saltou do trem em Penzance, aspirou fundo o ar frio do mar e sentiu-se grata por retornar. A maré estava baixa, e o ar impregnado com o cheiro das algas marinhas. No outro lado da baía, o monte St. Michael destacava-se, dourado, pelo sol da tarde. As areias exibiam listras azuis, onde pequenos córregos e poças de água do mar refletiam a cor do céu.

Por sorte havia um carregador disponível na estação. Enquanto o seguiam, com seu carrinho, para fora da estação, Nicholas perguntou:

— É aqui que vamos ficar?

— Não. Vamos de carro para Lanyon.

— Que carro?

— Já disse que deixei meu carro aqui.

— Como sabe que não foi roubado?

— Porque o estou vendo, à nossa espera. Demorou um pouco para arrumar toda a bagagem

na mala do Triumph. Mas depois que tudo foi guardado, com a caixa de papelão das compras por cima, Virgínia pagou ao carregador e embarcaram. Os três sentaram no banco da frente, com Cara no meio e Nicholas ao lado da porta trancada.

Virgínia baixara a capota e prendera um lenço em torno dos cabelos. Mas o vento soprava os cabelos de Cara em seu rosto.

— Quanto tempo vamos levar para chegar lá?

— Não muito. Cerca de meia hora.

— Como é a casa?

— Por que não espera para ver?

Ela parou o carro no alto da colina. Olharam para trás, admirando a vista, a curva graciosa da Mount's Bay, as águas serenas e azuis envoltas pelo calor do dia que terminava. E ao redor, por toda parte, havia campos, valas com escabiosas azuis. Continuaram a viagem e desceram para um vale em miniatura, cheio de carvalhos antigos, com um regato passando por baixo de uma ponte, junto a um velho moinho e a uma aldeia. A estrada tornou a subir, voltou às charnecas. Subitamente, a linha reta e brilhante do horizonte do Atlântico surgiu à frente, faiscando a oeste, ao sol deslumbrante.

— Pensei que o mar ficava por trás da gente — disse Nicholas. — Este é

outro mar?

— Acho que sim.

— É o nosso mar? O que vamos usar?

— Espero que sim. — Tem uma praia?

— Não tive tempo para verificar. Tem muitos penhascos escarpados.

— Quero uma praia, e com areia. Quero também que me compre um balde e uma pá.

— Tudo no seu devido tempo — disse Virgínia. — Que tal fazer uma coisa de cada vez?

— Então quero comprar um balde e uma pá *amanhã*. Entraram na estrada principal, virando para leste. Foram seguindo ao longo da costa. Deixaram para trás a aldeia de Lanyon e a estrada que levava a Penfolda. Subiram a encosta e alcançaram os pilriteiros inclinados que indicavam o acesso a Bosithick.

— Chegamos!

— Mas não tem casa nenhuma! — Já vai vê-la.

Aos solavancos, balançando de um lado para outro, o carro e seus ocupantes desceram pela encosta. Havia batidas sinistras por baixo, as sebes de tojos pareciam querer espremê-los dos lados. Cara, preocupada com as provisões, estendeu a mão para trás, a fim de segurar a caixa. Viraram a última curva, com um solavanco final, subiram pela encosta de relva num ângulo perigoso e pararam abruptamente. Virgínia puxou o freio de mão, desligando o carro. As crianças continuaram sentadas no carro, olhando perplexas para a casa.

Não havia vento em Penzance; o ar era agradável, somente um pouco quente. Havia, ali, um tênue zumbido, uma certa frieza. O varal quebrado balançava ao vento, a relva alta por cima do muro de pedra estava achatada tal qual um casaco de pele alisado pela mão de alguém.

Mas havia outra coisa. Havia algo errado. Por um momento, Virgínia ficou olhando atentamente, tentando descobrir o que era. Foi Cara quem revelou:

— Há fumaça saindo pela chaminé.

Virgínia estremeceu, um calafrio de apreensão, como se um filete de água gelada escorresse por sua espinha. Era como se pegassem a casa de surpresa, como se não fossem esperados pelos seres desconhecidos e inconcebíveis que a habitavam. Cara percebeu sua inquietação.

— Algum problema? — perguntou ela.

— Claro que não. — Virgínia falou com mais firmeza e convicção do que sentia. — Apenas fiquei surpresa. Vamos sair para verificar.

Saltaram do carro, deixando a bagagem e as compras para trás. Virgínia abriu o portão e ficou de lado para que as crianças passassem, enquanto tirava o molho de chaves da bolsa.

As crianças foram na frente; Nicholas correndo para descobrir o que havia além do canto da casa, e Cara avançando mais cautelosa, como se estivesse invadindo propriedade alheia, desviando-se de um pedaço de pano, de um vaso quebrado, as mãos suspensas, como se instruída a não tocar em coisa alguma. Juntas, abriram a porta da frente. Foi então que Cara perguntou:

— Acha que são ciganos?

— Que ciganos?

— Os que acenderam o fogo.

— Vamos dar uma olhada...

O cheiro de umidade e camundongos desaparecera. Em vez disso, a casa parecia limpa e aconchegante. Ao entrarem na sala de estar, encontraram-na iluminada pelo fogo na lareira... que fazia com que toda a aparência da casa mudasse. Não era mais soturna e deprimente; ao contrário, parecia bastante alegre. A horrível armação elétrica fora removida por alguém. Ao lado da lareira havia um cesto com um bom suprimento de lenha.

Com o fogo na lareira e os últimos raios do sol da tarde entrando pela janela a oeste, a sala estava bem quente. Quando se adiantou para abrir uma janela, Virgínia olhou pela porta aberta da cozinha. Em cima da mesa havia uma tigela com ovos vermelhos, ao lado de uma leiteira branca esmaltada. Entrou na cozinha, parou no meio dela e olhou ao redor, espantada. Alguém estivera ali e limpara tudo. A pia brilhava, as cortinas haviam sido lavadas. Cara aproximou-se por trás da mãe, ainda cautelosa.

— Parece até que fadas passaram por aqui — murmurou ela.

— Não foram fadas — disse Virgínia, sorrindo. — Foi Alice.

— Tia Alice Lingard?

— Isso mesmo. Ela não é maravilhosa? Fingiu desaproveitar nossa vinda para Bosithick, mas depois arrumou tudo para nós. É típico de Alice. Ela é muito generosa. Teremos de ir até lá amanhã para agradecer. Eu deveria telefonar agora, mas não temos telefone.

— De qualquer maneira, detesto telefones. Mas quero fazer uma visita... conhecer a piscina.

— Se levar seu maio, poderá até dar um mergulho.

Cara fitava a mãe com uma expressão perplexa. Virgínia achou que a filha pensava na piscina; por isso, ficou surpresa quando ela perguntou:

— Como ela entrou?

— Quem?

— Tia Alice. Estamos com as chaves.

— Hum... ela deve ter pego uma chave extra com o sr. Williams. Alguma coisa assim. O que vamos fazer primeiro?

Nicholas apareceu na porta.

— Vou olhar a casa toda e depois quero tomar um chá. Estou morrendo de fome!

— Leve Cara com você.

— Prefiro ficar com você, mamãe.

— Não. — Virgínia deu um leve empurrão na filha. — Vá conhecer tudo e depois me diga o que acha do resto da casa. Quero saber se não concorda comigo... se não é a casa mais engraçada que já viu na vida. Enquanto isso, porei a chaleira no fogo e farei alguns ovos cozidos. Depois tiraremos as coisas do carro, arrumaremos as roupas e faremos as camas.

— As camas não estão feitas?

— Não. Estamos sozinhos agora. Teremos de fazer tudo.

Quando a noite caiu, Virgínia e os filhos já haviam conseguido arrumar um pouco a casa. Mas encontrar o interruptor do *boiler*, descobrir o armário em que as roupas de cama foram guardadas e tentar decidir quem dormiria em que cama exigiu algum tempo. Para o jantar, Nicholas queria *baked beans* com torrada. Mas não encontraram uma torradeira, e a grelha no fogão não era muito confiável. Por isso, ele teve de se contentar em comer *baked beans* com pão.

— Precisamos de material de limpeza e uma vassoura, chá e café...

Virgínia pegou um papel e uma caneta, e começou a fazer uma lista, frenética. Cara interveio:

— Precisamos também de sabonete e de alguma coisa para limpar a banheira, porque tem uma *horrível* marca de sujeira.

— E um balde e uma pá — acrescentou Nicholas. — Vamos precisar de uma geladeira — declarou Cara.

— Não temos lugar para guardar as comidas e tudo vai acabar estragando.

— Talvez possamos arrumar uma geladeira pequena.

Virgínia lembrou no mesmo instante de quem se oferecera para emprestá-la. Franziu o rosto para a lista de compras e apressou-se em mudar de assunto.

Quando a água no pequeno *boiler* finalmente esquentou, eles tomaram banho. Nicholas e Cara entraram juntos na banheira, depois Virgínia tomou um banho rápido, antes que a água esfriasse. Em seguida, todos de roupão, à luz do fogo, prepararam um chocolate...

— Não tem nem televisão.

— Ou um rádio.

— Nem um relógio — acrescentou Nicholas, efusivo. Virgínia sorriu e olhou para seu relógio.

— Se quer mesmo saber, são nove e dez.

— Nove e dez? Há séculos que já deveríamos estar na cama.

— Não importa — murmurou Virgínia.

— Não importa? Nanny ficaria furiosa!

Virgínia recostou-se na poltrona, esticou as pernas e mexeu os dedos dos pés descalços ao calor do fogo.

— É verdade...

Depois de acomodar as crianças em suas camas e dar um beijo de boa-noite, deixando a porta para o patamar aberta e explicando como acender a luz, ela atravessou o estreito corredor e subiu os dois degraus para a Sala da Torre.

Fazia frio. Virgínia sentou-se junto à janela, correu os olhos pelos campos silenciosos e sombreados, contemplou o mar sereno, que, ao crepúsculo, se tornara aperolado. O céu, na esteira do pôr-do-sol, exibia longas faixas corais. Nuvens empilhavam-se a oeste, numa parte além do horizonte, iluminadas por hastes de luz dourada e rosa. Pouco a pouco, porém, até esses últimos resquícios de luz se desvaneceram. As nuvens tornaram-se pretas, enquanto, a leste, uma lua pequena, parecendo uma pestana, elevava-se pelo céu.

Uma a uma, luzes começaram a faiscar, ao longo de todo aquele trecho da costa, em casas de fazenda, chalés e estábulos. Aqui e ali uma janela quadrada se destacava em amarelo ou uma luz balançava por um campo cheio de fardos de feno. Um par de faróis abriu um túnel em algum caminho, desembocou na estrada principal e seguiu para Lanyon. Virgínia perguntou-se se não seria Eustace Philips a caminho de The Mermaid's Arms. Também especulou se ele viria visitá-los para saber como estavam, ou se ficaria taciturno e mal-humorado, esperando que Virgínia oferecesse um ramo de oliveira como sinal de paz. Disse a si mesma que valeria a pena fazer isso, pela simples satisfação de ver a cara de Eustace ao descobrir que ela, Cara e Nicholas estavam indo muito bem sozinhos.

Mas o dia seguinte foi bem diferente.

O vento aumentara de intensidade durante a noite, e as nuvens escuras, que na noite passada permaneceram paradas no horizonte, foram sopradas para a terra, trazendo chuva forte. A água despejando-se das calhas e as gotas de chuva batendo contra as vidraças foram os sons que acordaram Virgínia. O quarto estava tão escuro que ela teve de acender o abajur para poder ver o relógio. Oito horas.

Saiu da cama e foi fechar a janela. As tábuas do assoalho estavam molhadas. A chuva parecia uma cortina de água, não dava para ver mais que uns poucos metros à frente. Era como estar num navio à deriva num mar de chuva. Virgínia torceu para que as crianças dormissem por mais algumas horas.

Vestiu uma calça comprida e a blusa mais grossa, e desceu para descobrir se a chuva caíra pela chaminé e apagara o fogo. A sala se tornara úmida e fria.

Havia fósforos, mas nenhuma mecha; havia lenha, mas não gravetos. Ela vestiu uma capa e saiu para a chuva. Atravessou o pátio até o pequeno galpão. Encontrou ali uma machadinha, cega pelo tempo e pela falta de uso. No degrau de pedra na frente do chalé, com considerável risco pessoal, ela cortou uma acha em gravetos. Depois, pegou um pedaço do papel do embrulho das compras e acendeu um pequeno fogo. Os gravetos estalaram e crepitaram. A fumaça, depois de se espalhar pela sala por um instante, passou a subir pela chaminé. Virgínia empilhou lenha por cima e deixou o fogo arder.

Cara apareceu quando ela preparava o café da manhã.

— Mamãe!

— Olá, querida. — Virgínia inclinou-se para beijá-la. A filha usava um *short* azul-claro, uma camiseta de malha amarela e um pequeno cardigã. — Não está com frio?

— Estou.

Os cabelos lisos de Cara agrupavam-se num lado, seus óculos estavam tortos. Virgínia ajeitou-os.

— Pois então vá se vestir direito. A comida ainda não ficou pronta.

— Mas não tenho mais nada para vestir. Não na minha mala. Nanny não pôs outras roupas.

— Não acredito! — As duas se fitaram. — Quer dizer que não *há jeans*, capas ou botas para a chuva?

Cara fez que não com a cabeça.

— Acho que ela pensou que só faria muito calor.

— Deve ter sido isso— murmurou Virgínia, enquanto mentalmente criticava Nanny. — Mas era de se imaginar que ela seria bastante providente para mandar uma capa.

— Temos capas, mas não para uma chuva assim.

A menina parecia tão preocupada, que Virgínia sorriu.

— Não se preocupe.

— O que vamos fazer?

— Teremos de sair para comprar algumas roupas.

— Hoje?

— Por que não? Afinal, não podemos fazer nada num tempo como este.

— Que tal visitar tia Alice e dar um mergulho em sua piscina?

— Deixaremos isso para um dia melhor. Ela não vai se importar. Tenho certeza de que ela vai compreender.

Eles seguiram sob o aguaceiro até Penzance. No alto da colina, a neblina era densa e cinzenta, turbilhonando ao vento. Entreabriu-se por um instante, para permitir uma visão do caminho à frente, mas logo tornou a se fechar. Virgínia

mal conseguia ver a extremidade do capô.

Penzance estava envolta pela chuva, e o tráfego, lento. Os veranistas, impedidos pelo tempo, não se dedicavam ao programa habitual de passear pelo calçadão ou ir à praia. Abarrotavam as calçadas, paravam na entrada das lojas, circulavam a esmo pelos balcões, à procura de alguma coisa para comprar. Podiam ser vistos no outro lado das janelas embaçadas por cafés e sorveterias, sentados ao redor de mesas pequenas, bebendo devagar e mastigando; prolongavam tudo ao máximo, fazendo durar, a fim de adiar o momento inevitável em que teriam de sair outra vez para a chuva.

Virgínia teve de rodar por dez minutos antes de encontrar uma vaga. Sob a chuva, procuraram pelas ruas apinhadas, até encontrarem uma loja que vendia capas de pescadores, botas de borracha que subiam até as coxas, lampiões e cordas. Entraram, e Virgínia comprou *jeans* para Cara e Nicholas, japonas azul-marinho, capas pretas e chapéus de chuva que pareciam engolir a cabeça das crianças. Ali mesmo os dois puseram a capa e o chapéu, mas as outras roupas foram embrulhadas com papel pardo. Virgínia pagou as compras e pegou o pacote. Tornaram a sair para a chuva, com as crianças rígidas como robôs nas capas novas, quase tampando a visão por causa do chapéu. Ainda chovia.

— Vamos voltar para casa — propôs Cara.

— Já que estamos aqui, podemos comprar peixe, carne ou galinha. E não temos cenouras, batatas e ervilhas. Deve haver um supermercado na cidade.

— Quero um balde e uma pá — insistiu Nicholas.

Virgínia fingiu não ouvir. Encontraram um supermercado, meteram-se no meio da multidão que parecia um rebanho, escolhendo e entrando em fila, esperando e pagando. Saíram com as sacolas cheias. A água descia abundante pelas calhas.

— Consegue mesmo agüentar isso, Cara?

— Claro... — respondeu a menina, inclinada para um lado pelo peso das sacolas.

— Dê uma sacola para Nicholas.

— Quero um balde e uma pá — repetiu o menino. Mas Virgínia ficara sem dinheiro. Já ia dizer ao filho

que teria de esperar até a próxima lista de compras, quando ele ergueu o rosto, a boca contraída, os olhos enormes começando a se encher de lágrimas.

— Quero um balde e uma pá.

— Vamos comprar, mas primeiro terei de encontrar um lugar para descontar um cheque.

As lágrimas desapareceram, como por um passe de mágica.

— Eu vi um banco!

Encontraram-no, lotado e com filas imensas.

As crianças foram para um assento com estofado de couro e sentaram-se, exaustas, como dois velhos pequenos, o queixo pendendo sobre o peito, as pernas esticadas à frente, sem imaginar que alguém poderia tropeçar. Virgínia esperou um longo tempo na fila, até chegar ao caixa. Apresentou seu cartão do banco e preencheu um cheque.

— De férias? — perguntou o caixa.

Virgínia não entendeu como ele podia estar tão jovial ao final de uma manhã como aquela.

— Isso mesmo.

— O tempo vai limpar amanhã.

— Espero que sim.

O balde vermelho e a pá azul foram as últimas compras. Carregando as compras, percorreram o longo caminho de volta ao carro. Por algum motivo, tudo era uma subida. Nicholas seguia um pouco atrás, batendo no balde com a pá, como se fosse um tambor. Mais de uma vez, Virgínia teve de se virar e esperar por ele, incentivando-o a andar mais depressa. Ela acabou perdendo a paciência e disse, ríspida:

— Vamos logo, Nicholas! Ande mais depressa! Uma mulher que ia passando ouviu a irritação na voz

de Virgínia e olhou para trás, com uma expressão de desaprovação pela mãe tão irascível e agressiva.

E isso depois de apenas uma manhã.

Continuava a chover. Finalmente alcançaram o carro. Guardaram as compras na mala. Tiraram as capas encharcadas, puseram também na mala, entraram no carro e bateram a porta. Virgínia sentia-se grata além das palavras por finalmente sentar-se fora da chuva.

— Sabem o que eu quero agora? — indagou Nicholas, batendo com a pá no balde.

Virgínia olhou para o relógio. Era quase uma hora da tarde.

— Alguma coisa para comer?

O que eu gostaria neste momento era de voltar para a Wheal House, sabendo que a sra. Jilkes já teria aprontado o almoço. Haveria um fogo aconchegante aceso na sala de estar, com os jornais do dia e revistas novas, sem outra coisa para fazer durante o resto da tarde além de ler tudo.

— Isso também. Mas quero outra coisa.

— Não sei o que é.

— Tem de adivinhar. Pode dar três palpites.

— Hum... — Virgínia pensou um pouco. — Quer ir ao banheiro?

— Não... ou pelo menos ainda não.

— Quer... beber água?

— Não.

— Desisto.

— Quero ir à praia esta tarde para cavar. Com o balde e a pá que ganhei.

O caixa do banco acertou em cheio na previsão do tempo. Ao final da tarde o vento mudou de direção, passando a soprar para o norte. As nuvens foram impelidas para além das charnecas. A princípio, só pequenos fragmentos de céu apareceram, mas foram se tornando cada vez maiores e mais brilhantes, até que o sol apareceu, triunfante, projetando gloriosas tonalidades de vermelho e rosa.

— Céu Vermelho à Noite, Alegria do Pastor — disse Cara, ao se deitarem.
— Significa que amanhã será um lindo dia.

E foi o que aconteceu.

— Quero ir à praia hoje com meu balde e minha pá — declarou Nicholas.

— E vai— respondeu Virgínia. — Mas primeiro temos de visitar tia Alice Lingard, senão ela vai pensar que somos as pessoas mais grosseiras e ingratas que já conheceu.

— Por quê? — perguntou Nicholas.

— Porque ela arrumou a casa para nós e ainda nem agradecemos... Termine de comer o ovo, Nicholas, pois está ficando frio.

— Eu queria comer *cornflakes*.

— Nós vamos comprar — prometeu Virgínia. Cara pegou a caneta e a lista de compras, escreveu *cornflakes* por baixo de palha de aço, manteiga de amendoim, refrigerante, geléia, sabão em pó e queijo. Virgínia nunca fizera tantas compras em toda a sua vida.

Ela mandou as crianças brincarem lá fora enquanto lavava a louça do café da manhã. Depois subiu para arrumar as camas. Havia roupas espalhadas por toda parte no quarto das crianças. Virgínia sempre pensara que elas eram arrumadas, mas compreendera agora que era apenas a ação de Nanny, que as seguia recolhendo e guardando tudo. Ela pegou as roupas, sem saber se estavam sujas ou limpas, e tirou uma meia de cima da cômoda. Evitou tocar num saco de papel com dois doces pegajosos no canto.

Havia também uma pasta para fotografias com capa de couro. Pertencia a Cara. Fora posta na mala por Nanny, só Deus sabia com que intenção. Um lado era ocupado por uma seleção de pequenas fotos, muitas das quais tiradas pela própria Cara. Estavam arrumadas com mais afeição do que com habilidade. A fachada da casa, um pouco torta; os cachorros, os trabalhadores no trator; uma

vista aérea de Kirkton; e cenas de cartão-postal. Do outro lado havia um magnífico retrato de Anthony, tirado em estúdio, cabeça e ombros, a iluminação nos ângulos certos, os cabelos louros ficando grisalhos, o queixo quadrado e determinado. A impressão projetada pelo fotógrafo era a de um homem muito forte, mas Virgínia conhecia os olhos pequenos, a boca fraca, embora bonita. Ela contemplou o colarinho listrado da camisa de Turnbull and Asser, viu a gravata de seda italiana, com um padrão discreto. Lembrou como as roupas eram importantes para Anthony; assim como também eram importantes seu carro, a decoração de sua casa e sua maneira de viver. Virgínia sempre achara que tais coisas eram considerações secundárias, e que decorriam do caráter da pessoa. Mas com Anthony Keile ocorria o contrário. Invariavelmente, ele dava prioridade aos menores detalhes, como se compreendesse que eram os esteios por trás de sua imagem, sem os quais sua personalidade inadequada poderia desabar.

Com os braços cheios de roupas, ela desceu e lavou-as no pequeno tanque. Quando saiu para pendurá-las no varal torto, cheio de nós, encontrou Nicholas sozinho, brincando com o trator vermelho e alguns seixos e hastes de relva. Vestia a nova japona azul-marinho e já tinha o rosto vermelho provocado pelo calor. Mas Virgínia sabia que era melhor não sugerir que talvez fosse uma boa idéia se ele tirasse o casaco.

— De que está brincando?

— Nada demais.

— A grama é palha?

— Pode ser.

Virgínia pendurou a última calça.

— Onde está Cara?

— Lá dentro.

— Lendo, eu imagino.

Virgínia foi procurá-la. Cara não estava lendo, mas sim sentada na Sala da Torre, olhando sem ver para os campos que se estendiam até o mar. Quando Virgínia apareceu na porta, ela virou a cabeça devagar, confusa, sem reconhecer a mãe.

— Cara...

Os olhos por trás dos óculos focalizaram-na. Ela sorriu.

— Oi. Já está na hora de sair?

— Estou pronta, se você quiser agora. — Virgínia sentou-se ao lado da filha. — O que faz aqui? Pensando ou admirando a vista?

— As duas coisas.

— Sobre o que pensava?

— Eu me perguntava por quanto tempo vamos ficar aqui...

— Ahn... acho que um mês. Aluguei o chalé por um mês.

— Mas teremos de voltar para a Escócia, não é? Vamos voltar para Kirkton?

— Isso mesmo, teremos de voltar. As aulas vão começar. — Virgínia esperou um pouco. — Não quer voltar?

— Nanny não vai com a gente, não é?

— Acho que não.

— Não acha que Kirkton será muito diferente, sem papai e Nanny? É uma casa grande demais para nós três. Acho que é por isso que gosto deste chalé. E do tamanho certo para nós.

— Imaginei que talvez você não gostasse.

— Adorei. E adoro esta sala. Nunca vi uma sala assim, com a escada descendo do meio do chão, com todas essas janelas e o céu. — Era evidente que ela não fora perturbada por sensações fantasmagóricas. — Mas por que não tem móveis?

— Acho que foi construída como um estúdio, uma sala de trabalho. Um homem morou aqui, há cerca de cinquenta anos. Escrevia livros e era muito famoso.

— Como ele era?

— Não sei. Acho que usava barba; talvez fosse um pouco desmazelado, esquecendo de prender as abotoas e não abotoando o terno direito. Os escritores muitas vezes são distraídos.

— Como era seu nome?

— Aubrey Crane.

— Tenho certeza de que ele era simpático ao fazer uma sala tão bonita. A pessoa pode sentar-se aqui e ver tudo que acontece.

— Tem razão.

Juntas, as duas contemplaram os campos, parecendo uma colcha de retalhos, as vacas pastando, tranqüilas, a relva de um verde-esmeralda depois da chuva, os muros de pedra, as colunas de portões inclinadas, cercadas pelas moitas de amoreiras silvestres, que, dentro de um ou dois meses, estariam cheias dos frutos pretos e doces. A oeste, um trator zumbia. Virgínia virou a cabeça, comprimindo a testa contra o vidro. Avistou a mancha escarlate que parecia uma caixa de correspondência, e o homem sentado ao volante, que usava uma camisa tão azul quanto o céu.

— Quem é aquele? — perguntou Cara.

— É Eustace Philips.

- Você o conhece?
- Conheço. Ele é o dono de Penfolda.
- Aqueles campos são dele?
- Acho que sim.
- Quando o conheceu?
- Há muito tempo.
- Ele sabe que você está aqui?
- Acho que sabe.
- Espero que ele venha nos visitar. Virgínia sorriu.
- Talvez ele venha. Agora trate de escovar os cabelos e se arrumar.

Vamos visitar Alice Lingard.

- Devo levar o maio? Podemos cair na piscina?
- É uma boa idéia.
- Eu gostaria que tivéssemos uma piscina.
- Aqui? Não haveria espaço no jardim.
- Não, não aqui. Em Kirkton.
- Podemos ter — disse Virgínia, sem pensar. — Se você realmente quiser.

Mas vamos logo, caso contrário a hora do almoço vai chegar sem que tenhamos feito outra coisa além de conversar.

Mas, quando chegaram na Wheal House, descobriram que só a sra. Jilkes estava em casa. Virgínia tocou a campainha, mas apenas como uma formalidade, porque no mesmo instante abriu a porta e entrou no vestíbulo, com as crianças em seus calcanhares. Esperou que o cachorro comesse a latir, que a voz de Alice indagasse "Quem está aí?", e que a própria Alice passasse pela porta da sala de estar. Mas foi recebida apenas pelo silêncio, rompido pelo lento tique-taque do relógio de pé ao lado da lareira.

— Alice?

Uma porta foi aberta e fechada em algum lugar da casa. A seguir, a sra. Jilkes apareceu, vindo pelo corredor da cozinha, como um navio com a vela enfunada em seu avental branco engomado.

— Quem é?

Ela parecia bastante irritada, até que deparou com Virgínia, parada no vestíbulo, com as crianças ao lado. Então se desmanchou num sorriso.

— Oh, sra. Keile, fiquei surpresa. Não podia imaginar quem tinha chegado. E estes são seus filhos? Que crianças lindas! Não são lindas?

Ela fez a pergunta a Cara, em tom de conversa. A menina nunca ouvira uma pergunta assim antes. Especulou se deveria responder "não", porque sabia que não era linda. Mas era tímida demais para dizer qualquer coisa. Limitou-se a ficar olhando para a sra. Jilkes.

— Cara, não é mesmo? E Nicholas. Estou vendo que vieram prontos para um mergulho. Querem entrar na piscina? — Ela virou-se para Virgínia. — A sra. Lingard não está.

— Oh, não!

— Ela viajou logo depois de sua partida. O sr. Lingard tinha um jantar importante em Londres, e a sra. Lingard decidiu de repente que iria também. Disse que há muito tempo não viajava. Mas voltará esta noite.

Virgínia pensou um pouco.

— Quer dizer que ela está ausente desde quinta-feira?

— Viajou quinta-feira de tarde.

— Mas... Bosithick... Havia um fogo aceso na lareira quando chegamos, tudo limpo, ovos e leite à nossa espera... Pensei que tivesse sido a sra. Lingard.

A sra. Jilkes parecia contrafeita.

— Não foi a sra. Lingard... mas eu sei quem foi.

— Quem?

— Foi Eustace Philips.

— *Eustace?*

— Não precisa ficar tão chocada. Afinal, ele não fez nada de errado.

— Mas como sabe que foi Eustace?

— Porque ele me telefonou — explicou a sra. Jilkes, com uma cara de muito importante. — Ou pelo menos ligou para a sra. Lingard. Mas como ela estava em Londres, falei com ele. Eustace perguntou se alguém ia fazer alguma coisa sobre sua vinda para Bosithick com as crianças. Respondi que não sabia, e informei que a sra. Lingard tinha viajado. Ele disse, então, "Ora, não importa, cuidarei de tudo". E foi só isso. Ele fez um bom trabalho?

— Quer dizer que ele foi lá e fez toda a faxina?

— Claro que não. Eustace não sabe o que é um espanador. Só pode ter sido a sra. Thomas. Ela é capaz de esfregar as lajes do chão se lhe der uma oportunidade.

Cara pôs a mão na de Virgínia.

— É o homem que vimos no trator esta manhã?

— É, sim — murmurou Virgínia, distraída.

— Mas ele não vai pensar que somos mal-educadas? Ainda não fomos agradecer.

— Tem razão. Faremos isso esta tarde. Quando voltarmos, iremos a Penfolda para explicar.

Nicholas ficou furioso.

— Mas você disse que eu podia cavar na praia com minha pá e meu balde!

A sra. Jilkes podia reconhecer uma voz rebelde quando a ouvia. Inclinou-

se para Nicholas, as mãos nos joelhos e a voz sedutora.

— Por que não vai dar um mergulho na piscina? E quando terminar, pode voltar aqui com sua mãe e sua irmã para comerem um pastelão de carne e batata, na cozinha, com a sra. Jilkes...

— Ora, sra. Jilkes...

— *Não!* — A sra. Jilkes balançou a cabeça com a interrupção de Virgínia. — Não é problema nenhum. Está prontinho, esperando para ser comido. E eu já começava a pensar que a casa estava muito vazia, e não sabia o que fazer.

Ela fez uma pausa, oferecendo um sorriso radiante para Cara.

— Gostaria de fazer isso, não é mesmo, minha linda? A sra. Jilkes era tão gentil que a timidez gelada de Cara derreteu.

— Seria ótimo.

Naquela tarde quente de domingo, eles seguiram a pé para Penfolda, atravessando os campos de restolho, onde apenas uma semana antes Virgínia observara as colheitadeiras em ação. Atravessaram as campinas, passando de um campo para outro pelos degraus de pedra sobre as valas abertas. Ao se aproximarem da fazenda, avistaram o estábulo, os portões, o pátio de concreto para o gado, as salas de ordenha. Cautelosos, abrindo e fechando os portões, caminharam até o pátio da fazenda. Podia-se ouvir o som de cerdas molhadas raspando pedra. Virgínia foi dar uma olhada na porta aberta de um estábulo. Encontrou um homem que não era Eustace limpando o lugar. Usava uma boina azul-marinho desbotada, para trás, sobre os cabelos crespos grisalhos, e vestia um antiquado macacão. Parou de varrer quando avistou Virgínia, que disse:

— Desculpe, mas estou procurando o sr. Philips.

— Ele está por aí... talvez nos fundos da casa...

— Obrigada. Vamos procurá-lo por lá.

Eles passaram por um portão e seguiram pelo caminho entre a casa e o pequeno jardim onde Virgínia comeria o pastel de carne junto com Eustace. Uma gata malhada sentava na frente da porta, esquentando-se ao sol. Cara agachou-se para afagá-la, enquanto Virgínia batia na porta. Soaram passos do lado de dentro. A porta foi aberta por uma mulher baixa e rechonchuda, aconchegante como uma poltrona, estofada com um vestido preto e coberta com um avental estampado. Atrás dela, da cozinha, vinha um cheiro agradável, a lembrança de uma lauta refeição dominical.

— Pois não?

— Sou Virgínia Keile... de Bosithick...

— Ah, sim...

Um sorriso contraiu o rosto rosado, estufando-lhe as bochechas.

— Deve ser a sra. Thomas.

— Isso mesmo... e essas são as suas crianças, não é?

— Isso mesmo. Cara e Nicholas. Estávamos nos sentindo mal por não ter vindo ainda lhe agradecer... por limpar a casa, deixar os ovos e o leite, a lenha e todo o restante.

— Ah, então é isso... Mas não fui eu. Apenas fiz uma pequena limpeza e abri as janelas. Foi Eustace quem levou a lenha, uma boa quantidade, no trator... e deixou o leite e os ovos ao mesmo tempo. Achamos que você não teria tempo de fazer muita coisa antes de ir para Londres... e é horrível encontrar uma casa suja. Não podíamos deixar que isso acontecesse.

— Deveríamos ter vindo antes, mas pensamos que tivesse sido a sra. Lingard...

— Quer falar com Eustace, não é? Ele está na horta lá atrás, colhendo um balde de batatas. — Ela sorriu para Cara. — Gosta da gatinha?

— Ela é muito meiga.

— E tem gatinhos lá no estábulo. Quer dar uma olhada?

— Ela vai se importar?

— Não vai, não. Vamos indo. A sra. Thomas vai lhe mostrar onde encontrá-los.

Ela se encaminhou para o estábulo, com as crianças acompanhando-a, e não lançaram nem um único olhar para ela, que vinha atrás, de tão interessados que estavam em conhecer os gatinhos. Ficando sozinha, Virgínia subiu pelo caminho, passou por um pequeno portão, com a hera subindo por suas grades. Através das ervilhas crescendo em estacas, ela divisou a camisa azul de Eustace. Foi encontrá-lo colhendo batatas. Eram redondas, brancas e lisas como seixos do mar, cobertas por uma crosta de terra, que tinha a cor e a consistência de um bolo de chocolate.

— Eustace...

Ele olhou para trás e viu-a. Virgínia esperou que ele sorrisse, mas isso não aconteceu. Ela se perguntou se Eustace ainda se sentia ofendido. Ele se empertigou, apoiado no cabo da pá.

— Olá — murmurou ele, como se estivesse surpreso por vê-la ali.

— Vim lhe agradecer. E dizer que sinto muito. Eustace transferiu a pá de uma mão para a outra.

— Sente muito pelo quê?

— Não sabia que foi você quem levou a lenha, acendeu o fogo e fez toda a limpeza na casa. Pensei que tinha sido Alice Lingard. Foi por isso que não vim antes.

— Ah, então é isso...

Virgínia perguntou-se se havia alguma outra coisa pela qual deveria se

lamentar.

— Foi muita gentileza. O leite, os ovos... Fez toda a diferença. — Virgínia fez uma pausa, apavorada com a possibilidade de parecer insincera. — Mas... ela conseguiu entrar lá?

Eustace cravou a pá na terra e adiantou-se. — Há uma chave aqui. Logo depois que casou, minha mãe costumava ir até lá para ajudar o velho sr. Crane. A esposa dele estava doente, e mamãe limpava a casa. Ele deu uma chave para mamãe entrar na casa sem bater. Continua aqui desde então.

Ele parou na frente de Virgínia e fitou-a. Sorriu de repente, os olhos azuis contraindo-se alegres. Ela compreendeu que seus medos eram injustificados. Eustace não guardara qualquer ressentimento.

— Quer dizer que finalmente você decidiu ficar com a casa.

Arrependida, Virgínia murmurou:

— Isso mesmo.

— Lamentei ter dito aquelas coisas, deixando-a tão transtornada. Perdi o controle, o que não deveria ter acontecido.

— Fez o que era certo. Era tudo de que eu precisava para tomar uma decisão.

— Foi por isso que levei a lenha e as outras coisas... era o mínimo que eu podia fazer. Se quiser mais leite...

— Pode nos fornecer leite todos os dias?

— Basta alguém vir buscar.

— Posso vir... ou uma das crianças. Não imaginava que a distância pelos campos fosse tão pequena.

Eles começaram a retornar pelo portão.

— Seus filhos estão aqui?

— Foram com a sra. Thomas ver os gatinhos. Eustace riu.

— Vão se apaixonar pelos bichanos. Portanto, tome cuidado. A gata malhada encontrou um siamês na estrada. Nunca vi filhotes tão bonitos. — Ele abriu o portão para Virgínia passar. — Têm olhos azuis e...

Ele parou de falar, olhando por cima da cabeça de Virgínia, enquanto Cara e Nicholas saíam do estábulo, andando devagar, com todo cuidado, as mãos enlaçadas e aninhadas contra o peito, as cabeças inclinadas em adoração

— Não falei?— murmurou Eustace, fechando o portão.

As crianças subiram pelo gramado inclinado, afundando até os tornozelos, e os joelhos entre fúncias e enormes margaridas brancas. De repente, Virgínia contemplou-as com novos olhos, com os olhos de Eustace, como se as visse pela primeira vez. A cabeça loura e a morena, os olhos azuis e os castanhos. O sol refletia-se nos óculos de Cara, que faiscavam como se fossem faróis de um

pequeno carro. A *jeans* nova, comprada muito grande, escorregava pelos quadris. Nicholas tinha a aba da camisa para fora.

Uma ricta de amor apertou a garganta de Virgínia, lágrimas não derramadas arderam no fundo de seus olhos. Eram tão indefesas, tão vulneráveis... Por alguma razão, importava muito que as crianças causassem uma boa impressão em Eustace. Nicholas avistou-a.

— Dê uma olhada, mamãe! A sra. Thomas disse que podíamos trazer os gatinhos aqui para fora.

— É verdade — confirmou Cara. — Eles são tão pequenos e têm olhos que...

Ela viu Eustace, por trás da mãe, e parou no mesmo instante, o rosto fechado, os olhos examinando-o por trás dos óculos. Mas Nicholas continuou avançando.

— Você tem de ver, mamãe. É todo peludo e tem garras pequenas. Mas não sei se é macho ou fêmea. A sra. Thomas diz que não sabe.

Ele levantou os olhos para Eustace e sorriu, cativante.

— A sra. Thomas disse que pararam de mamar na mãe, que estava ficando magra demais. Ela pôs um pires com leite para eles, que começaram a lamber, suas línguas tão pequenas...

Eustace estendeu o dedo comprido e coçou a cabeça de um deles. Virgínia disse:

— Nicholas, este é o sr. Philips. Não vai cumprimentá-lo?

— Como vai o senhor? A sra. Thomas disse que se quiséssemos um filhote poderíamos levar, mas teríamos de pedir sua permissão. Não vai se importar, não é, mamãe? Ele é tão pequeno... Pode dormir na minha cama. Cuidarei dele direitinho.

Virgínia descobriu-se formulando todos os argumentos clássicos de pais na mesma situação em que ela se encontrava. *Ainda é pequeno demais para ser separado da mãe. Ainda precisa dela para mantê-lo aquecido. Só estamos em Bosithick para as férias. Pense como ele detestaria a viagem de trem para a Escócia.*

Eustace havia largado o balde com as batatas. Adiantou-se agora para o lugar em que Cara havia parado, segurando outro gatinho. Virgínia, em agonia por ela, viu Eustace agachar-se para a altura de Cara, estender a mão para afrouxar seus dedos.

— Não deve apertar com muita força, caso contrário ele não vai conseguir respirar.

— Tenho medo de deixá-lo cair.

— Isso não vai acontecer. Ele quer ver o que está acontecendo no mundo. Nunca viu um sol tão brilhante.

Eustace sorriu para o gatinho, depois para Cara. Ela hesitou mais um pouco, depois retribuiu o sorriso... e, com isso, qualquer um esquecia os óculos horríveis, a testa saliente e os cabelos escorridos, vendo apenas a ternura maravilhosa daquele rosto.

Depois de algum tempo, ele mandou as crianças levarem os gatinhos de volta para o estábulo. Disse a Virgínia para esperar lá fora, ao sol, e entrou na casa com as batatas para a sra. Thomas. Voltou um instante depois, com um maço de cigarros e uma barra de chocolate. Sentaram-se na relva comprida, recebendo logo em seguida a companhia das crianças.

Eustace ofereceu-lhes o chocolate, mas conversou como se fossem adultos. O que têm feito? O que fizeram ontem com toda aquela chuva? Já tomaram banho de mar?

Eles responderam, as vozes se atropelando, Cara superando sua timidez, tão ansiosa em transmitir suas informações quanto Nicholas.

— Compramos capas de chuva e ficamos *encharcados*. E mamãe teve de voltar ao banco e pegar mais dinheiro, e Nicholas comprou um balde e uma pá.

— Mas ainda nem fui à praia para cavar!

— E esta manhã mergulhamos na piscina da sra. Lingard. Mas ainda não fomos à praia.

Eustace alteou as sobrancelhas.

— Não estiveram na praia e não entraram no mar? Mas isso está completamente errado!

— Mamãe diz que ainda não houve tempo...

— Mas ela prometeu. — Nicholas, lembrando seu ressentimento, mostrou-se indignado. — Ela disse que hoje eu podia cavar, mas nem chegamos perto de um grão de areia!

Virgínia começou a rir. Como era de se esperar, Nicholas ficou ainda mais furioso.

— É verdade, e quero isso mais do que qualquer outra coisa!

— Se quer isso mais do que qualquer outra coisa, o que estamos fazendo aqui sentados, discutindo?

Nicholas fitou Eustace com os olhos contraídos, meio desconfiado.

— Está querendo dizer que podemos ir à praia?

— Por que não?

— Agora?

— Há alguma outra coisa que você prefira fazer?

— Não. Nada. Nenhuma outra coisa. — Nicholas levantou-se. — Para

onde vamos? Para a praia de Porthkerris?

— Não, não vamos para lá. A praia fica muito cheia. Iremos para a nossa praia particular, a praia que ninguém conhece, a praia que pertence a Penfolda e Bosithick.

Virgínia ficou surpresa.

— Não sabia que tínhamos uma praia aqui. Pensei que só havia penhascos.

A essa altura, Eustace também já se levantara. — Vou lhes mostrar... Iremos no Land-Rover.

— Deixei o balde e a pá em nossa casa.

— Podemos pegar no caminho.

— E nossas roupas de banho — acrescentou Cara.

— Pegaremos também.

Ele entrou na casa para pegar suas coisas, gritou um recado para a sra. Thomas, seguiu na frente passando pelo portão e indo para o pátio, nos fundos. Sem parar, Eustace assoviou. Os cachorros vieram correndo pelo lado do estábulo, sabendo que o assovio significava um passeio, cheiros, coelhos, talvez um mergulho. Todos embarcaram no Land-Rover, inclusive os cachorros. Cara, a timidez agora esquecida por completo, soltou um grito de prazer, enquanto desciam aos solavancos o caminho para a estrada principal.

— Fica muito longe? — perguntou ela a Eustace.

— Não. É bem pertinho.

— Como se chama a praia?

— A enseada de Jack Carley. E não é um lugar para bebês, só para crianças crescidas que sabem cuidar de si mesmas e que podem descer a encosta do penhasco.

As duas crianças apressaram-se em assegurar a Eustace que se enquadravam nessa categoria. Virgínia observou o rosto de Nicholas. Viu sua intensa satisfação por ser finalmente atendido numa coisa que quisera fazer durante o dia inteiro. Não lhe fora dito "talvez", ou "amanhã", ou para esperar, ou para ser paciente. E Virgínia sabia exatamente como o filho se sentia, pois há muito tempo Eustace fizera a mesma coisa para a jovem Virgínia, realizando o mesmo milagre; comprara o sorvete que ela tanto ansiava e, depois, inesperadamente, convidara-a a voltar a Penfolda.

Capítulo 7

Deixaram o Land-Rover no platô vazio abaixo de Bosithick e desceram a pé para o mar. A princípio, atravessando os campos, andaram emparelhados, com Eustace segurando a mão de Nicholas, que se mostrava propenso a ficar para trás. Mas logo os campos cultivados deram lugar a samambaias e amoreiras silvestres, e tiveram de seguir em fila, com Eustace na frente. Passaram por muros de pedra e atravessaram um regato, onde os juncos cresciam até a altura dos ombros de uma pessoa pequena. Havia outro muro de pedra logo em seguida, e mais além a trilha desaparecia numa autêntica selva de samambaias verdes. Eles abriram caminho por ali, com os tojos comprimindo-se dos lados. Até que, de repente, a inclinação do terreno tornou-se bastante íngreme, o caminho descendo em ziguezague pelo mato rasteiro, indo até a beira do penhasco curvo. E, mais adiante, o espaço. O céu azul. Gaivotas circulando, aos gritos; o murmúrio distante do mar.

Naquele ponto, a costa parecia projetar-se num promontório irregular, composto por enormes afloramentos de granito. Entre eles, a relva era lisa e muito verde, com manchas aqui e ali de urzes purpúreas. O caminho descia entre esses afloramentos. Enquanto davam as voltas, uma pequena enseada, abrigada e quase fechada, foi pouco a pouco se revelando lá embaixo. O mar era profundo e sereno, com tons de púrpura sobre os rochedos e de verde jade sobre a areia. A praia era pequena, protegida pelos restos de um antigo quebra-mar. No outro lado, o terreno subia para a beira verde de um penhasco, por onde escorria, numa sucessão de pequenas cascatas, um regato de água doce. E por cima do dique, aconchegado na base do penhasco, havia um chalé, agora em ruínas, abandonado, as janelas quebradas, placas de ardósia arrancadas do telhado.

Pararam em fila; os quatro, fustigados pela brisa, olhavam para baixo. Era uma situação perturbadora. Virgínia especulou se as crianças sentiam vertigem, mas nenhuma das duas parecia se incomodar com o vazio da grande altura.

— Estou vendo uma casa — murmurou Cara.

— Era ali que Jack Carley vivia.

— Onde ele mora agora?

— Com os anjos, eu acho.

— Você o conheceu?

— Conheci. Era um velho quando eu era menino. Não gostava que as pessoas viessem aqui. Tinha um cachorro enorme, que vivia latindo. Ele usava o

animal para afugentar as pessoas.

— Mas ele deixava você ir à praia?

— Deixava. — Eustace sorriu para Nicholas. — Quer que eu carregue você ou pode descer sozinho?

Nicholas deu uma espiada. O caminho descia pela encosta do penhasco, até sumir. O menino não se intimidou.

— Não quero ser carregado, obrigado. Mas seria melhor se você fosse na frente.

Os cachorros é que foram na frente, sem o menor medo, os passos seguros, como cabritos monteses. Os quatro seguiram atrás deles numa velocidade mais prudente.

Virgínia logo descobriu que o caminho não era tão perigoso quanto parecia. Por causa das constantes chuvas, o chão estava duro e firme. Nos trechos mais íngremes havia degraus, escorados com madeira, ou cimentados.

Muito mais depressa do que ela imaginara, chegaram lá embaixo, sãos e salvos. O penhasco assomava por cima, escuro e frio na sombra. Mas quando alcançaram a praia, saíram da sombra para o sol. A areia estava quente, o cheiro de alcatrão vinha do chalé, e os únicos sons eram os gritos das gaivotas e o marulho das ondas.

Havia uma impressão de irreabilidade na pequena enseada, como se de alguma forma tivessem se extraviado do tempo e do espaço. O ar estava parado, o sol ardia forte, a areia era branca, e a água verde e transparente como vidro. As crianças tiraram a roupa. Com o balde e a pá de Nicholas, foram para a beira d'água, onde começaram a fazer um castelo de areia, com fosso e torres no formato do balde.

— Se a maré subir, vai destruir todo o castelo— disse Cara.

— Não vai, não, porque faremos um fosso bem grande para a água passar.

— Se a maré subir mais alto do que o castelo, vai acabar com tudo. Como aconteceu com o rei Canuto.

Nicholas pensou um pouco a respeito.

— Não sobe assim há muito e muito tempo.

Aquele seria um dia que lembrariam pelo resto de suas vidas. Virgínia imaginou-os, na meia-idade, nostálgicos, trocando recordações.

Havia uma pequena enseada e um chalé em ruínas, sem mais ninguém na praia além de nós. Havia também dois cachorros. Tivemos de descer por uma trilha suicida.

Quem nos levou?

Eustace Philips. Mas quem era ele?

Não consigo me lembrar... devia ser um fazendeiro, algum vizinho.

E discutiriam os detalhes. Havia um regato. Não, era uma cachoeira.

Havia um regato correndo pelo meio da praia. Posso lembrar com toda clareza. E nós o represamos com um banco de areia.

Mas havia também uma cachoeira. E eu tinha uma pá nova.

Quando a maré subiu, todos entraram no mar. A água estava verde-clara e salgada, e muito fria. Virgínia esquecera a touca, e os cabelos ficaram grudados na cabeça. Sua sombra deslocava-se pelo fundo do mar, cheio de seixos, como se fosse uma nova e estranha variedade de peixe. Segurando Cara, ela boiou, entre o mar e o céu, os olhos ofuscados pela água e a luz do sol; o ar vibrava com os gritos das gaivotas, com o murmúrio sempre gentil das ondas se desmanchando na praia.

Virgínia começou a sentir muito frio. As crianças, porém, não demonstravam qualquer sinal de estarem friorentas. Por isso ela as deixou com Eustace e saiu da água. Foi sentar-se na areia seca, por cima da marca da maré alta.

Sentou-se na areia mesmo, porque não haviam trazido uma esteira ou toalhas grandes. Nem escova ou batom, biscoitos ou tricô, garrafa térmica com chá ou cardigã extra. Nem bolo de ameixa ou de chocolate, muito menos dinheiro para passeios em burrinhos ou para sorvetes.

Depois de algum tempo, Cara veio sentar-se a seu lado, batendo os dentes. Virgínia envolveu-a com uma toalha e começou gentilmente a enxugá-la.

— Nesse ritmo, Cara, daqui a pouco você estará nadando.

— Que horas são?

Virgínia levantou os olhos contraídos para o sol.

— Quase cinco horas... mas talvez não seja.

— Ainda não tomamos chá.

— Não, não tomamos. E acho que nem vamos tomar.

— Não temos chá?

— Não tem problema, é só por essa vez. Jantaremos depois.

Cara fez uma careta, mas não apresentou objeções. Nicholas, no entanto, protestou quando compreendeu que Virgínia nada trouxera para comer.

— Mas estou com fome!

— Sinto muito.

— Nanny sempre trazia um lanche frio, mas você não trouxe nada.

— Tem razão. Esqueci. Estávamos com tanta pressa que nem me lembrei de pegar biscoitos.

— O que vou comer?

Eustace ouviu o final da conversa ao sair da água escorrendo.

— O que está acontecendo? Inclinou-se para pegar uma toalha.

— Estou com fome, e mamãe não trouxe nada para comer.

— Sinto muito — disse Eustace, sem qualquer solidariedade.

Nicholas lançou-lhe um olhar demorado e avaliador, depois virou-se para voltar a seu castelo de areia, num silêncio mal-humorado. Mas Eustace segurou-o pelo braço e, com toda a gentileza, puxou-o de volta. Manteve-o contra seus joelhos, esfregando-o com a toalha, distraído, quase como se afagasse um de seus cachorros. Virgínia disse, apaziguadora:

— De qualquer forma, creio que voltaremos em breve.

— Por quê? — perguntou Eustace.

— Pensei que tinha de ordenhar todas aquelas vacas.

— Bert está cuidando delas.

— Bert?

— Ele estava em Penfolda hoje, limpando o estábulo.

— Ah, sim...

— Ele trabalhava para meu pai. Está aposentado agora, mas aparece um domingo sim, outro não para me dar uma ajuda. Gosta de fazer isso, e a sra. Thomas sempre lhe oferece um bom almoço. Assim, tenho algumas horas de folga.

Nicholas irritou-se com aquela conversa sem importância. Virou-se com as mãos nas de Eustace, fitando com expressão furiosa.

— Estou com fome.

— Eu também — acrescentou Cara, ansiosa, mas não tão veemente.

— Escutem! — disse Eustace.

Todos prestaram atenção. E ouviram, através do barulho das gaivotas e do mar, um outro som. O rumor suave de um motor, aproximando-se cada vez mais.

— O que é isso?

— Esperem para ver.

O som foi se tornando cada vez mais alto. Dentro em pouco avistaram um pequeno barco aberto, branco com uma listra azul, contornando a ponta de terra, navegando sobre as ondas no meio da espuma branca. Havia um vulto corpulento na popa. Assim que entrou no abrigo da enseada, o motor diminuiu para uma pequena vibração. Todos ficaram olhando, espantados.

— Aí está! — exclamou Eustace, presunçoso como um mágico que acabara de realizar um truque difícil.

— Quem é? — perguntou Virgínia.

— É Tommy Bassett, de Porthkerris. Veio pegar suas armadilhas para lagostas.

— Mas ele não deve ter nenhum biscoito — insistiu Nicholas, que nunca se desviava do assunto que o interessava.

— Mas pode ter outras coisas — ressaltou Eustace. — Querem que eu vá até lá para descobrir?

— Tudo bem.

Mas todos continuavam em dúvida.

Eustace largou Nicholas, desceu pela praia e entrou no mar. Furou uma onda e saiu nadando, com braçadas firmes e fortes, na direção do barco. As armadilhas de lagostas já estavam sendo içadas para bordo. O pescador esvaziou uma e tornou a lançá-la no mar. Avistou Eustace e parou, observando-o.

— Olá, rapaz!

A voz do pescador ressoou através da água. Eles viram Eustace segurar a amurada com as duas mãos, ficar pendurado nela por instantes, e, depois de um impulso, subir no barco balançando.

— É uma longa distância para nadar — comentou Cara.

— Espero que ele não traga uma lagosta — murmurou Nicholas.

— Por que não?

— Lagostas têm garras.

Houve uma conversa animada no barco. Eustace finalmente ergueu-se, com um pacote na mão. Voltou ao mar e começou a nadar para a praia, desta vez mais devagar, os movimentos dificultados pelo misterioso fardo. Para surpresa geral, era uma bolsa de compras de fibra, contendo uma dúzia de cavalinhas brilhantes.

Nicholas abriu a boca para dizer "Não gosto de peixe", mas fitou Eustace nos olhos e mudou de idéia, optando por ficar calado.

— Pensei que ele devia ter alguns. Costuma pôr uma linha pendurada quando vem buscar as lagostas. — Eustace sorriu para Cara. — Já comeu cavalinha alguma vez?

— Acho que não. Mas é estranho que ele tenha lhe dado a bolsa. — Para Cara, isso parecia muito mais espantoso do que o presente das cavalinhas. — Não vai querer de volta?

— Ele não disse que queria.

— Vamos levar os peixes para Bosithick?

— Por que faríamos isso? Vamos cozinhá-los aqui mesmo... Venham ajudar.

Eustace pegou seis ou sete pedras grandes, redondas e lisas, dispondo-as num círculo. Pegou fósforos, fragmentos de um velho maço de cigarros, algumas lascas ressequidas de madeira e palha, espalhadas pela praia, e acendeu um fogo. Mandou as crianças buscarem mais lenha, e logo fizeram uma fogueira razoável.

E quando as cinzas se tornaram profundas e cinzentas, avermelhadas ao serem sopradas, ele ajeitou os peixes por cima, em fila. Não demorou muito para que começassem a chiar, exalando um aroma delicioso.

— Mas não temos garfos e facas! — lembrou Cara.

— Os dedos foram feitos antes dos garfos.

— Mas o peixe estará muito quente.

Ela e Nicholas agacharam-se ao lado da fogueira, os cabelos escorridos, cobertos apenas pelos trajes de banho e uma camada de areia. Pareciam selvagens... e absolutamente contentes. Cara observava as mãos hábeis de Eustace.

— Já fez isso antes?

— O quê? Cortar um espeto?

— Não. Acender uma fogueira e cozinhar peixe.

— Muitas vezes. É a única maneira de cozinhar cavalinhas e comê-las ainda frescas, acabadas de sair do mar.

— Costumava fazer isso quando era menino?

— Claro.

— O velho, Jack Carley, ainda era vivo nesse tempo?

— Era, sim. Saía de casa e vinha para a praia com a gente. Trazia uma garrafa de rum e um velho cachimbo malcheiroso. Contava histórias de arrepiar os cabelos. Nunca tínhamos certeza se eram ou não verdadeiras.

— Que tipos de histórias?

— De aventuras... Ele tinha viajado pelo mundo inteiro, feito de tudo. Foi cozinheiro num petroleiro, lenha-dor, construiu estradas e ferrovias, trabalhou nas minas. Como um mineiro de estanho. Foi para o Chile, trabalhou lá por cinco anos ou mais, voltou rico, mas perdeu todo o seu dinheiro em doze meses. Por isso teve de viajar novamente.

— Mas ele voltou.

— Isso mesmo. Voltou para a enseada de Jack Carley. Cara estremeceu. Eustace perguntou:

— Está com frio?

— Nanny diz que é um fantasma passando sobre sua sepultura.

— Pois então vista um agasalho que os fantasmas vão desaparecer. Já está quase na hora do nosso chá das cinco.

Ao ver Eustace com seus filhos, Virgínia pensou em Anthony, que perdera tanta coisa porque jamais quisera se relacionar com as crianças. Se Cara fosse bonita, talvez ele lhe dispensasse alguma atenção... Cara, que ansiava por atenção e amor, achava que o pai era o ser mais maravilhoso do mundo. Mas ela era feia, tímida e usava óculos. Anthony nunca se esforçara para esconder o fato

de que sentia vergonha dela. E Nicholas... Com Nicholas poderia ter sido diferente. Quando ele tivesse idade suficiente, Anthony poderia ensinar o filho a caçar, pescar e jogar golfe, seriam amigos e sairiam juntos. Mas agora Anthony estava morto e nada disso aconteceria. Virgínia lamentava porque os filhos nunca poderiam se lembrar de ter nadado com o pai, se agachado em torno de uma fogueira de acampamento, ouvindo suas histórias e observando suas mãos hábeis fazendo espetos de madeira para serem usados no lugar de garfos.

O sol foi descendo pelo céu, brilhando agora diretamente sobre eles. O mar parecia um deslumbramento líquido. Logo a noite viria e ficaria escuro. E Jack Carley vivera ali, assim como Aubrey Crane vivera em Bosithick. Não se podia vê-los. Não se podia ouvi-los. Mas sabia-se que eles ainda continuavam por lá.

Era perturbadora essa percepção do passado, mas de certa forma elementar, e não muito assustadora. E não era possível viver naquela parte do mundo como uma pessoa tímida ou nervosa, porque era uma terra selvagem; por trás daquela beleza, o perigo espreitava por toda parte. No mar, profundo e traiçoeiro, com ondas que podiam se tornar ameaçadoras e correntezas inesperadas. Nos penhascos e cavernas, isolados e submersos pelas ondas com uma rapidez surpreendente. Até mesmo os campos tranquilos, que haviam atravessado naquela tarde, escondiam horrores inimagináveis; entradas de minas abandonadas, poços profundos e escuros, ocultos por trás das samambaias. E fragmentos de peles e penas, pequenos ossos esbranquiçados, servindo como testemunhos das raposas que faziam suas tocas nas depressões por baixo dos tojos.

Depois que anoitecia a coruja lançava seus pios predadores, e o texugo aparecia para abrir túneis e procurar carniça. Não queria saber da emoção da caçada. Contentava-se em derrubar a tampa das latas de lixo no meio da noite, fazendo tanto estardalhaço que a mulher do fazendeiro acordava, com o suor frio do medo.

— Mamãe, está pronto.

A voz de Cara rompeu os devaneios de Virgínia. Ela olhou e viu a filha segurando um espeto, com um pedaço de peixe preso na ponta, prestes a cair.

— Venha pegar *depressa* antes que caia!

A voz era agoniada. Virgínia levantou-se, limpou a areia do maio, e foi se juntar ao piquenique.

Ao brilho do sol poente, com um vento fresco soprando do mar, eles voltaram lentamente para casa. Depois do banho de mar, as crianças estavam sonolentas e caladas. Nicholas não se mostrou orgulhoso demais para recusar o convite de Eustace de levá-lo nos ombros. Virgínia carregava as roupas de banho molhadas e as toalhas na bolsa de fibra que fora usada para as cavalinhas,

ajudando Cara com a outra mão. Estavam sujos de areia, os corpos salgados, desgrenhados e cansados. O caminho parecia mais íngreme, a passagem pelas samambaias e vegetação rasteira era perigosa e extenuante. Mas, finalmente, eles alcançaram o topo da colina, e, depois disso, o caminho tornou-se mais fácil. Por trás, o mar, luminoso ao crepúsculo, refletia todas as luzes do céu. À frente ficava Bosithick, aninhada na curva da encosta, a estrada por trás iluminada de vez em quando pelos faróis de um carro.

Algumas das vacas de Eustace haviam passado por uma abertura na sebe do campo superior. Surgiam agora, brancas e marrons, emitindo agradáveis sons de mastigação, erguendo a cabeça para observar a passagem da pequena procissão. Nicholas inclinou-se para falar no ouvido de Eustace:

— Vai voltar para casa conosco? Ele sorriu.

— Está na hora de eu voltar para a minha própria casa.

— Gostaríamos que ficasse para o jantar. — Você já jantou — disse Eustace.

— Pensei que era o chá.

— Não me diga que ainda tem lugar para mais comida. Nicholas bocejou.

— Talvez não. Virgínia interveio:

— Farei um chocolate e poderá beber na cama.

— Está bem — disse Nicholas. — Mas seria ótimo se Eustace pudesse ir junto para conversar com a gente enquanto tomamos banho...

Cara acrescentou:

— Você ficaria com a gente enquanto mamãe prepara o chocolate.

— Farei mais do que isso — declarou Eustace. — Vou esfregar para tirar a areia de suas costas.

As crianças deram sorrisos estridentes, como se aquilo fosse muito engraçado. Assim que chegaram em casa, correram para o banheiro, disputando quem abriria as torneiras. Um barulho ameaçador de água esparramada veio do outro lado da porta. Eustace enrolou as mangas da camisa e entrou no banheiro para interferir. Virgínia ouviu-o dizer:

— Fiquem quietos. Vão acabar afundando o navio se não tomarem cuidado.

Ela levou a bolsa para a cozinha e despejou o conteúdo no tanque. Tirou a areia, enxaguou e torceu as roupas e toalhas. Levou tudo para o jardim. Pelo tato, encontrou o varal e pendurou, deixando para esvoaçarem ao vento, como fantasmas na escuridão.

De volta à cozinha, Virgínia despejou leite na leiteira. Pôs no fogo para ferver, ficou olhando, encostada no fogão, bocejando de vez em quando. Levou a mão aos olhos e descobriu que tinha o rosto sujo de areia. Foi pegar em sua

bolsa o espelho e a escova. Apoiou o espelho numa das prateleiras do armário e tentou dar um jeito nos cabelos. Mas estavam duros e ressequidos de sal, cheios de areia. Pensou que poderia lavá-los se tivesse um chuveiro. Mas refletiu que seria muito difícil e complicado lavar a cabeça na torneira. A luz inadequada, seu reflexo a contemplava do espelho redondo. As sardas destacavam-se no nariz, mas os olhos estavam nas sombras, como dois buracos escuros no rosto.

O leite no fogo subiu. Ela preparou duas canecas de chocolate, pôs numa bandeja e foi para a escada. Viu que o banheiro estava vazio, havia uma trilha de pegadas úmidos subindo. Lá em cima, ouviu vozes ao entrar no corredor, passando pela porta aberta do quarto.

Os três não a viram. Virgínia parou e ficou observando. Eustace estava sentado na cama de Cara, de costas para ela, com as crianças na cama de Nicholas. As três cabeças juntas, Eustace fazia uma excursão guiada pelas fotos de Cara.

— E este é papai, o maior aqui. Ele é muito bonito, não acha?— Era Cara falando, loquaz como só se mostrava com alguém em cuja companhia se sentia completamente à vontade. — E esta é a nossa casa na Escócia. Aqui está meu quarto, o quarto de Nicholas, e aqui em cima o quarto de brinquedos...

— Aqui é o meu quarto!

— Eu já disse isso, Nicholas. E aqui o quarto de Nanny, o quarto de mamãe. Não dá para ver os quartos no fundo porque ficam no outro lado. E aqui tem uma vista aérea...

— Um homem tirou de um avião!

— Aqui é o parque e o rio. E aqui o jardim murado. — E aqui está o sr. McGregor em seu trator. Este é Bob e este é Fergie...

Eustace começava a ficar confuso.

— Espere um instante. Quem são Bob e Fergie?

— Bob ajuda o sr. McGregor, e Fergie ajuda o jardineiro. Fergie toca gaita de foles. Sabe quem ensinou a ele? Foi seu tio. Só que eles não chamam o tio de *uncle*, como a gente diz em inglês. Sabe como eles dizem?

Uma breve pausa e Nicholas, triunfante, apressou-se em dar a resposta:

— *Muncle!*

— Fica engraçado — comentou Eustace. — *Uncle Muncle*.

— E aqui está papai esquiando em St. Moritz. E aqui estamos todos nós, numa caçada ao galo silvestre... Nós fomos ao piquenique, mas não subimos o morro. Esta é a parte do rio em que a gente toma banho de vez em quando, mas nem sempre é muito seguro. As pedras machucam os pés. Mamãe disse que podemos ter uma piscina... disse que vai fazer uma piscina quando voltarmos a Kirkton, como a piscina de tia Alice Lingard...

— E este é o carro de papai, um Jaguar. E um... — Nicholas hesitou. — Era um Jaguar enorme.

Uma pausa, e ele arrematou, bravamente:

— Verde.

Virgínia entrou no quarto.

— Aqui está o chocolate.

— Estávamos mostrando as fotos da Escócia, mamãe.

— Eu ouvi.

— Foi muita gentileza — disse Eustace. — Agora sei tudo sobre a Escócia.

Ele se levantou, como se quisesse sair da frente de Virgínia, e foi colocar as fotos em cima da cômoda. As crianças foram para suas respectivas camas.

— Tem de visitar a gente de novo. E ficar aqui. Não é, mamãe? Ele não pode dormir no quarto extra?

— Talvez — disse Virgínia. — Mas Eustace é um homem muito ocupado.

— Isso mesmo, ocupado. Sempre tenho muita coisa para fazer. Bom... — Eustace encaminhou-se para a porta aberta. — Boa-noite para vocês.

— Boa-noite, Eustace. E obrigado por nos levar àquela praia tão bonita.

— Não sonhe com Jack Carley.

— Mesmo que eu sonhe, não ficarei com medo.

— É assim que tem de ser. Boa-noite, Nicholas.

— Boa-noite. Até amanhã. Virgínia virou-se para ele:

— Não vá ainda. Já vou descer.

— Esperarei lá embaixo.

O chocolate foi bebido num instante, entre bocejos. Os olhos fechavam-se a todo instante. Finalmente as crianças se acomodaram, e Virgínia deu-lhes um beijo de boa-noite. Nicholas, ao ser beijado, fez uma coisa surpreendente. Sempre um menino pouco efusivo, ele a enlaçou pelo pescoço, comprimindo o rosto contra o da mãe. Virgínia perguntou, gentilmente:

— O que foi?

— É um lugar lindo, não é?

— Fala da praia?

— Não. A casa em que Eustace mora.

— Penfolda.

— Vamos voltar lá?

— Claro.

— Adorei aquele gatinho. — Sei disso.

— Eustace está lá embaixo.

— É verdade.

— Vou ficar ouvindo vocês falarem. — Havia uma satisfação inequívoca na voz de Nicholas. — Vou ouvir a conversa.

— E isso será agradável? — Acho que sim.

As crianças estavam quase dormindo, mas Virgínia continuou no quarto por mais algum tempo, pegando as roupas espalhadas, dobrando e pendurando, tão meticulosa quanto Nanny, nas duas cadeiras de palha. Feito isso, ela foi até a janela, pois o ar noturno começava a esfriar, e fechou as cortinas. O quarto, à luz fraca do abajur na mesinha-de-cabeceira, parecia de repente seguro, aconchegante, envolto por sombras suaves, o silêncio rompido apenas pelo tique-taque do relógio de Cara e a respiração das crianças.

Virgínia foi dominada no mesmo instante por um intenso amor. Amor pelos filhos, por aquela estranha casa, pelo homem que a esperava lá embaixo. E consciente também de um maravilhoso sentimento de realização. "Será a primeira vez", pensou ela, "em que Eustace e eu ficaremos a sós com todo o tempo do mundo". Apenas os dois. Ela acenderia o fogo, fecharia as cortinas, faria um café. Se assim desejassem, poderiam conversar durante a noite toda. Poderiam ficar juntos.

Cara e Nicholas já haviam adormecido. Ela apagou a luz e desceu para a escuridão inesperada e surpreendente. Por um momento de incredulidade, achou que Eustace mudara de idéia e tinha ido embora. Mas depois avistou-o junto da janela, fumando, observando a última claridade desvanecer-se no céu. E um pouco dessa claridade iluminava seu rosto. Mas quando ouviu os passos, ele virou-se. Virgínia não pôde mais ver sua expressão, apenas sombras.

— Pensei que havia ido embora — murmurou ela.

— Eu disse que esperaria.

A escuridão a perturbava. Estendeu a mão para o abajur na mesa e acendeu a luz. Uma claridade amarelada projetou-se entre os dois, como uma poça. Virgínia esperou que ele falasse. Mas como Eustace nada dissesse e apenas continuasse parado ali, fumando, ela tratou de quebrar o silêncio com palavras:

— Eu... não tenho jantar pronto. Quer comer alguma coisa? Nem mesmo sei que horas são.

— Não se preocupe comigo.

— Posso fazer um café...

— Por acaso tem uma lata de cerveja?

Virgínia fez um gesto desamparado.

— Não, Eustace, não tenho. Sinto muito. Não comprei porque não bebo.

— O comentário parecia puritano, como se ela desaprovasse a cerveja. — O gosto não me agrada.

Virgínia sorriu, tentando fazer com que parecesse uma piada.

— Não tem importância.

O sorriso desapareceu. Ela engoliu em seco.

— Tem certeza de que não quer um café?

— Não, obrigado.

Ele começou a olhar ao redor, à procura de um lugar no qual pudesse deixar o cigarro. Virgínia pôs um pires na mesa. Eustace esmagou a ponta do cigarro, como se tivesse um profundo ressentimento contra ela.

— Tenho de ir agora.

— Mas...

Eustace virou-se para ela, esperando que terminasse. Virgínia perdeu a coragem.

— Foi um ótimo dia. Foi muita gentileza sua renunciar a seu dia para nos mostrar a enseada e... todo o resto. — A voz de Virgínia parecia formal e estridente, como se estivesse abrindo uma reunião de trabalho. — As crianças adoraram.

— São boas crianças.

— Tem razão. Eu...

— Quando voltará à Escócia?

Virgínia ficou atordoada com o tom brusco e frio. Sentiu de repente um calafrio de apreensão percorrer sua espinha, como se fosse um filete de água gelada.

— Eu... ainda não sei. — Ela colocou as mãos no encosto de uma das cadeiras de madeira para se apoiar. — Por que pergunta?

— Você vai voltar.

Era uma afirmação, não uma pergunta. Diante disso, a timidez natural de Virgínia tirou a pior conclusão possível. Eustace esperava que ela fosse logo embora, até mesmo queria isso. Ela ouviu-se dizendo, com incrível frivolidade:

— Claro que vou voltar, só não marquei ainda o dia. Afinal, é o meu lar... o lar das crianças...

— Eu não sabia até esta noite que era uma propriedade tão extraordinária...

— Está se referindo às fotos de Cara...

— Mas também tem muitas pessoas para ajudá-la a dirigir.

— Eu não dirijo nada, Eustace.

— Pois deveria. Aprenda alguma coisa sobre agricultura. Ficaré surpresa ao descobrir como há coisas para aprender. Devia se interessar, talvez começar alguma coisa nova. Um rebanho de Aberdeen Angus. Seu marido alguma vez pensou em fazer isso? Pode-se vender um bom touro no leilão em Perth por sessenta ou setenta mil libras.

Era como uma conversa chata, maluca e sem sentido.

— É mesmo? — murmurou Virgínia, a boca tão ressequida que as palavras mal saíram.

— Claro. E, quem sabe, talvez um dia você possa criar uma coisa realmente importante para deixar para o seu filho.

— Tem razão.

— Tenho de ir agora — repetiu Eustace, uma insinuação de sorriso contraindo os lábios. — Foi um dia maravilhoso.

Mas Virgínia lembrava de outro dia melhor, a tarde de primavera de sol e vento que passara em companhia de Eustace, quando ele lhe comprara um sorvete, antes de finalmente levá-la para casa. E prometera que lhe telefonaria, depois esquecera, ou mudara de idéia. Ela compreendeu que passara a tarde inteira na expectativa de que Eustace contasse o que realmente acontecera naquela ocasião. Esperara que ele abordasse o assunto, talvez como uma história para as crianças partilharem, ou como um fragmento de nostalgia inofensiva a ser lembrada, ao longo dos anos, por dois velhos amigos. Mas Eustace nada dissera. E agora ela nunca saberia.

— Foi mesmo. — Virgínia largou a cadeira, empertigou-se, cruzou os braços sobre o peito, como se tentasse se aquecer. — Um dia especial. Do tipo que as pessoas nunca esquecem.

Ele adiantou-se, contornando a beira da mesa. Virgínia foi abrir a porta. O ar frio e úmido envolveu-a, partindo de uma noite arqueada num céu safira, as estrelas anulando. Lá fora, em algum ponto da escuridão, um maçarico soltou seu grito longo e triste. Eustace estava ao lado dela.

— Boa-noite, Virgínia.

— Boa-noite, Eustace.

E ele desceu os degraus, afastou-se, passou por cima do muro de pedra e foi para o velho pátio em que deixara seu carro. Desapareceu na noite. Virgínia fechou e trancou a porta. Voltou à cozinha, lavou as canecas em que as crianças haviam tomado chocolate, devagar, com todo cuidado. Ouviu o Land-Rover passar pelo portão, subir o caminho para a estrada. Ouviu o ronco do motor sumir na noite tranqüila, mas não levantou os olhos do que fazia. Depois de enxugar e guardar as canecas, e dobrar a toalha, não havia mais nada a fazer. Só então ela descobriu que se sentia exausta. Apagou as luzes, subiu devagar, despiu-se e deitou. O corpo estava relaxado, mas a cabeça se comportava como se estivesse vivendo de café puro há uma semana.

Ele não a ama.

Nunca pensei que me amasse.

Claro que começava a pensar assim. Depois de hoje.

Então eu estava enganada. Não temos futuro juntos. Ele deixou isso

evidente.

O que imaginou que aconteceria?

Imaginei que ele seria capaz de conversar sobre o que aconteceu há dez anos.

Não aconteceu nada. E por que ele deveria se lembrar?

Porque eu me lembrava. Porque Eustace era a pessoa mais importante que eu tinha conhecido, a coisa mais importante que já me acontecera.

Você não se lembrou. Pois casou com Anthony Keile.

Casaram-se em Londres, no mês de julho. Virgínia usara um vestido creme de cetim, com uma cauda de dois metros, e um véu que pertencera à avó de Lady Keile, e Anthony um fraque cinza. Saíram da igreja de St. Michael, na Chester Square, com os sinos repicando, o sol brilhando e um pequeno séquito de damas de honra com toucas, arrancando murmúrios de admiração da pequena multidão de mulheres curiosas que perceberam que havia um casamento em andamento e esperaram para ver quando as portas fossem abertas.

O entusiasmo, o champanhe, o prazer de ser amada e o gesto de receber parabéns e beijos mantiveram Virgínia animada, até chegar o momento de subir e trocar de roupa. A mãe encontrava-se ali, onipresente, eficiente, para baixar o zíper do vestido de cetim justo, remover a tiara emprestada e o véu.

— Ah, minha querida, tudo correu maravilhosamente! Você estava encantadora, embora talvez eu não devesse dizer uma coisa tão presunçosa sobre minha própria filha... Ora, querida, você está tremendo! Está com frio?

— Não, não estou com frio.

— Vou ajudá-la a colocar o vestido.

Era um vestido rosa, com um pequeno chapéu de pétalas para combinar, um conjunto inútil, pois ela nunca mais tornaria a usá-lo. Imaginou-se voltando da lua-de-mel, ainda usando o chapeuzinho de papel de seda e pétalas, um pouco amarrotado agora, marrom nas beiras. (Mas é claro que não podiam ficar marrons, pois não eram pétalas verdadeiras, apenas imitações...)

— Sua bagagem já está na mala do carro de Anthony. Foi uma boa idéia contratar um táxi para ir até o apartamento e ali pegar o carro. Assim não terão de suportar aquela brincadeira horrível com latas e sapatos velhos...

Um rugido e passos pesados vieram do corredor. A voz de Anthony elevou-se num som cômico que parecia uma trompa de caça.

— Parece que ele já está pronto. — A sra. Parsons dera um beijo na filha.
— Divirta-se, querida.

A porta fora aberta e Anthony apareceu, no terno que escolhera para a viagem e usando um enorme chapéu de sol. Estava bastante embriagado.

— Aqui está ela! Vamos para o sul da França, meu amor, e é por isso que estou usando este chapéu.

A sra. Parsons, com uma risada indulgente, tirara o chapéu, alisara os cabelos de Anthony com seus dedos compridos, endireitara-lhe a gravata. Parecia até que fora ela quem acabara de casar, e não Virgínia, que permanecia imóvel ao lado, sem qualquer expressão definida. Anthony estendeu-lhe a mão.

— Vamos embora. Está na hora de partirmos.

O táxi contratado, todo coberto de confetes, levava-os ao apartamento de Rowena Parsons, onde o carro de Anthony esperava. O plano era pegarem o carro e seguirem direto para o aeroporto. Mas Virgínia tinha uma chave do apartamento na bolsa. Subiram e foram para a cozinha, onde ela pusera um avental sobre o vestido de seda rosa. Anthony sentara-se à mesa, observando-a fazer um bule de café puro.

Para a lua-de-mel, haviam alugado uma vila em Antibes. No segundo dia, Anthony encontrara um velho amigo; ao final da primeira semana, já conhecia todo mundo por ali. Virgínia dissera a si mesma que era aquilo o que deveria esperar, era aquilo o que desejara. Os instintos gregários de Anthony eram parte de seu charme, uma das coisas que a atraía em primeiro lugar. Além do mais, depois de um dia ficara óbvio de que teriam dificuldades para pensar em coisas a dizer um ao outro. A conversa às refeições tendiam a ser bastante desagradáveis. Virgínia compreendera naquele momento que nunca antes haviam ficado a sós.

Havia um casal ali, Janey e Hugh Rouse; ele era escritor e haviam alugado uma casa em Cap Ferrat. Janey era um pouco mais velha e Virgínia gostava dela, pois era uma pessoa com quem tinha facilidade para conversar. Uma ocasião, sentadas no terraço da casa dos Rouses, esperando que seus homens voltassem da praia, Janey perguntara:

— Há quanto tempo conhece Anthony, meu bem? Quando criança, ela vivera nos Estados Unidos; não

falava mais com sotaque americano, mas usava palavras e expressões que denunciavam no mesmo instante suas origens.

— Não tem muito tempo. Eu o conheci em maio.

— Amor à primeira vista, hem?

— Não sei. Acho que sim.

— Quantos anos você tem?

— Dezoito.

— É muito jovem para casar. E não imagino Anthony casado por mais alguns anos.

— Ele terá de criar juízo — declarou Virgínia. — Vamos morar na Escócia. Anthony herdou uma propriedade, Kirkton... Era de um tio solteirão. Vamos viver lá.

— Acha que Anthony vai consumir seu tempo circulando num terno de *tweed*, com lama nas botas?

— Não exatamente. Mas não posso acreditar que viver na Escócia seja a mesma coisa que viver em Londres.

— Não será— disse Janey, pois conhecia a Escócia. — Mas não espere uma vida simples, ou ficará desapontada.

Mas Virgínia esperava uma vida simples. Nunca vira Kirkton, nunca estivera na Escócia, mas uma ocasião, nos feriados da Páscoa, fora para a casa de uma amiga em Northumberland. Por algum motivo, pensava que a Escócia devia ser parecida, que Kirkton seria uma casa de fazenda toda de pedra, ampla e irregular, de teto baixo, o chão de blocos também de pedra, com tapetes turcos bem gastos por cima, uma sala de jantar com uma enorme lareira e gravuras de caça nas paredes.

Em vez disso, encontrara uma casa alta, quadrada, nas proporções elegantes do estilo Adam, com janelas de caixilho refletindo os raios do sol, e um lanço de escada de pedra que levava, para cima, até a porta da frente.

Além do cascalho, havia um gramado, e depois uma mureta com um fosso, e, por fim, o parque, ornamentado com faias gigantes, descendo em direção à curva prateada, e distante, do rio.

Impressionada, em silêncio, Virgínia seguiu Anthony pelos degraus e passou pela porta. O interior era antiquado, sem móveis. Juntos, teriam de decorar a casa. Para Virgínia, a tarefa parecia assustadora. Mas quando disse isso, Anthony declarou:

— Vamos contratar Philip Sayer. É o decorador que minha mãe chamou para fazer sua casa em Londres. Se não for assim, cometeremos os piores erros e a casa ficará horrível.

Virgínia achava, em particular, que era preferível cometer os piores erros a se submeter ao gosto impecável de alguém, pois assim a casa seria mais pessoal; mas ela não dissera nada.

— E aqui é a sala de estar, com a biblioteca lá adiante. Temos ao lado a sala de jantar e a cozinha, copa e despensa.

As vozes ressoavam pela sala, os prismas do lustre de cristal faiscavam, descendo do teto ornamentado. Havia painéis e cornijas maravilhosas nas janelas altas. Havia também poeira e uma sensação nítida de frieza.

Subiram para o segundo andar por uma escada curva e elegante, os passos ressoando nos degraus encerados e se espalhando pela casa vazia. Lá em cima

havia quartos, cada um com seu banheiro, quartos de vestir, salas de estar, armários para roupas de cama e banho, até mesmo um *boudoir*.

— O que eu faria num *boudoir*?— perguntou Virgínia.

— Ora, sempre pode usar o *boudoir* para os seus acessos de *boud...* e, caso não saiba o que significa, é uma palavra francesa para designar mau humor. Para começar, tire essa expressão horrorizada do rosto e dê a impressão de que está se divertindo.

— É grande demais.

— Fala como se fosse o Palácio de Buckingham.

— Nunca estive numa casa tão grande. E nunca imaginei que poderia viver numa.

— Pois agora vai viver. Portanto, é melhor se acostumar logo.

Tornaram a sair, pararam junto do carro, contemplando a fachada elegante, as janelas a intervalos regulares. Virgínia enfiara as mãos nos bolsos do casaco e perguntara:

— Onde fica o jardim?

— Como assim?

— Canteiros, essas coisas. Flores. Claro que sabe o que significa um jardim.

O jardim ficava a cerca de oitocentos metros de distância, cercado por um muro. Foram até lá e entraram. Encontraram um jardineiro cuidando de fileiras de árvores frutíferas e legumes, parecendo soldados à espera do momento da colheita.

— Aqui é o jardim — informou Anthony.

— Ahn...

— O que significa esse "ahn"?

— Nada. Apenas "ahn".

O decorador chegara em Kirkton no momento oportuno. Fora logo seguido por furgões e caminhões, operários, pintores, homens com tapetes, com cortinas, homens em enormes caminhões que despejavam móveis como se fossem cornucópias, de uma maneira interminável, como se o seu conteúdo fosse inesgotável.

Virgínia deixara que tudo acontecesse. "Sim", dizia ela, concordando com qualquer tonalidade de veludo que Philip Sayer sugeria. Ou "Sim" quando ele pensava em camas de latão vitorianas para os quartos de hóspedes, com colchas de crochê. E o decorador comentava:

— Típico de Osborne, minha cara, a chamada vida rural vitoriana.

Ela só alteara a voz, com uma idéia independente, na hora de reformar a cozinha. Queria que fosse como recordava a maravilhosa cozinha de Penfolda,

com seu ar de estabilidade, a sugestão de coisas deliciosas sendo preparadas, a gata na cadeira e os gerânios no peitoril da janela.

— Uma cozinha de casa de fazenda! É isso o que quero. Uma cozinha de casa de fazenda parecendo uma sala de estar.

— Posso lhe garantir que não vou viver numa cozinha.

E ela deixara que Anthony impusesse sua vontade. Afinal, não era a casa de Virgínia, não fora o seu dinheiro que pagara as pias de aço inoxidável, o chão em quadrados pretos e brancos e o fogão com dispositivo de autolimpeza no forno, com grelha no nível dos olhos e um espeto para fazer galinha assada.

Virgínia estava grávida quando a casa ficou pronta.

— Nanny vai adorar — comentou Lady Keile.

— Por quê?

— Ora, querida, ela está em Londres, fazendo um serviço temporário, mas ansiando por um novo bebê. Claro que não vai gostar muito de deixar Londres, mas sempre faz novas amigas onde quer que vá. Sabe como funciona a rede de babás. E o último andar foi feito para servir como aposento para crianças. Percebe-se logo pelo portão no alto da escada e as grades nas janelas. E os cômodos são bastante ensolarados. Não acha que carpetes azuis-claros ficariam ótimos? E cortinas francesas de *chintz* nas janelas...

Virgínia tentara resistir. Dizer: *Não, eu mesma cuidarei de meu bebê*. Mas passara tão mal durante a gravidez de Cara, ficara tão fraca e indisposta, que, quando se recuperara para enfrentar qualquer situação, os aposentos de bebê já estavam completamente decorados, com Nanny também já estabelecida ali, rígida, inamovível.

Eu a deixarei ficar. Só até a criança nascer. Ela pode ficar por mais um ou dois meses, mas depois lhe direi que deve voltar a Londres, pois quero cuidar pessoalmente do bebê.

A essa altura, no entanto, havia complicações adicionais. A mãe de Virgínia, em Londres, queixava-se de dores e cansaço; achava que emagrecia cada vez mais. Virgínia fora visitá-la. Depois disso, sua lealdade ficara dividida entre a filha na Escócia e a mãe em Londres. Viajava de um lado para o outro de trem. Em tal situação, tornara-se evidente que seria uma loucura dispensar os serviços de Nanny, pelo menos até a recuperação da sra. Parsons. Mas ela não se recuperou; e quando o terrível pesadelo terminou, Nicholas também já nascera. Com duas crianças lá em cima, Nanny estava consolidada para sempre.

Em Kirkton, viviam cercados, num raio de quinze quilômetros, por diversos vizinhos bastante sociáveis. Jovens casais, com tempo e dinheiro de sobra, alguns com filhos pequenos como os dos Keiles, todos com interesses que

combinavam com os de Anthony.

Para salvar as aparências, ele ainda dedicava algum tempo aos assuntos da fazenda. Conversava com McGregor, o capataz, para descobrir o que este achava que devia ser feito, e depois lhe dizendo para fazer justamente o que lhe havia dito. Passava o resto do dia de folga... e aproveitava para fazer tudo que queria. A Escócia é uma terra feita para os prazeres dos homens. Sempre havia caçadas, o galo silvestre no verão, a perdiz e o faisão no outono e inverno. Havia rios para a pesca, campos de golfe e uma vida social ainda mais movimentada do que a de Londres.

Virgínia não pescava nem jogava golfe. De qualquer forma, Anthony não a convidaria para irem juntos mesmo que ela quisesse. Ele preferia a companhia de seus amigos homens. Virgínia só deveria comparecer quando ambos fossem expressamente convidados como um casal. E isso para um jantar, um baile, ou talvez para um almoço. Nessas ocasiões, Virgínia tinha crises de indecisão, sem saber o que vestir, e inevitavelmente aparecia com o que todas haviam usado no ano anterior.

Ainda era muito tímida. Como não bebia, faltava-lhe um meio artificial de superar esse defeito. Os amigos de Anthony, obviamente, achavam-na uma chata. E suas esposas, embora gentis e cordiais, apavoravam-na com suas piadas particulares e referências incompreensíveis a lugares, pessoas e eventos que só elas conheciam. Eram como um bando de garotas que haviam estudado na mesma escola.

Uma ocasião, voltando para casa depois de um jantar, os dois discutiram. Virgínia não tinha a menor intenção de discutir, mas sentia-se cansada e infeliz, enquanto Anthony encontrava-se um tanto embriagado. Ele sempre dava a impressão de beber um pouco além da conta nas festas, como se fosse uma graça social que todos esperavam. E naquela noite ele se tornara agressivo e mal-humorado.

— Você se divertiu?

— Não muito.

— Deu a impressão de que detestou.

— Eu estava cansada.

— Você está sempre cansada. Também pudera, nunca faz nada.

— Talvez seja por isso que me sinto cansada.

— O que quer dizer com isso?

— Nada, nada...

— Nada uma ova. Isso quer dizer alguma coisa.

— Está bem. Isso quer dizer que me sinto entediada e solitária.

— Não é culpa minha.

— Não? Você nunca fica comigo... às vezes passa o dia inteiro fora de casa. Prefere almoçar no clube em Relkirk... Quase nunca o vejo.

— Eu e uma centena de outros homens fazemos isso. O que acha que as mulheres deles fazem? Sentam-se e se lamentam?

— Tenho me perguntado o que elas fazem com seu tempo. Você bem que poderia me explicar.

— Elas circulam, é claro. Sempre se encontram, levam as crianças para o Pony Club, jogam *bridge*, imagino que se dedicam à jardinagem.

— Não sei jogar *bridge*, e as crianças não querem andar de pônei. Poderia me dedicar à jardinagem, só que não há um jardim em Kirkton, apenas uma prisão murada para as flores, com um jardineiro tão mal-humorado que nem me deixa cortar um buquê de gladiolos sem pedir sua permissão.

— Ora, pelo amor de Deus...

— Costumo observar as outras pessoas. Casais comuns, às vezes nos sábados, em Relkirk. Fazem compras juntos, com chuva ou com sol, acompanhados pelos filhos tomando sorvete. Guardam as compras em carros pequenos e velhos, e voltam para casa parecendo muito felizes e satisfeitos.

— Não acredito que você possa querer uma vida assim.

— Não quero ser solitária.

— A solidão é um estado de espírito. Só você pode fazer alguma coisa a respeito.

— Nunca se sentiu solitário, Anthony?

— Nunca.

— Então não casou para ficar ao meu lado. E muito menos pela minha conversa fascinante.

— Não.

Uma concordância fria, o rosto impassível.

— Então por que se casou?

— Você era bonita. Tinha um charme tímido. Era encantadora. Minha mãe achou que você era muito encantadora. E também achou sua mãe encantadora. E achou que todo o acordo era encantador.

— Mas não se casou comigo porque sua mãe mandou — Não. Mas deve compreender. Eu tinha de me casar com alguém, e você apareceu no momento oportuno.

— Não estou entendendo.

Anthony não explicou. Guiou em silêncio por algum tempo, talvez impelido por certo limite de decência a não contar a verdade, nem agora nem nunca. Mas Virgínia, tendo chegado a esse ponto, cometera o erro de insistir.

— Não dá para entender, Anthony. Ele perdeu a paciência e contou tudo.

— Porque herdei Kirkton com a condição de estar casado antes de assumir a propriedade. Tio Arthur achava que eu nunca criaria juízo, que destruiria a propriedade se viesse para cá solteiro... Não sei direito o que ele pensava, mas estava decidido a somente permitir que eu vivesse em Kirkton se tivesse uma família.

— Então foi por isso! Anthony franziu o rosto.

— Ficou magoada?

— Acho que não. Deveria ficar?

Ele procurou a mão de Virgínia... e o carro derrapou um pouco quando seus dedos se encontraram.

— Está tudo bem. Pode não ser melhor, mas com certeza não é pior do que outros casamentos. As vezes vale a pena ser sincero e explicar tudo. É melhor saber em que ponto estamos.

— Nunca se arrependeu de casar comigo?

— Não, nunca me arrependi. Apenas lamento que tenha acontecido quando éramos ainda tão jovens.

Um dia ela se descobriu sozinha em casa. Absolutamente sozinha. Era uma tarde de sábado. O sr. McGregor, o capataz, fora a Relkirk, levando a sra. McGregor. Anthony estava jogando golfe e Nanny saíra com as crianças para um passeio. Uma casa vazia, sem nada para fazer. Sem roupa para lavar, sem bolo para fazer, sem roupa para passar, sem um jardim para cuidar. Virgínia circulou pela casa, de cômodo em cômodo, como se fosse uma estranha que pagara para visitá-la. Seus passos ressoaram pela escada, junto com o tique-taque do relógio. Por toda parte havia ordem, uma arrumação impecável. Era isso que Anthony adorava. O que ele criara. A razão por que ele casara. Ela parou no vestíbulo, abriu a porta da frente, desceu para o cascalho. Pensou que talvez devesse espiar Nanny e as crianças a distância. Depois, sairia correndo para alcançá-las. Pegaria Cara em seu colo, apertando com força, pelo menos para provar que ela de fato existia, que não era uma criança de sonho que Virgínia concebera como alguma solteirona frustrada, um mero fruto de sua imaginação.

Mas não havia sinal de Nanny. Depois de algum tempo, Virgínia tornou a subir os degraus e entrou na casa, porque parecia não haver qualquer lugar para onde pudesse ir.

* * *

Havia uma jovem bonita chamada Liz, casada com um advogado também jovem. Ele trabalhava em Edinburgh, mas moravam a dois ou três quilômetros de Kirkton, numa antiga residência paroquial presbiteriana reformada. Tinha um

jardim sempre colorido pelos narcisos na primavera, além de um cercado para pôneis.

Ela tinha filhos pequenos, cachorros, um gato e um papagaio numa gaiola. Sua casa vivia cheia, talvez porque sentisse falta do marido, que passava a semana inteira em Edinburgh, ou talvez por ser uma mulher que gostava de receber as pessoas. Outras crianças passeavam nos pôneis, enchiam a mesa da sala de jantar na hora do chá, brincavam no gramado. Se não tinha famílias inteiras hospedadas em sua casa, então recebia famílias inteiras durante o dia, alimentando-as com rosbife, pastelões de carne e rim, pudins tradicionais e deliciosos, sorvete feito em casa. Seu armário de bebidas, que devia ser exaurido pelas hordas que passavam por sua porta hospitaleira, estava sempre aberto, sempre à disposição de qualquer convidado que precisasse de um pequeno revigorante alcoólico.

— Sirvam-se — dizia ela, através da porta aberta, enquanto providenciava um jantar de três pratos para dez visitantes inesperados. — Há mais gelo na geladeira, se o balde ficar vazio.

Anthony, como era de se esperar, adorava Liz, flertava com ela de uma maneira jovial e ostensiva, oferecendo uma demonstração de ciúme nos fins de semana, quando o marido vinha para casa.

— Tire esse homem de casa! — dizia ele para Liz.

Ela caía na gargalhada, assim como todos os outros que o escutavam. Virgínia sorria. Por cima das cabeças das pessoas, seus olhos se encontravam com os do marido de Liz. Era um jovem retraído. Mesmo que sorrisse, com um copo na mão, era quase impossível saber o que ele estava pensando.

— Precisa tomar cuidado com seu marido — dizia de vez em quando uma das esposas para Virgínia.

Mas ela se limitava a responder:

— É o que venho fazendo há anos.

E trocava de assunto, ou virava-se para falar com outra pessoa. Numa terça-feira, Anthony ligou para ela do clube em Relkirk.

— Entrei num jogo de pôquer, Virgínia. Não sei a que horas voltarei para casa. Mas não precisa me esperar. Comerei alguma coisa por aqui. Até mais tarde.

— Está bem. Não perca muito dinheiro.

— Vou ganhar... e comprarei um casaco de peles para você.

— É justamente do que preciso

Ele chegou em casa depois da meia-noite e subiu a escada cambaleando. Virgínia ouviu-o em seu quarto de vestir, largando as roupas pelo chão, abrindo e fechando gavetas, resmungando contra uma abotoadura ou algum botão.

Logo em seguida ela o ouviu se estender na cama lá mesmo. A luz, depois da porta aberta, foi apagada, restando apenas a escuridão. Virgínia perguntou-se se o marido decidira dormir no quarto de vestir por consideração, ou se havia algum outro motivo, mais sinistro.

Ela não demorou a descobrir. A sociedade em que circulavam, um grupo restrito, era pequena demais para se guardar segredos.

— Virgínia, querida, eu disse para tomar cuidado com aquele seu marido irrequieto.

— O que ele fez agora?"

— Você é maravilhosa. Nunca fica abalada. É evidente que já sabe de tudo.

— Tudo o quê?

— Ora, querida, o jantar íntimo que ele teve com Liz.

— Ah, sim, na última terça-feira...

— Ele é terrível. Acho que pensou que ninguém jamais saberia. Mas Midge e Johnny Gray decidiram num súbito impulso ir jantar no Strathtorrie Arms. Há um novo gerente ali, tudo é escuro e muito chique, e a comida, excelente. Assim que chegaram, eles avistaram Anthony e Liz aconchegados num canto. E você sabia o tempo todo!

— Sabia.

— E não se importa?

— Não

E isso era o mais terrível. Ela não se importava. Sentia-se apática, não suportava mais o charme ostensivo de colegial de Anthony, que há muito se desgastara para ela. E aquele não era o primeiro caso extraconjugal. Já acontecera antes e, com toda certeza, aconteceria de novo. Apesar de tudo, porém, era desanimador pensar nos anos pela frente, presa àquele tedioso Peter Pan. Um homem tão insensível que podia se lançar alegremente num envolvimento clandestino, conduzindo-o quase que na frente de sua casa.

Virgínia até pensou em divórcio. Mas no mesmo instante compreendeu que nunca se divorciaria de Anthony. Não apenas por causa das crianças, mas também porque ela era Virgínia, e não podia se projetar voluntariamente por esse caminho, tão inadmissível quanto voar até a lua.

Não se sentia feliz, mas de que adiantaria apregoar seu fracasso e desilusão para o resto do mundo? Anthony não a amava, nunca a amara. Mas também ela nunca o amara. Se Anthony casara com Virgínia para assumir Kirkton, ela também casara com ele por motivos pessoais. Encontrava-se num estado emocional de profunda infelicidade, com uma necessidade desesperada de evitar a Temporada de Londres que a mãe planejava, culminando com o pesadelo final

de um baile de debutantes.

Não era feliz, mas, para todos os efeitos e propósitos, tinha tudo. Uma casa adorável, um marido bonito e as crianças. As crianças valiam tudo. Por elas Virgínia suportaria seu casamento fracassado; criaria um mundo de segurança que elas nunca mais conheceriam de novo.

Anthony estivera com Liz na noite em que morrera. Passara por lá para tomar um drinque, na volta de Relkirk, e ela o convidara a ficar para o jantar.

Telefonou, então, para Virgínia.

— Liz está com os Cannons em casa. Quer que eu jante aqui e seja o quarto parceiro no *bridge*. Chegarei em casa mais tarde. Não precisa me esperar.

O armário de bebidas de Liz com a garrafa de uísque estava aberto, como sempre. E Anthony, como sempre, serviu-se de uma dose generosa, com a mão firme. Já eram duas horas da madrugada quando voltou para casa, a noite escura, sem estrelas, um aguaceiro caindo. Há dias que chovia e o rio transbordara. Depois, a polícia apareceu, com fitas métricas e pedaços de giz, medindo as marcas de derrapagem no chão, debruçando-se sobre a grade quebrada da ponte, observando as águas lamacentas e impetuosas.

E Virgínia manteve-se ali, debaixo da chuva, observando os mergulhadores entrarem no rio. Um sargento mais gentil exortou-a a voltar para casa, mas ela não quis. Por algum motivo, tinha de permanecer ali. Afinal, Anthony fora seu marido e o pai de seus filhos.

E lembrou-se do que ele dissera, naquela noite em que contara toda a verdade sobre Kirkton. *Apenas lamento que tenha acontecido quando éramos ainda tão jovens.*

Capítulo 8

A noite silenciosa passou devagar; os segundos, os minutos, as horas, tudo medido pelo tique-taque do relógio de pulso de Virgínia na mesinha-de-cabeceira. Então, ela estendeu a mão para pegá-lo, viu que eram quase três horas da madrugada. Saiu da cama, enrolada na colcha, e foi sentar-se no chão, ao lado da janela aberta. Era aquele momento que antecedia o amanhecer, tudo escuro e silencioso. Dava para ouvir, a uns dois quilômetros de distância, um movimento suave, como a respiração do mar. Dava para ouvir também as patas e a mastigação das vacas, pastando a dois ou três campos da casa; e ainda os sussurros nas sebes e o pio de uma coruja.

Ela se descobriu atormentada pela lembrança de Liz. No funeral de Anthony, Liz exibia um rosto de pesar e culpa tão ostensivo que as pessoas se desviavam, numa reação instintiva, não querendo testemunhar tamanha dor. Pouco depois, o marido a levava em férias para o sul da França, e Virgínia nunca mais tornara a vê-la.

Mas agora ela sabia que tinha de voltar à Escócia, ainda que fosse apenas para acertar tudo com Liz. Para convencer Liz de que nenhuma culpa lhe podia ser atribuída, para restabelecer a amizade com ela, na medida em que isso fosse humanamente possível. Virgínia pensou no retorno a Kirkton. Dessa vez a imaginação não se alterou, fugiu; em vez disso, efetuou a viagem em absoluta calma, sem qualquer horror. Saiu da estrada, cruzou a ponte sobre o rio, subiu pelo caminho entre as campinas viçosas do parque. Chegou à curva larga na frente da casa, subiu os degraus e passou pela porta da frente. Não havia mais a antiga e familiar sensação de solidão, de estar acuada. Apenas uma tristeza pelo fato das vidas das pessoas que moravam naquela linda casa não terem alcançado uma coesão permanente, desmanchando-se como fios mal entrelaçados, até se desfazerem por completo.

Venderia a casa. Em algum lugar, em algum momento, seu subconsciente tomara a decisão, apresentando-a agora à mente consciente como um *fait accompli*. Quanto desse fenômeno tinha a ver com Eustace, Virgínia não podia compreender no momento. Mais tarde, sem dúvida, tudo ficaria esclarecido. Por enquanto, o alívio era intenso; era como se livrar de um fardo que carregara por tempo demais. Virgínia sentiu-se grata, como se outra pessoa tivesse interferido e tomado a decisão por ela.

Venderia Kirkton. Compraria outra casa, uma casa pequena. .. em algum

lugar. De novo, mais tarde, tudo se arrumaria. Reconstruiria um novo lar, faria novas amizades, faria um jardim, compraria um cachorro, um gato e um canário numa gaiola. Encontraria nova escola para as crianças; preencheria os feriados com lazeres que antes hesitara tanto em experimentar. Aprenderia a esquiar, e, nas férias, esquiariam juntos. Faria pipas e consertaria bicicletas, deixaria Cara ler todos os livros que quisesse. Compareceria às festas da escola de Nicholas, participando das atrações, tipo como ganhar a corrida do ovo na colher.

E aconteceria porque ela insistiria para que acontecesse. Não havia mais Anthony, não havia mais sonhos, mas existiam muitas outras coisas boas, como orgulho, determinação e as crianças. As crianças... Virgínia sorriu, sabendo que, como a agulha na bússola sempre apontando para o norte, também sempre estaria voltada para as crianças em tudo que fizesse, qualquer que fosse a maneira de se comportar.

Ela começou a sentir frio. A primeira claridade do amanhecer já se insinuava pelo céu. Virgínia levantou-se do chão, tomou uma pílula para dormir com um gole d'água e voltou para a cama. Quando tornou a abrir os olhos, o sol já subira pelo céu e incidia em seu rosto. Havia muito barulho lá embaixo, alguém batendo na porta, e uma voz chamando seu nome.

— Virgínia! Sou eu, Alice! Acorde logo! Ou será que estão todos mortos?

Meio tonta de surpresa e sono, Virgínia saiu da cama, atravessou o quarto e inclinou-se na janela.

— Alice, pare de fazer tanto barulho! As crianças ainda estão dormindo!

Alice levantou o rosto, espantada. Sua voz baixou para um exagerado sussurro teatral:

— Eu começava a pensar que todo mundo tinha morrido. Já passa de dez horas. Desça para abrir a porta.

Virgínia, bocejando, as pernas trôpegas, vestiu o roupão, calçou as chinelas e desceu. No caminho, deteve-se diante da porta aberta do quarto das crianças. Para sua surpresa, ainda dormiam, sem serem perturbadas pelos gritos de Alice. Ela imaginou que teriam ido dormir tarde na noite passada. Muito mais tarde do que imaginara.

Chegou à porta e abriu-a, deixando entrar o sol e Alice, que usava um vestido de linho azul, com um lenço de seda na cabeça. Como sempre, tinha a pele viçosa, os olhos alertas, irritantemente desperta.

— Você sempre acorda a essa hora?

— Não, mas... — Virgínia reprimiu um bocejo. — Não consegui dormir ontem à noite. Tive que tomar uma pílula. Devo ter apagado.

— E as crianças?

— Não dei nenhuma pílula para elas, mas ainda estão dormindo. Passamos

o dia inteiro fora e fomos deitar tarde. — Ela bocejou de novo, fazendo um esforço para manter os olhos abertos. — Quer café?

Alice parecia divertida.

— Você dá mesmo a impressão de que precisa de um café. Vamos fazer uma coisa. Eu preparo o café, enquanto você sobe para acordar direito e trocar de roupa. Não adianta conversar com você nesse estado. — Ela pôs a bolsa na mesa, com expressão determinada. — Devo dizer que a casa não é tão ruim assim. E aqui está a cozinha. Talvez um pouco apertada, mas serve muito bem...

Virgínia abriu a água na banheira, entrou, lavou os cabelos. Subiu em seguida, enrolada na toalha, e pegou roupas limpas numa gaveta. Pôs um vestido de algodão que ainda não usara. Calçou as sandálias e escovou os cabelos úmidos. Sentindo-se limpa e estranhamente faminta, desceu para conversar com Alice.

Encontrou-a com tudo organizado — a chaleira no fogo, o café no bule, as canecas na mesa.

— Ah, você voltou... já está quase tudo pronto... Pensei em tomar um café de verdade. Já não agüento mais essas misturas aguadas.

Virgínia sentou-se na borda da mesa.

— Quando você voltou de Londres?

— Ontem à noite.

— Como foi a viagem? Divertiu-se muito?

— Claro que sim, mas não vim até aqui para falar de Londres.

— Nesse caso, o que a trouxe até aqui, às dez horas da manhã de uma segunda-feira?

— Curiosidade — respondeu Alice. — Pura e simples curiosidade.

— A meu respeito?

— A respeito de Eustace Philips.

— Não estou entendendo.

— A sra. Jilkes me contou. Mal passei pela porta e já estava ouvindo o relato. Ela disse que Eustace telefonou durante a minha ausência, querendo saber se alguém ia aprontar Bosithick para você e as crianças. Como ela disse que eu me encontrava em Londres, Eustace respondeu que não precisava se incomodar, que cuidaria de tudo.

— E verdade... e ele cuidou mesmo.

— Mas, Virgínia... Você falou sobre Eustace, mas nunca me disse que tinha tornado a encontrá-lo.

— Não contei? — Virgínia franziu o rosto. — É verdade, não contei mesmo.

— Quando o encontrou?

— Naquele dia em que vim ver o chalé. Lembra? Eu disse que não voltaria para o almoço. Fui ao *pub* em Lanyon para comprar cigarros e o encontrei lá.

— Mas por que não me contou nada? Havia algum motivo específico para não querer que eu soubesse?

— Não. — Virgínia tentou recordar. — Acho que apenas não queria falar sobre ele.

Ela fez uma pausa e sorriu, antes de acrescentar:

— Não se pode dizer que foi uma reunião das mais cordiais. Na verdade, tivemos uma tremenda briga...

— Mas você *tencionava* encontrá-lo de novo?

— Não. Foi por acaso.

— E ele se lembrou de você? Depois de tanto tempo? Afinal, só a tinha visto uma vez, no churrasco.

— Não — respondeu Virgínia. — Tivemos outro encontro.

— *Quando?*

— Cerca de uma semana depois do churrasco. Encontrei-o em Porthkerris. Passamos a tarde juntos. Ele me levou de carro à Wheal House. Você não o viu porque tinha saído naquele dia. Mas minha mãe estava lá. Soube do encontro.

— Mas por que manteve segredo?

— Não havia segredo, Alice. Acontece que minha mãe não gostou de Eustace. E devo dizer que ele não fez muito esforço para impressioná-la. Foi até rude... e o Land-Rover estava sujo de palha, lama e estrume. Não era o chá de minha mãe. Ela tratou o incidente como se fosse uma espécie de piada. Mas eu sabia que Eustace a deixara furiosa, e que ela não gostara nem um pouco dele.

— Mas você podia ter conversado comigo a respeito. Afinal, fui eu quem a apresentou a Eustace.

— Bem que tentei, mas, cada vez que começava, de algum modo mamãe entrava na conversa, mudava de assunto ou o interrompia. E também... não deve se esquecer disso, Alice... Você era amiga de mamãe, não minha. Eu era apenas a garotinha que acabara de crescer. Nunca imaginei que tomaria o meu lado contra ela.

— Era uma questão de tomar lado?

— Acho que sim. Você sabe como mamãe era esnobe.

— Tem razão. Mas era um esnobismo inofensivo.

— Não, Alice, não era inofensivo. Ao contrário, era terrivelmente perigoso. Afetava tudo que ela fazia. Deixava-a deformada.

— Virgínia!

Alice estava chocada.

— Foi por isso que voltamos para Londres de repente. Ela achou que eu

me apaixonara por Eustace.

A água na chaleira ferveu. Alice pegou-a e despejou a água sobre o café no bule. A cozinha ficou impregnada com o delicioso aroma. Alice misturou-o bem com uma colher.

— E você havia se apaixonado?

— Claro que sim. Você também não ficaria, aos dezessete anos?

— Mas casou com Anthony Keile.

— É verdade.

— Você o amava?

— Eu... casei com ele.

— Era feliz?

— Sentia-me solitária...

— Mas sempre pensei, Virgínia... sua mãe sempre disse... Pensei que era feliz.

— Não era. Mas nem tudo era culpa de Anthony. Eu também tinha minha parcela de culpa.

— Lady Keile sabia disso?

— Não. — Também não sabia das circunstâncias da morte de Anthony. Nem sobre Liz. E nunca saberia. — Por que deveria saber? De vez em quando passava algum tempo conosco, mas nunca por mais de uma semana. Não era difícil projetar a ilusão de um casamento feliz, de um idílio permanente. Era o mínimo que podíamos fazer por ela...

— Fico surpresa por Nanny nunca ter contado nada.

— Nanny nunca viu nada que não quisesse ver. E, para ela, Anthony era a perfeição em pessoa.

— Não deve ter sido fácil.

— Não foi. Mas, como eu disse, nem tudo foi culpa de Anthony.

— E Eustace?

— Eu tinha dezessete anos, Alice, esperando que aparecesse alguém para me comprar um sorvete...

— Mas não agora...

— Agora tenho vinte e sete anos e sou mãe de dois filhos. E não estou mais esperando por sorvetes.

— Ou seja, ele não tem nada a lhe oferecer.

— E não precisa de nada de mim. É auto-suficiente. Tem sua própria vida. Tem Penfolda.

— Já conversou com ele a respeito disso?

— Oh, Alice...

— É óbvio que não. Portanto, como pode ter certeza?

— Porque há dez anos ele disse que me telefonaria. Disse que queria que eu fosse a Penfolda para tomar um chá, me encontrar de novo com a mãe dele. E eu ia pedir seu carro emprestado para ir até lá. Mas Eustace nunca me telefonou. Esperei muito, mas ele não ligou. E antes de haver tempo para descobrir por quê, ou para fazer alguma coisa, fui levada de volta a Londres por minha mãe.

— E como *sabe* que ele não ligou? Alice começava a se mostrar impaciente.

— Porque ele não quis ligar, ora.

— Talvez sua mãe tenha atendido.

— Perguntei, mas ela disse que não houvera nenhuma ligação.

— Mas ela era perfeitamente capaz, Virgínia, de atender um telefonema e não dizer nada a você. Ainda mais se não gostasse do rapaz. Pensei que você compreendesse isso.

A voz de Alice era firme e objetiva. Virgínia mal podia acreditar no que estava ouvindo. O fato de Alice dizer uma coisa assim a respeito de Rowena Parsons... logo Alice, que, entre todas as pessoas, era a amiga mais antiga de sua mãe. Alice, revelando uma verdade que Virgínia nunca tivera a coragem de descobrir por si mesma. Ela recordou o rosto da mãe, sorrindo através do vagão, com um protesto risonho. *Ora, querida, que acusação! Claro que não. Você não pode estar pensando...* E Virgínia acreditara nela. Então murmurou, desolada:

— Pensei que ela me dizia a verdade. Não imaginei que fosse capaz de mentir.

— Digamos que ela era uma pessoa determinada. E você era filha única. Sua mãe sempre teve grandes ambições para você.

— Mesmo sabendo de tudo isso, Alice, você continuava a ser amiga de minha mãe.

— Amigas não são pessoas de quem você gosta muito por alguma razão especial. Você simplesmente gosta das pessoas porque elas são suas amigas.

— Mas se mamãe mentiu, então Eustace deve ter pensado que eu não queria tornar a vê-lo. E ficou pensando durante todos esses anos que eu não estava interessada.

— Mas ele lhe escreveu uma carta.

— *Uma carta?!*

— Quer dizer que não sabia? A carta chegou no dia anterior à sua partida para Londres.

Virgínia permaneceu perplexa, e Alice continuou:

— Sei que existiu uma carta. Chegou na correspondência da tarde. Vi a carta na mesa do vestíbulo e achei isso ótimo, porque você não recebia muitas

cartas. Saí para fazer alguma coisa. Quando voltei, a carta não se encontrava mais ali. Presumi que você já estava com ela.

Uma carta. Virgínia imaginou a carta. Viu o envelope branco, endereçado a ela, em tinta preta. Srta. Virgínia Parsons. Vulnerável, largada na mesa redonda, ainda no vestíbulo da Wheal House. Viu a mãe sair da sala de estar, talvez pensando em subir para seu quarto, fazendo uma pausa para verificar a correspondência da tarde. Usava o *tailleur* vermelho com a blusa de seda branca. Ao estender a mão para pegar a carta, as unhas pintadas de vermelho, a pesada pulseira de ouro em seu pulso tilintou, como se fossem sinos.

Viu a mãe franzir o rosto ao verificar pela uma caligrafia masculina, para quem a carta fora endereçada. Ela inspecionou o carimbo postal, hesitou talvez por um segundo, depois enfiou o envelope no bolso do casaco... e continuou o que fazia antes, imperturbável, como se nada tivesse acontecido.

— Não recebi essa carta, Alice.

— Mas estava ali!

— Não percebe? Mamãe a pegou... e destruiu-a. Ela era capaz de fazer isso. Deve ter pensado: "É tudo para o bem de Virgínia. O seu melhor interesse."

As ilusões haviam desaparecido para sempre, o véu fora arrancado. Virgínia podia olhar para trás com uma consideração fria e objetiva, ver a mãe como realmente fora, não apenas esnobe e determinada, mas também insidiosa. Por mais estranho que pudesse parecer, isso se tornara um alívio. Fora preciso algum esforço, durante anos e anos, para sustentar o mito de uma mãe irrepreensível, embora Virgínia não estivesse enganando ninguém, a não ser a si mesma. Lembrada agora, a mãe parecia muito mais humana.

Alice exibiu uma expressão transtornada, como se já estivesse arrependida de ter mencionado a carta.

— Talvez não fosse de Eustace.

— Era dele sim.

— Como sabe?

— Porque se fosse de qualquer outra pessoa ela teria me devolvido, com alguma desculpa por ter aberto... por engano.

— Mas não sabemos o que havia na carta. Virgínia levantou-se da mesa.

— Não, mas vou descobrir agora. Pode ficar aqui até as crianças acordarem? E avisá-los que não vou demorar?

— Para onde você vai?

— Falar com Eustace, é claro — respondeu Virgínia, já na porta.

— Mas ainda não tomou seu café. Faço um café e você nem quer provar. E o que vai dizer a ele? Como vai explicar?

Mas Virgínia já saía. Alice falava para a cozinha vazia, a porta aberta.

Com um suspiro exasperado, ela largou sua caneca de café na mesa e foi até a porta, como se quisesse chamar Virgínia de volta. Mas a jovem já se encontrava fora do alcance de sua voz, correndo como uma criança pela relva alta do verão, atravessando os campos na direção de Penfolda.

Ela seguiu pelos campos porque levaria muito tempo para pegar o carro, fazer a manobra e sair para a estrada principal. E o tempo era precioso demais para ser desperdiçado. Já haviam perdido dez anos, agora não havia mais tempo a perder.

Virgínia corria por uma alegre manhã de doces fragrâncias, entre as margaridas brancas, a relva alta batendo em suas pernas. O mar era de tonalidade azul-escura, mesclada de púrpura com listras turquesas. O horizonte estava indistinto, num nevoeiro que prometia um calor intenso para o dia. Ela corria sem parar, as pernas compridas, quase saltando pelos muros de pedra. As valas entre os campos de restolho transbordavam com papoulas vermelhas. O ar estava impregnado pelas pétalas amarelas dos tojos, o vento soprando-as e dispersando-as como confete.

Atravessou o último campo. Penfolda surgiu à sua frente, com a casa e os galpões, o pequeno jardim, murado como proteção contra o vento. Virgínia passou pela última vala, antes da horta. Desceu pelo caminho e cruzou o portão. Viu a gata e seus filhotes, meio siameses, deitados ao sol, na frente da porta entreaberta. Ela entrou e chamou Eustace. A casa parecia escura, em contraste com a claridade do dia lá fora.

— Quem está aí?

Era a sra. Thomas, com um espanador na mão, espiando por cima do corrimão.

— Sou eu, Virgínia... Virgínia Keile. Quero falar com Eustace.

— Ele acaba de sair para a ordenha...

— Obrigada.

Sem se dar ao trabalho de esperar e explicar, Virgínia tornou a sair. Começou a correr pelo gramado, na direção das salas de ordenha. Nesse momento Eustace apareceu, passando pelo portão que dava para o outro lado do jardim. Usava um avental e botas de borracha, e carregava um balde de alumínio com leite. Virgínia parou no mesmo instante. Ele estendeu a mão para trás e trancou o portão. Levantou os olhos e avistou-a.

Virgínia pretendia ser sensata e razoável. Diria, com voz calma e objetiva: "Quero conversar sobre aquela carta que você me escreveu." Mas infelizmente não aconteceu assim, porque tudo foi dito naquele longo momento em que os dois permaneciam imóveis, fitando-se. Depois, Eustace largou o balde e começou a avançar. Virgínia desceu correndo pela encosta gramada e jogou-se

nos braços dele. Rindo, comprimiu o rosto contra o peito de Eustace. Ele murmurou "Está tudo bem, está tudo bem", como se Virgínia estivesse chorando, e não rindo. Então ela disse "Eu amo você" e depois desatou a chorar.

— Claro que telefonei— afirmou Eustace. — Três ou quatro vezes. Mas você nunca estava em casa. Era sempre sua mãe quem atendia. A cada vez eu me sentia mais tolo. Ela dizia que daria o recado e você me ligaria. Pensei que talvez você tivesse mudado de idéia. Pensei que talvez tivesse chegado à conclusão de que tinha coisas melhores a fazer do que vir tomar chá comigo e com minha velha mãe. Pensei que sua mãe talvez a tivesse dissuadido. Ela não gostou de mim desde o primeiro momento em que me viu. Mas você sabia disso, não é?

— Sabia, sim. E não podia entender. Houve uma ocasião em que quase liguei para você. Pensei que talvez tivesse esquecido. Mas perdi a coragem. E depois, inesperadamente, minha mãe disse que precisávamos voltar a Londres. Não havia mais tempo. No trem, perguntei a ela se você tinha ligado. Mamãe respondeu que não. E acreditei nela. Eis o pior de tudo... sempre acreditava nela. Deveria ter imaginado. A culpa foi minha. Oh, Eustace, por que fui tão tola?

Haviam entrado na casa, sob o pretexto de pegar um lenço limpo para Virgínia. Sem qualquer motivo específico, permaneceram lá dentro; e como era inevitável, acabaram na cozinha, sentados à mesa, o ar impregnado pelo aroma de pão no forno. O único outro som, além de suas vozes, era o tique-taque do velho relógio de pêndulo.

— Você não foi uma tola — disse Eustace. — Tinha apenas dezessete anos. E essa era uma das coisas que me perturbava. Seria fácil persuadi-la, envolvê-la, antes que tivesse tempo para crescer e tomar sua própria decisão sobre as coisas. Era o que eu dizia na carta. Como você não respondesse às minhas ligações, pensei não ser digno de confiança. Por isso, disse a mim mesmo que se você queria esperar uns dois anos, eu também estaria disposto a esperar e ver o que acontecia depois...

Ele fez uma pausa e sorriu, pesaroso.

— Não foi fácil escrever, posso lhe garantir. Nunca dissera aquelas coisas para uma garota, e desde então nunca mais disse nada semelhante.

— E pensou que eu nem me incomodara em responder?

— Não sabia o que pensar... E depois li no jornal que você ia casar.

— Se eu tivesse recebido aquela carta, Eustace, não voltaria para Londres. Teria me recusado a casar.

— Não podia recusar, pois era menor.

— Teria um ataque histérico. Um colapso nervoso. Faria as cenas mais terríveis. Adoeceria.

— Ainda assim teria de ir. Virgínia sabia que ele tinha razão.

— Mas saberia que você estava aqui à minha espera. E jamais casaria com Anthony. Nunca teria ido para a Escócia. Não desperdiçaria todos esses anos.

Eustace franziu as sobrancelhas.

— Não foram desperdiçados. E Cara e Nicholas? Os olhos de Virgínia arderam com lágrimas repentinas.

— É tudo muito complicado.

Ele abraçou-a, beijou-lhe as lágrimas, inclinou-lhe a cabeça para trás.

— As coisas acontecem da maneira como têm de acontecer. Há um padrão e uma forma em tudo. Olhe para trás e repare. Nada acontece sem um motivo. Nada é impossível, como um novo encontro, entrar em *The Mermaid's Arms* e deparar com você sentada ali, como se nunca tivesse se ausentado. Foi como um milagre.

— Você não se comportou como se fosse um milagre. Não demorou muito para brigar comigo.

— Tive medo de ser magoado outra vez. Tive medo de ter me enganado com você, que todas as coisas que eram tão importantes para sua mãe tivessem se tornado importantes também para você.

— Já disse que nunca foram importantes para mim. Ele pegou as mãos de Virgínia.

— Depois do piquenique de ontem, pensei que não haveria mais problemas. Depois de sair com você, Cara e Nicholas, de mergulhar e assar o peixe, todos parecendo gostar tanto, achei que tudo voltaria a ser como antes entre nós. Pensei que poderíamos conversar sobre aquela ocasião, quando você voltou para Londres de repente e fiquei sem saber o que acontecera, e de não nos vermos mais de novo. Pensei que poderíamos conversar, promover um novo começo.

— Pensei a mesma coisa, mas você me disse apenas para voltar à Escócia, e lá aprender a ser uma fazendeira. Quero ser uma esposa de fazendeiro, mas não uma fazendeira. Eu não saberia distinguir um rebanho de Aberdeen Angus de um outro rebanho qualquer.

Eustace sorriu de novo, um pouco embaraçado.

— Foram aquelas fotos de Cara. Passáramos o dia inteiro muito próximos, mas naquele instante compreendi que pertencíamos a mundos diferentes. Sempre pertencemos, Virgínia. Um lugar como Kirkton e uma pequena fazenda como Penfolda... Ora, não se pode falar das duas da mesma maneira. Parecia uma insanidade imaginar que eu pudesse lhe pedir para largar tudo aquilo, renunciar ao que tinha, apenas para ficar ao meu lado. Porque isso é tudo o que tenho a lhe oferecer.

— E é tudo o que eu quero. O que eu sempre quis. Kirkton era a casa de

Anthony. Sem a sua presença, não existe vida nenhuma. De qualquer forma, vou vendê-la. Tomei essa decisão ontem à noite. Terei de voltar, é claro, dar a notícia a todos, entregar aos cuidados do advogado...

— Já pensou nas crianças?

— Nunca paro de pensar. E tenho certeza de que elas vão compreender.

— É o lar das crianças.

— Penfolda passará a ser o lar delas.

Ela sorriu à idéia. Eustace pegou as mãos de Virgínia entre as suas, por sinal enormes, inclinando-se para beijá-la na aberta e risonha boca.

— Um novo lar e um novo pai — acrescentou ela quando recuperou o fôlego.

Mas Eustace parecia não a estar ouvindo. — Por falar no diabo...

E Virgínia ouviu e viu as crianças, atravessando o jardim, falando, as vozes estridentes.

— Ei, os gatinhos estão aqui, esquentando-se ao sol... e não tomaram seu leite!

— Deixe os bichinhos em paz, Nicholas. Eles estão dormindo.

— Este aqui não está dormindo. Tem os olhos abertos. Venha ver.

— Onde será que está mamãe? Mamãe!

— Aqui dentro — respondeu Eustace.

— Mamãe, tia Alice Lingard quer saber se você vai voltar para casa. — Cara apareceu na porta da cozinha, os óculos tortos, os cabelos despenteados. — Ela nos serviu ovos com *bacon*, mas ficamos esperando, esperando, e ela disse que a sra. Jilkes vai pensar que ela sofreu um acidente de carro e morreu...

— Isso mesmo. — Nicholas apareceu por trás da irmã, um gatinho com as garras rosadas agarrado na frente de sua suéter. — Só acordamos às onze e quinze, hora em que tia Alice subiu para ver a gente. Quase não comemos nada de manhã, esperando pela hora do almoço... mas eu estava sentindo tanta fome...

A voz baixou. Ele percebeu que ninguém respondia. A mãe e Eustace estavam sentados em silêncio, observando-o. Cara olhava para a mãe como se nunca a tivesse visto antes. Nicholas ficou desconcertado.

— Qual é o problema? Por que ninguém está falando?

— Esperávamos que você acabasse de falar — disse Virgínia.

— Por quê?

Virgínia olhou para Eustace, que se inclinou para a frente e puxou Cara para seus braços. Com toda a gentileza, muito sério, ele lhe endireitou os óculos. Nicholas viu que ele sorria.

— Temos uma coisa para lhes contar — anunciou Eustace.

Fim

Este *ePub* teve como base uma
digitalização em *Doc* feita pela **Vick**.

Junho de 2014

LeYtor